CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
Doutorado em Estudos de Linguagens

Fabrício Paiva Araújo

HORRORES INIMAGINÁVEIS:
memória, trauma e testemunho do Holocausto em Primo Levi

Belo Horizonte (MG)
2019

Fabrício Paiva Araújo

Horrores Inimagináveis:
memória, trauma e testemunho do Holocausto em Primo Levi

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos de Linguagens.

Linha de Pesquisa: Literatura, Cultura e Tecnologia

Orientador: Prof. Dr. Roniere Menezes

Belo Horizonte
09 de maio de 2019

Araújo, Fabrício Paiva.
A663h Horrores inimagináveis : memória, trauma e testemunho do Holocausto em Primo Levi / Fabrício Paiva Araújo. – 2019.
179 f. : il.
Orientador: Roniere Menezes

Tese (Doutorado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Belo Horizonte, 2019.
Bibliografia.

1. Mémoria. 2. Trauma psíquico. 3. Testemunho. 4. Holocausto judeu. 5. Levi, Primo, 1919-1987. I. Menezes, Roniere. II. Título.

CDD: 940.5381

Ficha elaborada pela Biblioteca - Campus I – CEFET-MG
Bibliotecário: Wagner Oliveira Braga CRB6 - 3261

Fabrício Paiva Araújo

Horrores Inimagináveis:
memória, trauma e testemunho do Holocausto em Primo Levi

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, em 09 de maio de 2019, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Estudos de Linguagem, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

_____
Prof. Dr. Roniere Silva Menezes - CEFET/MG - Orientador

_____
Profª. Drª. Cláudia Cristina Maia - CEFET/MG

_____
Profª. Drª. Denise Borille de Abreu - PUC/MG

_____
Profª. Drª Eliana da Conceição Tolentino - UFSJ/MG

_____
Prof. Dr. Luiz Henrique S. Oliveira - CEFET/MG

Dedico esta tese à

Débora Braga Araújo

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos familiares, amigos e professores que contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao professor Dr. Roniere Menezes, meu orientador.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (POSLING) do CEFET-MG.

Ao Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

Ao Núcleo de Estudos de Guerra e Literatura (NEGUE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Ao Sr. Amilton de Paiva Araújo e à Sra. Maria de Fátima L. Araújo.

Ao Museu do Holocausto de Curitiba.

Ao Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau.

Ao Yad Vashem.

Resistência

Resistiu quem conseguiu um pedaço de pão.

Resistiu quem deu aula às ocultas.

Resistiu quem escreveu e distribuiu um jornal clandestino,

advertindo e pondo fim às ilusões.

Resistiu quem introduziu secretamente um Sefer Torá.

Resistiu quem falsificou documentos “arianos” que salvaram vidas.

Resistiu quem conduziu os perseguidos de uma terra a outra.

Resistiu quem descreveu os acontecimentos e enterrou o papel.

Resistiu quem ajudou aos mais necessitados ainda.

Resistiu quem pronunciou as palavras que trouxeram seu próprio fim.

Resistiu quem se ergueu com mãos nuas contra seus assassinos.

Resistiu quem transmitiu mensagens entre os sitiados,

e conseguiu trazer instruções e algumas armas.

Resistiu quem sobreviveu.

Resistiu quem combateu armado nas ruas das cidades, nas montanhas e florestas.

Resistiu quem se revoltou nos campos de extermínio.

Resistiu quem se rebelou nos guetos, entre os muros caídos,

na revolta mais destituída de esperança que algum ser humano jamais vivenciou.

Haim Guri – poeta israelense

RESUMO

Diversas são as linguagens usadas para representar o Holocausto ou *Shoah,* das narrativas historiográficas à literatura, da sociologia à filosofia e dos quadrinhos e fotografias à produção cinematográfica. A transmissão do horror e da opressão absoluta vivida nos campos de concentração e extermínio vem sendo há anos um assunto visto como de grande importância no meio acadêmico. Este trabalho visa contribuir com os estudos sobre a construção da memória e do testemunho de sobreviventes que, a despeito do contínuo tormento da rememoração, contam suas histórias. A pesquisa baseia-se principalmente na discussão de duas importantes obras - *É isto um homem?* e *Os afogados e os sobreviventes*, de Primo Levi. Ademais, as obras de Levi dialogam com quatro fotografias tiradas por prisioneiros em Auschwitz, cujos conceitos de imagem e memória traumática são abordados à luz das discussões de teóricos como Walter Benjamin, Paul Ricoeur, Giorgio Agamben, Didi-Huberman, Márcio Seligmann-Silva e Michel Foucault, entre outros. O objetivo é analisar como os dois textos, em diálogo com os conceitos que emanam das chapas tiradas em Auschwitz, refletem e contribuem, no presente, para a construção da memória coletiva e cultural das comunidades judaicas represadas nos campos de concentração e extermínio da Segunda Guerra Mundial. Primeiramente, discutem-se conceitos que lidam com a questão da memória coletiva, um domínio que ao mesmo tempo é composto de memórias individuais e determinam estas a memória cultural: manifestações culturais eleitas como símbolos da memória coletiva dos grupos, sejam essas nações ou minorias. Em seguida, discute-se como a narrativa testemunhal tem a capacidade de lidar com memórias ao permitir diversos pontos de vista e dar voz àqueles que não teriam outro canal de expressão. Tais obras incorporam o discurso imagético, o historiográfico e o autobiográfico, oferecendo *insights* que nos ajudam a repensar, no âmbito da literatura comparada, a relação entre memória, trauma e testemunho, assim como as questões envolvendo a dor, a revolta e a indignação.

Palavras-chave: Memória; Trauma; Testemunho; Holocausto; Primo Levi.

ABSTRACT

Several languages have been used to represent the Holocaust or *Shoah*, from historiographical narratives to literature, from Sociology to Philosophy and from comics and photographs to cinematographic production. The transmission of horror and absolute oppression experienced in the death camps has for years been a subject seen as of great importance in the academic milieu. This work aims to contribute to the studies on the construction of memory and the notion of the testimony of survivors who, in spite of the continuous torment of remembrance, tell their stories. The research is mainly based on the discussion of two important works – *If This is a man?* and *The Drowned and the Saved*, by Primo Levi. In addition, Levi's works deal with four photographs taken by prisoners at Auschwitz, whose concepts of image and traumatic memory are approached in the light of the discussions of such theoreticians as Walter Benjamin, Paul Ricoeur, Giorgio Agamben, Didi-Huberman, Márcio Seligmann-Silva and Michel Foucault, among others. The objective is to analyze how the two texts, in contrast to the concepts emanating from the photos taken at Auschwitz, reflect and contribute at the present to the construction of the collective and cultural memory of the Jewish communities imprisoned in the death camps of World War II. Firstly, concepts which deals with the subject of memory are discussed, a domain that at the same time is composed of individual memories and determines the cultural memory: cultural manifestations chosen as symbols of the collective memory of groups, whether these are nations or minorities. It then discusses how the testimonial narrative has the ability to deal with memories by allowing diverse points of view and giving voice to those who would have no other channel of expression. These works incorporate the imaginary, historiographical and autobiographical discourse, offering insights that help us to rethink, in the context of comparative literature, the relation between memory, trauma and testimony, as well as issues involving pain, revolt and indignation.

Keywords: Memory; Trauma; Testimony; Holocaust; Primo Levi.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Numeração 280 135
Figura 2 – Numeração 281 135
Figura 3 – Numeração 282 138
Figura 4 – Numeração 283 142

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15
Tempo e narrativa 16
Literatura e história 19

1. MEMÓRIA E TESTEMUNHO 25
1.1 Revirando os escombros: o esvaziamento da experiência transmissível, o desencontro com o real e a ascensão do horror 26
1.2 O mal permanente e perturbante no testemunho do sobrevivente de Auschwitz 50
1.3 Ódio, vingança e perdão 74

2. O CORPO 94
2.1 Presságios do corpo: dores da carne e tormentos da alma na sobrevida do *Lager* 95
2.2 O muçulmano do *Lager* 108

3. TEXTOS E IMAGENS 132
3.1 Imagens que narram: contrabandeando para além dos muros 133

CONCLUSÃO 160
Narrar a barbárie 161

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 171

INTRODUÇÃO

Tempo e narrativa

O judeu italiano Primo Michele Levi (1919-1987) se destaca por narrar, em primeira pessoa, suas memórias a respeito do tempo em que esteve recluso no campo de extermínio em Auschwitz, um dos lugares onde se deu o genocídio nazista. Nascido em Turim, na Itália, Primo Levi fez a sua formação profissional em química, na Universidade de Turim, e conseguiu se formar antes que as leis fascistas impedissem aos judeus que frequentassem as universidades. Porém, é como escritor que ele ganha maior visibilidade. Suas obras já foram traduzidas para mais de 40 línguas, sendo a principal delas, *É isto um homem?*. Essa obra é considerada por especialistas como um documento, ou o registro de denúncia, de um dos testemunhos mais importantes a respeito da rotina do campo de extermínio e da violência sofrida por Levi e pelos internos durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que se deu no final da primeira metade do século XX.

A discussão desta tese se dá, principalmente, através da análise de duas obras escritas pelo judeu italiano Primo Levi: *É isto um homem?* (edição de 1988), e *Os afogados e os sobreviventes* (edição de 2004). As obras selecionadas revelam as experiências traumáticas vividas por Levi durante o tempo em que ele esteve recluso no campo de extermínio em Auschwitz. No último capítulo, em diálogo com as obras de Levi, será feita a análise de quatro fotografias registradas clandestinamente por alguns prisioneiros de Auschwitz. Até onde se sabe, esses retratos são os únicos registros fotográficos feitos, em plena atividade do *Lager* (campo de concentração), por prisioneiros nesse campo de extermínio. Em um mundo em que a fotografia se multiplica de forma exaustiva, a investigação dessas chapas tiradas em Auschwitz tem o intuito de questionar a força da imagem em arrebatar o real, dar refúgio para a história e para memória traumática.

Praticamente um ano depois de ter sido liberto do campo de extermínio em Auschwitz pelas tropas russas em 1945, Levi sentiu a urgência de escrever suas memórias e publicou sua primeira narrativa. Originalmente com o título, *Se questo è un uomo*, esse primeiro trabalho memorialístico é um registro do testemunho e das experiências traumáticas do autor durante os 11 meses em que ele esteve encarcerado no mais infame campo de extermínio nazista, onde apenas uma pequena porcentagem dos prisioneiros sobreviveu. Levi usa sua obra para testificar os horrores que ele viu e vivenciou em Auschwitz. Nessa primeira obra, a

necessidade de testemunhar se mostra urgente e essencial. Conforme Levi aponta no prefácio do livro: “A necessidade de contar ‘aos outros’, de tornar ‘os outros’ participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares” (LEVI, *É isto um homem?*, p. 7). Levi nos mostra que testemunhar é algo que o faz sobreviver. Para o sobrevivente existe o desafio de fazer com que seu testemunho chegue ao conhecimento dos “outros”. Através da narrativa o sobrevivente consegue encurtar o distanciamento que existe entre o trauma vivido no *Lager* e o mundo fora do *Lager*. Mesmo assim, as fronteiras que limitam o literário, o fictício e o descritivo serão sempre alvo de questionamentos.

Na véspera de sua primeira obra, *É isto um homem?* (1947), completar quarenta anos, o último livro escrito por Primo Levi, *Os afogados e os sobreviventes* (1986), foi publicado. Neste último trabalho, lançado pouco antes de sua morte, em 1987, Levi faz uma releitura minuciosa de suas próprias memórias. As memórias que foram narradas e as reflexões que deram vida ao seu primeiro livro são desenvolvidas nessa última narrativa para tentar esclarecer questões que a primeira obra não foi suficiente para explanar. Levi questiona a dificuldade de representar e falar sobre o Holocausto ou *Shoah* [1]. Outra questão importante abordada pelo autor nesta última obra está relacionada com a necessidade do sobrevivente de testemunhar o que não é testemunhável. O escritor também trata de assuntos ligados à preservação da memória e como ela se torna um elo entre as vítimas. Levi nos mostra, com maior prudência, como o testemunho do sobrevivente é significativo para refletir e entender o dever de continuar lutando para que a sua memória não caia no esquecimento e no descrédito. Sendo assim, *Os afogados e os sobreviventes*, assume um caráter ensaístico. Adorno explica que,

> o ensaio pensa em fragmentos, uma vez que a própria realidade é fragmentada; ele encontra sua unidade ao buscá-la através dessas

[1] Nas línguas vulgares, o termo hebraico *Shoah*, originário do idioma ídiche, significa, em livre tradução, “calamidade” ou “catástrofe”. Muitos estudiosos, como Giorgio Agamben (2008), por exemplo, adotam o uso desse termo pelo fato do seu significado não assumir uma conotação religiosa e não carregar o peso do termo Holocausto, proposto por Elie Wiesel (2006), que significa “sacrifício”. O termo Holocausto está relacionado com a prática da expiação de pecados por incineração, o que permite atenuar o peso do termo “catástrofe”, isto pode, de certa forma, contribuir com a perpetuação do antissemitismo. Outros estudiosos, para evitar o debate histórico e social que esses termos provocam, preferem o uso das expressões “genocídio nazista” ou “extermínio nazista”, abordagem escolhida, por exemplo, por Annette Wieviorka (1992). Neste trabalho, optamos por usar o termo *Shoah*, por entender que os nazistas praticaram um genocídio, um crime contra a humanidade, e não um mero ato sacrificial para contemplar e adorar a Deus.

> fraturas, e não ao aplainar a realidade fraturada. A harmonia uníssona da ordem lógica dissimula a essência antagônica daquilo sobre o que se impõe. A descontinuidade é essencial ao ensaio; seu assunto é sempre um conflito em suspenso. (ADORNO, 2003, p.35)

Porém, a primeira obra aparenta ser mais fragmentada, enquanto em sua última obra, Levi revira os assuntos já revelados em *É isto um homem?* e os submete a questionamentos mais intensos e a uma maturidade mais reflexiva para reunir os temas relacionados a sua experiência em Auschwitz. O autor critica sua própria experiência e revela maior visibilidade aos assuntos relacionados à sua vivência no *Lager*, como por exemplo, a vontade dos nazistas de destruir os registros que possibilitariam a história dos campos de concentração. A respeito dos *Lager*, Jeanne Gagnebin comenta que, "eles deveriam se tornar duplamente inenarráveis: inenarráveis porque nada que pudesse lembrar sua existência subsistiria e porque, assim, a credibilidade dos sobreviventes seria nula" (GAGNEBIN, 2006, p. 46). A narrativa de Levi trabalha justamente contra essa tentativa de se investir no esquecimento e na negação das provas de aniquilação dos prisioneiros dos *Lager*. A luta do sobrevivente é contra a destruição da memória dos "sem-nomes" e contra a repetição do horror que foi estabelecido durante a guerra.

Parece que esse distanciamento temporal entre as narrativas, de quase quatro décadas, foi fundamental para que o escritor italiano pudesse refletir e buscar esclarecimento para as questões que o atormentavam no *Lager* e nos primeiros anos de sua libertação. Mesmo assim, percebe-se que o trauma herdado em Auschwitz não se dilui com o passar do tempo. O pesadelo é brutalmente real. O trauma assume sua imperatividade e nunca abandona aqueles que vivenciaram as crueldades do campo de extermínio.

Paralelo ao testemunho de Levi, o registro fotográfico feito em 1944 por um dos homens do *Sonderkommando* [2] em Auschwitz assevera a ideia de que é possível arrancar imagens do inferno. O registro imagético, portanto, defronta afirmações que assumem a impossibilidade de abordar o horror praticado pelos nazistas. A fotografia, ao registrar a crueldade, impõe o seu poder, ela se torna suscetível a depor sobre o real. Mas para que isso seja possível, Didi-Huberman nos orienta que a imagem deve ser a "suscitação de visibilidade", a "possibilidade de

[2] Grupo especial de judeus prisioneiros destinados a manipular a morte de outros judeus. Esse grupo tinha, por exemplo, o trabalho de colocar os judeus na câmara de gás e depois enterrá-los ou incinerá-los. Esse grupo também era condenado e morria pouco tempo depois.

imaginação” e que “todo real não se dissolva no visível”, nem “todo o visível no real” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 82). O protesto do filósofo coopera para afirmar a resistência da realidade perante o excesso de chances concedido, quase que exclusivamente, ao verbal. Como ele aponta: “as quatro fotografias arrancadas ao crematório de Auschwitz dirigem-se ao inimaginável e refutam-no”. (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 33). Embora as imagens não manifestem toda uma verdade, elas enunciam rastros de verdade, elas demandam uma apreciação e uma coerência. Se a imagem não “é tudo”, afirma o filósofo, tampouco “é nada” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 50).

Portanto, as questões concernentes à memória e ao testemunho narrado por Levi, em confronto com os conceitos que emergem da força das imagens fotográficas registradas em Auschwitz, têm um papel fundamental nessa pesquisa. O testemunho, além de reunir os resíduos do passado e vinculá-los dentro de um contexto inteligível, também funciona como um dispositivo de denúncia, no qual a vítima, que vivencia o trauma, dá um destino para a violência sofrida. A memória, por sua vez, transmite a experiência dos fatos passados, para que no presente, se entenda a potencialidade do evento traumático que se estabeleceu na vida daqueles que vivenciaram as atrocidades produzidas em Auschwitz.

Literatura e história

Existem vários limites e perigos pertinentes à história narrada. O tempo é o principal agente causador das imprecisões das lembranças do passado. As testemunhas do horror, por sua vez, misturam em seus relatos a imprecisão dos eventos vividos, fazendo com que as lembranças do passado transitem entre o fato e a ficção. Por isso, existe o risco da contradição testemunhal, onde o depoimento de um mesmo fato pode ser visto, ouvido e conhecido diferentemente por quem o observa. Portanto, o testemunho corre o risco de se corromper. Mesmo assim, é importante salientar que, em termos gerais, não existe intenção dolosa por parte das testemunhas em querer distorcer os fatos. O que realmente ocorre é a limitação da mente humana em fazer vir à memória lembranças do passado.

Assim acontece com as memórias narradas, como é o caso dos testemunhos dos judeus que resistiram ao genocídio nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Apesar da riqueza de detalhes para compor as narrativas, um mesmo evento pode

ser entendido ou caracterizado de múltiplas maneiras por quem o vivenciou. As narrativas dos sobreviventes mostram a representação da história na Era dos Extremos, e que a história não pode ser vista simplesmente como um progresso linear de eventos. O relacionamento entre história e literatura não pode ser evitado, pois quando história e literatura trabalham juntas,

> os conceitos já estabelecidos sobre história e literatura ficam abalados. A história passa a ser vista com um sentido mais amplo e não somente no que diz respeito a fatos e eventos cronológicos, mas como uma descrição mais abrangente da realidade humana, levantando assim, questões de interesses antropológico e sociológico, assim como as questões já levantadas por historiadores tradicionais. (THOMAS, 1991, p. 226) [3]

Thomas entende que toda forma de expressão escrita é um tipo de "documento histórico" e que a literatura abrange interesses que vão além da antropologia e da sociologia para revelar as tendências verdadeiras da história. Por outro lado, críticos têm questionado se "a veracidade dos fatos históricos pode ser puramente e objetivamente conhecida. É menos provável que eles vejam a história como sendo linear e progressiva do que sendo desenvolvida em direção ao presente" (THOMAS, 1991, p. 228) [4].

Quando literatura e história trabalham juntas, a noção dos seus conceitos pode sofrer alterações. A intercessão entre literatura e história sugere um "novo" conceito que envolve a "transferência do interesse literário da própria obra literária para a obra literária compreendida pelo contexto histórico" (CULLER, 2000, p. 288) [5]. Portanto, a obra literária caracteriza a história extensivamente, não apenas como um relato dos fatos e eventos, mas também para explicar o comportamento humano e o contexto no qual esse comportamento está inserido.

O pesquisador Márcio Seligmann-Silva aponta para a importância de uma revisão na noção de literatura,

---

[3] Todas as traduções do inglês, salvo outra indicação, são de nossa autoria. No original, temos: "It is a movement that would destabilize our overly settled conceptions of what literature and history are. It is one, too, that would define history broadly, not as a mere chronicle of facts and events but, rather, as a "thick description" of human reality, one that raises questions of interest to anthropologists and sociologists, as well as those posed by traditional historians" (THOMAS, 1991, p. 226).

[4] No original, temos: "have come to wonder whether the truth about what really happened can ever be purely and objectively known. They are less likely to see history as being linear and progressive, as something developing toward the present" (THOMAS, 1991, p. 228).

[5] No original, temos: "involves the transfer of literary interest from the literary work itself to the literary work grasped in a historical context" (CULLER, 2000, p. 288).

> justamente porque do ponto de vista do testemunho ela passa a ser vista como indissociável da vida, a saber, como tendo um compromisso com o real. Aprendemos ao longo do século XX que todo produto da cultura pode ser lido no seu teor testemunhal. Não se trata da velha concepção realista e naturalista que via na cultura um reflexo da realidade, mas antes de um aprendizado – psicanalítico – da leitura de traços do real no universo cultural. (SELIGMANN-SILVA, 2008, p.71)

Além disso, o filósofo e crítico literário Terry Eagleton nos propõe uma abordagem diferente para uma provável definição da literatura. Para Eagleton, "a definição de literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve ler, e não da natureza daquilo que é lido". (EAGLETON, 2003, p.11). O valor que se dá ao texto pode mudar de acordo com a abordagem do leitor. A forma como o texto é atingido e os afetos que se permitem em relação ao texto irão delinear aquilo que se impõe a ele. A literatura também pode ser vista como a forma de se relacionar e valorizar a escrita, tendo em vista que diferentes leitores vão abordar um mesmo texto com diferentes perspectivas e interesses. A literatura se mostra como um agente de intensa transformação da linguagem comum, se distinguindo assim, da fala rotineira e banal que nos acompanha no nosso dia a dia. Conforme Eagleton:

> talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou "imaginativa", mas porque emprega a linguagem de forma peculiar. Segundo essa teoria, a literatura é a escrita que, nas palavras do crítico russo Roman Jakobson, representa uma "violência organizada contra a fala comum". (EAGLETON, 2003, p.2)

Ao abordar a escritura que carrega a memória e o testemunho do sobrevivente do *Lager*, Seligmann-Silva afirma que "a literatura está ali onde o sujeito se manifesta na narrativa" (SELIGMANN-SILVA, 2005, p.85). Sendo assim, é imprescindível realizar uma análise literária das obras abordadas nesse trabalho para entender a relação e o compromisso do sobrevivente com o "real", assim como o questionável processo de composição factual e ficcional das narrativas.

É Isto Um Homem?, considerado pela crítica internacional como um dos trabalhos memorialísticos mais importantes do século XX, foi a primeira obra escrita por Levi para relatar seu testemunho durante o tempo em que ele esteve recluso no *Lager*. A relevância do livro começa pelo título, que traz uma alusão ao tratamento sub-humano dos prisioneiros em Auschwitz. O leitor se vê convidado a fazer um

julgamento da humanidade em meio à desumanidade. A obra de Levi também narra, em detalhes, sua experiência de sobrevivência no campo de extermínio.

Na última obra de sua carreira, *Os afogados e os sobreviventes*, Levi faz uma releitura de suas próprias memórias e tenta elucidar algumas pendências que estavam deficientes em sua primeira obra. Talvez, por ter lhe faltado a maturidade necessária ao narrar *É isto um homem?*, algumas respostas a respeito da fuga ou da rebelião dos internos ficaram pendentes. Nessa última obra, portanto, a preocupação do autor não é mais contar, narrar, mas esclarecer, entender, explicar o fenômeno do *Lager*. Assim explica Levi:

> Este livro pretende contribuir para o esclarecimento de alguns aspectos do fenômeno Lager que ainda são obscuros. Propõe-se também um fim mais ambicioso; pretende responder à pergunta mais urgente, à pergunta que angustia todos aqueles que tiveram oportunidade de ler nossas narrativas: em que medida o mundo concentracionário morreu e não retornará mais, como a escravidão e o código de duelos? Em que medida retornou ou está retornando? Que pode fazer cada um de nós para que, neste mundo pleno de ameaças, pelo menos esta ameaça seja anulada? (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 17).

Levi questiona a dificuldade de trazer à memória as questões relacionadas à *Shoah* através do árduo trabalho de ter que representar em narrativas a sua experiência traumática. Ele também faz questão de argumentar sobre a necessidade de narrar o inaudito. Levi aborda questões importantes sobre a preservação da memória e mostra como ela é essencial para fazer com que os sobreviventes se aproximem. Mais prudente em suas asserções, o autor nos mostra a importância de refletir e entender o dever de continuar lutando para que a memória do extermínio não seja abandonada e desonrada.

Aparentemente, o que permanece para Levi após escapar de Auschwitz é exatamente escrever sobre suas memórias traumáticas. De acordo com Kali Tal, “um dos temas mais fortes na literatura do trauma é o desejo de dar o testemunho, carregar o conto do horror de volta ao lugar da ‘normalidade’ para testificar a verdade da experiência”. (TAL, 1996, p. 120) [6]. A escrita de Levi trabalha justamente para lembrar aquilo que ele gostaria de esquecer, a vergonha e a má fama, mas sua narrativa normalmente está carregada de traumas. Além disso, Tal explica que o

[6] No original, temos: “one of the strongest themes in the literature of trauma is the urge to bear witness, to carry the tale of horror back to the hall of ‘normalcy’ and to testify to the truth of the experience” (TAL, 1996, p. 120).

“trauma é uma experiência transformadora, e aqueles que são transformados nunca poderão retornar inteiramente a um estado de inocência anterior” (TAL, 1996, p. 119) [7]. Portanto, o trauma tem um papel importante no estudo das narrativas dos sobreviventes dos campos de extermínio. O trauma é frequentemente abordado nas histórias contadas pelos judeus sobreviventes e parece ser um dos maiores estorvos deixados por eles. Essas narrativas geralmente tratam o trauma como se fosse uma maldição que interruptamente persegue e atormenta a mente dos que sobreviveram ao genocídio nazista.

Embora as narrativas de memórias da *Shoah* também possam ser vistas como documentos ou fontes de pesquisa de representações do passado, ao analisar os relatos dos sobreviventes da *Shoah*, a pretensão de verdade da memória é subjugada. Aqueles que viveram, nas palavras de Benjamin, “a experiência do choque”, esses se calaram e não voltaram para relatar suas experiências (BENJAMIN, 2000, p. 115). Agamben, por sua vez, analisando o testemunho de Levi [8], relata que

> as “verdadeiras” testemunhas, as “testemunhas integrais” são as que não testemunharam, nem teriam podido fazê-lo. São os que “tocaram o fundo”, os mulçumanos, os submersos. Os sobreviventes, como pseudotestemunhas, falam em seu lugar, por delegação: testemunham sobre um testemunho que falta. (AGAMBEN, 2008, p. 43).

Dito assim, a testemunha e o testemunho verdadeiro são colocados em xeque, pois a verdade que eles carregavam foi extinta juntamente com os seus corpos mortos. Porém, a problemática dos aspectos relativos à validade daquele que testemunha não se presta unicamente a uma análise lógica, de conceitos imutáveis e baseados somente no testemunho dos mortos. A respeito dos testemunhos, podemos formular juízos de fato e de caráter objetivo, mas também juízos de valor e de caráter essencialmente subjetivos. Lidamos, então, com verdades factuais e verdades subjetivas. São problemas assim que as obras de Levi nos convidam a levar em consideração na discussão aqui proposta, onde o processo de lembrar e o ofício de contar histórias estão ligados intimamente à literatura como um todo.

---

[7] No original, temos: “trauma is a transformative experience, and those who are transformed can never entirely return to a state of previous innocence” (TAL, 1996, p. 119).
[8] P. Levi, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 47-8.

Em seu artigo intitulado *The Historical Text as Literary Artifact*, Hayden White nos ajuda a entender que:

> toda a escrita histórica, como narrativa, depende de um "ponto inegociável", a forma da própria narrativa, e ainda que as histórias da história são compreensíveis em virtude da dependência de formas fictícias. A partir dos materiais da crônica simples, como uma série de eventos, um conjunto de fatos, o historiador fornece explicações apenas fornecendo coerência formal: a história, se assim podemos dizer, nunca é simplesmente os fatos, ela tem que ser criada. (WHITE, 1986, p. 394) [9]

Sendo assim, a veracidade dos relatos escritos por sobreviventes dos campos de morte assume o risco de serem tratadas com pouco compromisso. A verdade dessas histórias transita por um viés que levanta suspeita e coloca o leitor em uma situação onde ele precisa observá-las com cuidado, pois o leitor pode não levá-las a sério. O leitor pode suspeitar da veracidade dessas narrativas pela razão de que essas histórias são muitas vezes o relato de um sobrevivente traumatizado e uma mente traumatizada pode estar desconecta da realidade e confundir os fatos, assim como distorcer eventos e corromper a verdade. Além disso, o processo de escrita demanda ordem, estrutura e coerência com o passado, criação e imaginação, e o uso da imaginação no processo da escrita é um fator fundamental em obras de ficção, como sabemos. Como White tem notado: "toda história é ficção". Porém, ao analisar as narrativas dos judeus sobreviventes da *Shoah* e a representação desse momento específico de suas vidas, percebe-se que a veracidade assertiva exerce pouca importância em seus relatos. Muitos daqueles que escaparam de Auschwitz e decidiram testemunhar suas experiências estão menos preocupados se seus relatos são ficção ou não-ficção, do que com a importância do momento histórico que eles vivenciaram. Suas narrativas, fascinantes exatamente porque representam as experiências do passado de modo intenso, devem ser consideradas um legado de grande importância.

---

[9] No original, temos: "all historical writing, as narrative, depends on a 'nonnegotiable item,' the form of the narrative itself, and, further, that the stories of history are understandable by virtue of reliance on fictive forms. From the materials of the simple chronicle, as a series of events, a set of facts, the historian provides explanations only by providing formal coherence: the story, that is to say, is never simply there in facts, but must be created" (WHITE, 1986, p.394).

1. MEMÓRIA E TESTEMUNHO

1.1 Revirando os escombros: o esvaziamento da experiência transmissível, o desencontro com o real e a ascensão do horror

Apesar da tentativa do regime opressor nazista em ocultar a barbárie que culminou nos campos de extermínio da Segunda Guerra mundial, os judeus que sobreviveram, à então, chamada “solução final” (*Endlösung*), se esforçam para não deixar suas memórias traumáticas caírem no esquecimento. Em grande parte dos casos, é através de narrativas orais e escritas que esses sobreviventes procuram registrar suas memórias. Eles revelam em seus testemunhos a verdade da catástrofe a que foram submetidos. Ao retomar os fatos passados e discutir a representação de suas experiências, acende-se um desejo, na mente e no coração do sobrevivente, em legitimar a própria existência para que a construção de um futuro seja possível e traga novos sentidos à vida. Ao testemunhar, a influência do passado sobre o presente se torna evidente na recordação e composição da narrativa do sobrevivente. Surge, portanto, a necessidade de uma reflexão crítica a respeito das experiências vividas pelo habitante encarcerado no campo de extermínio. Reflexão esta que transcende os conhecimentos meramente históricos, para englobar e redimensionar diversos conhecimentos presentes nos estudos culturais e literários.

Portanto, a construção da memória, a escolha daquilo que se quer lembrar, e, progressivamente, renovar e refazer o mundo ao seu redor, torna-se, para o sobrevivente do *Lager* (campo de concentração), uma rotina e um fardo. A angústia em ter que constantemente lidar com o que é preciso recordar, transmitir e preservar é confrontada com a responsabilidade de saber o que precisa ser descartado, esquecido e anulado. A transmissão oral das experiências vividas e o relato escrito dessas experiências surgem para suprir a necessidade de resgatar o passado e conservar o testemunho. Por isso, a memória, sendo ligada à questão da linguagem - memória falada e escrita – torna-se um enigma a ser estudado. Sendo assim, a contribuição aqui proposta aborda assuntos relevantes que explanam a relação entre memória e testemunho, no que diz respeito a suas verdades factuais e subjetivas, ou seja, o discurso do real em confronto com o discurso fruto dos anseios e da imaginação humana. O objetivo principal deste capítulo é investigar como a

experiência do horror é representada no testemunho de Primo Levi, judeu italiano e sobrevivente do campo de extermínio em Auschwitz.

Justamente pela impossibilidade de narrar a totalidade do horror, o ato de narrar torna-se algo imprescindível para aqueles cuja memória atormentada escapa à consciência e cujos pesadelos constantes tornaram-se um hábito. Narrar experiências psicológicas muito agressivas é um exercício árduo e complexo, principalmente porque algumas de suas principais características trazem o cunho da denúncia e o desejo de exorcizar a dor. As lembranças geradas no ato de narrar o trauma e expor o testemunho despertam pensamentos violentos e trazem à tona experiências que a vítima gostaria de poder não lembrar. Mesmo não havendo palavras suficientes para descrever o horror, narra-se, insistentemente, para não se esquecer do passado, para lutar em prol da vida presente e futura. Narra-se para facilitar o acesso às questões pertinentes à alma humana. É exatamente esse acúmulo de traumas e choques sucessivos que induz o sobrevivente a especular e a desenvolver uma maneira de narrar que excita grande interesse. Primo Levi, sem diferenciar-se muito de outras narrativas de sobreviventes da *Shoah*, assim o faz. Ele constrói sua obra não apenas como um objeto de denúncia, mas também a trata como um documento disponível, um instrumento de fácil acesso para que se saiba mais sobre a espécie humana e sobre o que o homem é capaz de fazer ao próprio homem. No prefácio de *É isto um homem?*, ele afirma:

> Este meu livro, portanto, nada acrescenta, quanto ao que já é bem conhecido dos leitores de todo o mundo com referência ao tema doloroso dos campos de extermínio. Ele não foi escrito para fazer novas denúncias; poderá, antes, fornecer documentos para um sereno estudo de certos aspectos da alma humana. (LEVI, *É isto um homem?*, p. 7)

Para grande parte dos sobreviventes do *Lager*, narrar é, além de outras questões, transpor as barreiras construídas pela experiência vivida em Auschwitz, que inconscientemente os cercam e insistem em aprisionar suas mentes. De certa forma, ao testemunhar, ao compor suas narrativas, o sobrevivente também pratica um exercício terapêutico. Ao criar sua narrativa, o traumatizado ganha voz e pode se expressar como bem lhe convier. O exercício da escrita pode ajudar o sobrevivente a amenizar o trauma sofrido. O processo de escrever pode funcionar como uma estratégia de escape do trauma. O traumatizado pode encontrar no desenrolar da

escrita um lugar de refúgio. Escrever a respeito do trauma pode funcionar como um dispositivo que dá fuga para a angústia e a dor que assola a mente do oprimido. Porém, decifrar os acontecimentos do passado e fazê-los verdadeiros no presente, uma vez que é impossível retornar ao passado para averiguar os fatos, é um exercício difícil e que carrega elementos cheios de suspeitas. Segundo Seligmann-Silva, “o trauma encontra na imaginação um meio para sua narração” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 70). Essa narração imaginada, fruto do trauma, possibilita promover uma profunda e fecunda relação com o mundo, pois “o testemunho também é um momento de tentativa de reunir os fragmentos dando um nexo e um contexto aos mesmos” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 85). Esse processo de aprendizado de relações ajuda o sobrevivente a colocar sob suspensão a inércia e alguns hábitos que o deprimem para ampliar o mundo da experiência de vida. Sendo assim, é possível afirmar que é na imaginação não esterilizada que se acha a liberdade para narrar. O sobrevivente precisa afirmar novas possibilidades geradoras de uma autonomia imaginadora de experimentação do limite. A experiência do limite, através da capacidade humana de imaginar, é fator fundamental para agir eticamente. O sobrevivente não é, e nem nunca será, o outro, mas ele pode se imaginar em seu lugar para enxergar o mundo com outros olhos. O medo de não querer testemunhar e o medo de errar esterilizam a imaginação. A reinvenção da vida, portanto, se acha na autonomia de inventar novos mundos, possíveis ou impossíveis, mas mundos que pertencem ao seu criador.

Ser livre, porém, não significa ser redimido. Levi, como testemunha de um evento traumático, apropria-se da narrativa para ajudá-lo a sobreviver. Testemunhar torna-se um dispositivo importante para a condição da sobrevivência. Ele precisa contar a sua experiência traumática e envolver os outros para tentar aproximá-los da sua experiência narrada. Em muitos casos, aquele que sofre o trauma anseia por testemunhar e denunciar aquilo que ameaça a sua segurança e a sua vida. Existe no sobrevivente do trauma uma carência que o impele à narração, uma necessidade de exorcizar os “demônios” que se manifestam, atormentam sua mente e sufocam sua alma. O ato de narrar o testemunho pode funcionar como uma espécie de remédio para a mente angustiada e ajuda o sobrevivente a se desvencilhar, ainda que por um curto momento, da dor e do horror que geram o medo intenso e o sentimento de desamparo. Porém, o acontecimento traumático não se deixa passar despercebido, ele é perturbante e reexperimentado de modo persistente. Segundo Levi:

> a recordação de um trauma, sofrido ou infligido, é também traumática, porque evocá-la dói ou pelo menos perturba: quem foi ferido tende a cancelar a recordação para não renovar a dor; quem feriu expulsa a recordação até as camadas profundas para dela se livrar, para atenuar seu sentimento de culpa (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 20).

Ao expor os tormentos fruto do trauma, o fardo que se carrega, gerado pela experiência catastrófica, aparenta certa leveza e faz a sobrevida persistir por algum tempo a mais. Embora não remido dessa ansiedade perturbadora, o sobrevivente tem a chance de se imaginar livre das memórias que lhe tiram o significado da vida. Cria-se, assim, um desejo e uma nova condição para viver ressurge dos restos sombrios de Auschwitz. Mesmo assim, é importante frisar que a memória de um acontecimento traumático pode condicionar o pensamento e atenuar o sentido da vida. A memória lesionada rompe com as proteções da consciência e está sempre retornando à disfunção psicológica que a originou.

Stephen Mayer, filho de um sobrevivente do campo de extermínio em Auschwitz e Ph.D. pela Universidade de Yale nos E.U.A., nos explica em seu artigo, *Bearing Witness to the Holocaust: How the First Video Archive of Holocaust Testimonies Was Established*, que o Holocausto foi um evento tão absurdo que afetou não apenas o estado físico dos prisioneiros, mas também a memória de seus sobreviventes. Muitos dos que conseguiram escapar de Auschwitz não foram capazes de transmitir o que de fato aconteceu no campo de extermínio; outros ficaram completamente incapazes de falar qualquer coisa a respeito das experiências traumáticas que os hostilizaram e os dominaram durante o período de reclusão no *Lager*, conforme segue:

> O medo de que o destino os atacasse novamente foi fundamental para a memória de seus traumas e para incapacitá-los de falar sobre eles. O trauma foi um evento fora da realidade normal, sem começo e sem fim, e, portanto, sempre presente e indomável. E assim o imperativo de dizer foi inibido pela impossibilidade de contar. Mesmo se fosse possível dizer, aqueles dispostos a ouvir podiam estar simplesmente curiosos ou, pior ainda, podiam ter um certo prazer grotesco nas revelações de sofrimento e degradação humana. Longe de oferecer uma catarse ou cura de suas feridas psicológicas profundas, relacionar suas experiências pode, como temiam,

> simplesmente fazer reviver o horror - como aconteceu com alguns. (MAYER, 1998) [10]

Mesmo revivendo todo o horror das consequências catastróficas geradas pela guerra, da crise existencial fruto do confinamento no *Lager* e do confronto da consciência imposto pelo tratamento anti-humano da Alemanha nazista, Levi insiste, mediante incertezas, em revelar seu testemunho. Como ele afirma: “Hoje – neste hoje verdadeiro, enquanto estou sentado frente a uma mesa, escrevendo – hoje eu mesmo não estou certo de que esses fatos tenham realmente acontecido” (LEVI*, É isto um homem?*,, p.152). Parece-nos que Levi se confunde com a realidade dos fatos vividos e com a capacidade da mente de fingir ou imaginar eventos a partir do real. A consequência da guerra na mente da vítima pode gerar um distúrbio indelével, causando um desajuste mental significante e desconfortável. As memórias que violentamente apoderam a mente de Levi, recordam, principalmente através de sua narrativa, a tragédia e o sofrimento. Confuso, ele parece estar perdido no tempo e no espaço ao tentar relacionar o “hoje verdadeiro”, decifrar suas lembranças traumáticas e afirmar a verdade dos fatos que tenta narrar.

O querer não dizer, o querer não lembrar e exterminar de vez as memórias que se quer esquecer é um esforço comum do sobrevivente do trauma. Mas conforme aponta Agamben: “O sobrevivente tem a vocação da memória, não pode deixar de recordar” (AGAMBEN, 2008, p. 36). Por isso, nem sempre é possível que Levi esqueça as lembranças que o afetam negativamente, que o machuca e que ele não quer mais recordar, pois o desejo do esquecimento se mistura com as imagens latentes dos fatos do passado. O sociólogo e filósofo francês Jean Baudrillard nos mostra que “o esquecimento da exterminação faz parte da exterminação, pois o é também da memória, da história, do social, etc. Esse esquecimento é tão essencial como o acontecimento, de qualquer modo impossível de encontrar para nós, inacessível na sua verdade” (BAUDRILLARD, 1991, p. 67). Mesmo com a dificuldade de acesso à verdade do acontecimento e do esquecimento, mesmo com as incertezas geradas na mente e a insuficiência do poder lembrar com exatidão, o

---

[10] No original, temos: “A fear that fate would strike again was central to the memory of their trauma and their inability to talk about it. The trauma was an event outside normal reality, with no beginning and no end, and thus ever present and unmasterable. And so the imperative to tell was inhibited by the impossibility of telling. Even if it were possible to tell, those willing to hear might be simply curious or, worse still, might take a certain grotesque pleasure in the revelations of human degradation and suffering. Far from providing a catharsis or healing their deep psychological wounds, relating their experiences might, they feared, simply revive the horror--as for some it did” (MAYER, 1998).

valor testemunhal se estabelece para aferir os fatos do passado. Adorno nos lembra que “o excesso de sofrimento real não permite esquecimento” (ADORNO, 1973, p. 64). De certa forma, a verdade dos acontecimentos dolorosos permanece na memória da vítima e é produzida pelo poder da cultura que lhe é imposto. Portanto, a obtenção da verdade se torna um legado cultural. O filósofo francês Michel Foucault, ao refletir a questão da verdade, explana o seguinte:

> A verdade não existe fora do poder ou sem o poder [...] ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 1977, p.10)

Foucault nos mostra que, no meio social em que vivemos, a verdade é construída, instituída e imposta. A dúvida que atormenta a mente de Levi, em relação ao que ele vivenciou no *Lager*, pode também estar relacionada com a imposição da construção da verdade. Essa imposição pode sugerir uma possível interpretação da obra de Levi, onde ele, inconscientemente, apenas revela aquilo que é socialmente possível digerir, ainda que traumático. Embora suas recordações possam até estar vivas e detalhadas em sua mente, as palavras lhe faltam para revelar e narrar a experiência do trauma com exatidão. Uma situação pela qual o sobrevivente não está preparado. O impacto do choque dificulta o processo de assimilação, pois sua capacidade de reação não é natural. No choque, o organismo responde com dor, em uma tentativa de se proteger e se reestabelecer do desconforto acumulado.

Diversos relatos e testemunhos de sobreviventes de Auschwitz, inclusive o testemunho de Levi, mostram-nos que é comum, entre os prisioneiros, concordar que somente aqueles que sobreviveram a Auschwitz realmente entendem, ou entenderam, o que se passou no *Lager*. Segundo Levi, “é natural e óbvio que o material mais consistente para a reconstrução da verdade sobre os campos seja constituído pelas memórias dos sobreviventes” (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p.13). Os observadores, os do lado de fora do *Lager*, ainda que analisem seus testemunhos, nunca poderão, de fato, compreender o terror que os

sobreviventes testemunharam. Mesmo assim, Levi nos explica que a verdadeira testemunha está muda ou inacessível, e apesar de haver limitações na linguagem para narrar seu testemunho, Levi afirma: “a história dos *Lager* foi escrita quase exclusivamente por aqueles que, como eu próprio, não tatearam seu fundo. Quem o fez não voltou, ou então sua capacidade de observação ficou paralisada pelo sofrimento e pela incompreensão” (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 14). A verdade do relato testemunhal será sempre alvo de questionamentos, mas o que importa é o fato de Levi, assim como muitos outros sobreviventes, não ter se rendido ao silêncio, não ter se calado em favor das atrocidades sofridas no *Lager*. Mesmo com toda insuficiência da linguagem para relatar o horror, sua narrativa nos mostra que é no revelar da história, na perspectiva do vencido, que a existência do indizível e do inacreditável se manifesta. Para Benjamin, a história deve ser “escovada a contrapelo” (BENJAMIN, 2000, p. 225), ou seja, ir contra a tradição conformista dos ditos vencedores. É preciso estar atento ao valor das contradições dos fatos narrados pelo dominado e confrontá-los com as possíveis incoerências e falsidades dos relatos do dominante. Só assim, quebrando a empatia com o vencedor, a história dos vencidos reflorescerá.

A relação entre a linguagem e o real no relato testemunhal pós Auschwitz alcança dimensões espantosas. Para Adorno, “a crítica cultural encontra-se diante do último estágio da dialética entre cultura e barbárie: escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje se tornou impossível escrever poemas” (ADORNO, 1998, p. 26). A intensidade do horror, das tristezas e angústias, nas palavras usadas para relatar a experiência do confinamento no *Lager*, transcende conceitos que outrora fora estabelecidos na literatura e nos leva a repensar as possibilidades que a literatura de testemunho demanda. O real passa a ser fruto da nossa capacidade de sentir, de aperceber, revelar e significar Auschwitz. Segundo Seligmann-Silva,

> [...] na medida em que tratamos da literatura de testemunho escrita a partir de Auschwitz, a questão do trauma assume uma dimensão e uma intensidade inauditas. Ao pensar nesta literatura, redimensionamos a relação entre linguagem e o real: não podemos mais aceitar o vale-tudo dito pós-moderno que acreditou ter resolvido essa complexa questão ao firmar simplesmente que “tudo é literatura/ficção”. Ao pensarmos Auschwitz, fica claro que mais do que nunca a questão não está na existência ou não da “realidade”, mas da nossa capacidade de percebê-la e simbolizá-la (SELIGMANN-SILVA,2003, p. 49-50).

A partir de Auschwitz, revelou-se a produção de narrativas escritas descrevendo a experiência da barbárie que gerou o testemunho de Levi. Porém, uma vez que não temos uma linguagem própria para abordar o trauma da guerra ou uma tradição para lidar com o inaudito, ou seja, com a novidade gerada pelos acontecimentos no campo de extermínio, surge a necessidade de usar uma linguagem familiar para tratar o evento traumático como algo mais manejável e que encontre lugar na sociedade. Consequentemente, o escritor do trauma conduz a sua ferida para o texto e acha no leitor uma maneira de ser ouvido, onde ambos, talvez encontrem no testemunho narrado, uma maneira para abordar, perceber e simbolizar a narrativa do sobrevivente.

Foucault nos explica que a construção da história se dá mediante diferentes funções: “memória, mito, transmissão da palavra e do exemplo, veículo da tradição, consciência crítica do presente, decifração do destino da humanidade, antecipação do futuro ou promessas de um retorno” (FOUCAULT, 2000, p. 384). A história se estabelece através de uma série de conhecimentos e indagações a respeito da vida, adquiridos pela experiência e pela prática de cada indivíduo e também do coletivo, cujo foco é moldar e instituir a identidade de um povo, mostrando o que o homem é, o que ele fez e faz. Para o filósofo,

> [...] a história é o modo de ser fundamental das empiricidades, aquilo a partir de que elas são afirmadas, postas, dispostas e repartidas no espaço do saber para eventuais conhecimentos e para ciências possíveis. [...] A história como se sabe, é efetivamente a região mais erudita, mais informada, mais desperta, mais atravancada talvez de nossa memória, mas é igualmente a base a partir da qual todos os seres ganham existência e chegam à sua cintilação precária (FOUCAULT, 2000, p. 233).

A história, a relação temporal entre o eu e o outro, assim como o processo de construção da memória, podem sofrer mudanças e diferentes conotações. A memória dialoga com as experimentações da vida, ela é a representação do ausente e está permeada de imaginação e mistérios. A história narrada carrega elementos próprios da ficção, como, por exemplo, a criação e a superstição, revelando, portanto, os limites da verdade. Porém, isso não significa retirar a legitimidade dos múltiplos registros gerados pela experiência vivida por Levi em Auschwitz, mas reivindicar “uma nova aliança com a verdade”, na tentativa de entender que “o

verdadeiro engano está na promessa de autenticidade". Como explica Seligmann-Silva:

> Mais uma vez nos distanciamos, portanto, do discurso do verdadeiro e não por acaso na segunda metade do século XX passa-se a falar em um *real lacaniano* que não pode ser descrito ou capturado pela razão ou pela imaginação. Esse real é na verdade um herdeiro da noção de trauma, i.e. de uma memória que leva em si seu apagamento. Ou seja, se nas ciências, a verdade torna-se uma questão de acerto e erro, nas humanidades, a verdade é a inacessibilidade do real, que não é nada mais que essa transformação do conceito freudiano de trauma, como des-encontro com o real. (SELIGMANN-SILVA, 2013, p. 37)

Primo Levi, ao descrever a realidade no *Lager*, nos mostra essa discrepância e esse "des-encontro" com o real ao fazer a seguinte afirmação: "parecia impossível que existisse realmente um mundo e um tempo, a não ser nosso mundo de lama e nosso tempo estéril e estagnado, para o qual já não conseguíamos imaginar um fim" (LEVI, *É isto um homem?*, p. 119). As experiências com eventos catastróficos são acentuadas por alucinações. Levi se acha completamente despreparado para deparar-se com a cruel realidade que assolava o *Lager*. As palavras lhe fugiam para descrever suas experiências traumáticas e já não era mais possível imaginar ou simbolizar a esperança. A vítima do trauma constantemente carrega uma história sintomática e cheia de impossibilidades. "O horror da experiência histórica", explica Caruth, "é mantido no testemunho apenas como uma memória ilusiva que se sente como se já não se assemelhasse a qualquer realidade. O horror é, de fato, convincente não só na sua realidade, mas ainda mais, na sua distorção flagrante e subversão da realidade" (CARUTH, 1995, p.62) [11]. A grandeza e o absurdo do evento traumático ultrapassam a capacidade de imaginar o que de fato vivenciaram os prisioneiros do *Lager*. A insuficiência das palavras aponta para o indescritível e nos revela que o ser gerado no campo de extermínio, cujas circunstâncias improváveis permitiram-lhe escapar à morte, é vazio, triste e se abstém em responder às inquietações da alma. Ele é incerto e estranho ao mundo que o cerca, pois o trauma é "uma grande ruptura que foi causada no escudo protetor contra os estímulos" (FREUD, 1920, p. 42). O trauma pode gerar outro "mundo" e outro "eu".

[11] No original, temos: "The horror of the historical experience is maintained in the testimony only as an elusive memory that feels as if it no longer resembles any reality. The horror is, indeed, compelling not only in its reality but even more so, in its flagrant distortion and subversion of reality" (CARUTH, 1995, p.62)

Como afirma Levi, “quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo” (LEVI, *É isto um homem?*, p. 25).

Desprovido de esperança, saúde mental e física, o testemunho de Levi é marcado por traumas irreparáveis. A experiência da tragédia pode ser delirante. O traumatizado fica desorientado e por isso perde a capacidade de formar juízos, deduzir e inferir a lógica. A agressão absurda o faz se distanciar da razão. Conforme aponta Seligmann-Silva:

> A experiência traumática é, para Freud, aquela que não pode ser totalmente assimilada enquanto ocorre. [...] A linguagem tenta cercar e dar limites àquilo que não foi submetido a uma forma no ato de sua recepção. Daí Freud destacar a repetição constante, alucinatória, por parte do “traumatizado” da cena violenta: a história do trauma é a história de um choque violento, mas também de um desencontro com o real (em grego, vale lembrar, “trauma” significa ferida). A incapacidade de simbolizar o choque [...] determina a repetição e a constante posterioridade, ou seja, a volta après-coup [12] da cena. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 48-49).

O prisioneiro que foi agredido no *Lager* lida rotineiramente com o sofrimento intenso e progressivo. Talvez, seja a partir de suas memórias traumáticas que ele tenta se recompor para afirmar ser o indivíduo que diz ser. A sua memória, mesmo sendo traumática, parece trazer um certo sustento que o capacita a reconstruir sua identidade. Porém, a memória, segundo Le Goff, é “particularmente instável e maleável” (LE GOFF, 1994, p. 468). A memória se deixa convencer com certa facilidade. Ela parece ser persuadível e adequa-se ao ânimo do sujeito. Para Levi, “a memória humana é um instrumento maravilhoso, mas falaz” (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p.19). O tempo é capaz de danificar as lembranças mais longínquas e deixar apenas um lampejo da rememoração. “As recordações que jazem em nós não estão inscritas na pedra; não só tendem a apagar-se com os anos, mas muitas vezes se modificam ou mesmo aumentam, incorporando elementos estranhos” (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p.19). Nossa identidade está sujeita a constantes mudanças fruto da corrosão do tempo e do esquecimento, mas, também, fruto do trauma, que é “caracterizado por ser uma memória de um passado que não

---

[12] Uma possível tradução para o termo *après-coup*, que na psicanálise carrega o sentido de ressignificação, seria “depois do golpe”. O termo está presente na obra freudiana (*Nachträglichkeit*, em alemão), e foi desenvolvido por Jean Laplanche, por vezes traduzido como *a posteriori* ou, ainda, *só-depois*, em português (tradução defendida por Maia & Andrade).
MAIA, L., & Andrade, F. C. B. (2010), “ Nachträglichkeit: leituras sobre o tempo na metapsicologia e na clínica”. **Estudos de Psicanálise**, 33, 75-90.

passa" (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69). A identidade do prisioneiro do *Lager* é formada a partir do tormento, dos abusos inexplicáveis e daquilo em que não se acha mais esperança. Ao relembrar a crueldade no campo de concentração, Levi aponta para a morte da alma e para a barbaridade do homem em relação ao seu próximo, conforme segue:

> Viajamos até aqui nos vagões chumbados; vimos partir rumo ao nada nossas mulheres e nossas crianças; nós, feito escravos, marchamos cem vezes, ida e volta, para a nossa fadiga, apagados na alma antes que pela morte anônima. Não voltaremos. Ninguém deve sair daqui; poderia levar ao mundo, junto com a marca gravada na carne, a má nova daquilo que, em Auschwitz, o homem chegou a fazer ao homem. (LEVI, *É isto um homem?*, p. 55)

É através da linguagem que Levi acha forças para tentar representar o horror e materializar a dor, a agonia e o desespero vivido no *Lager*. Mesmo a linguagem sendo, segundo Foucault, "o lugar das revelações", e ainda fazer "parte do espaço onde a verdade, ao mesmo tempo, se manifesta e se enuncia" (FOUCAULT, 2000, p. 50), o testemunho do sobrevivente do *Lager,* o testemunho da dor e do trauma, acontece justamente no permear do poder dizer e do poder não dizer. A representação dos relatos dos sobreviventes através de suas narrativas não deve ser confundida com a verdade, mas deve ser vista como uma revelação, uma mostra do que se tem na mente, uma exposição do que se pretende trazer à memória. Embora existam rastros e marcas da catástrofe, o acesso à verdade nem sempre é possível. Conforme afirma Levi, em se tratando de Auschwitz, não é possível confiar no próprio raciocínio:

> Porque nos Campos perdem-se o hábito da esperança e até a confiança no próprio raciocínio. No Campo, pensar não serve para nada, porque os fatos acontecem, em geral, de maneira incompreensível; pensar é, também, um mal porque conserva viva uma sensibilidade que é fonte de dor, enquanto uma clemente lei natural embota essa sensibilidade quando o sofrimento passa de certo limite. (LEVI, *É isto um homem?*, p. 251-252)

Jean Baudrillard nos mostra a insuficiência da linguagem para representar acontecimentos, ao afirmar que ainda nos falta "uma linguagem que esteja à altura de traduzir o estado atual das coisas", que retribua condignamente "a situação completamente indeterminadas, aleatórias, flutuantes". Para o filósofo, o que nos resta é "a linguagem da representação, que é a linguagem do sujeito – o que, aliás, é

bom, ela é simbólica, ambivalente" [13]. Portanto, a linguagem como representação do horror não é suficiente para abordar as atrocidades que foram geradas no *Lager*. A verdade do terror vivido em Auschwitz não se pode nomear ou descrever, ela é sempre tratada pelo sobrevivente como sendo irrepresentável. Essa verdade, porém, ganha status no fluxo caótico do devir através de sua ambivalência, ou seja, suas verdades factuais e subjetivas. É a partir dessas linhas de fuga do pensamento que as relações dinâmicas e complexas são produzidas, transformadas e simplificadas. Deleuze afirma que "uma fuga é uma espécie de delírio. Delirar é exatamente sair dos eixos" (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 33). Por isso, Levi aponta para a necessidade de elaborar um conceito através da linguagem para que se possa simplificar a experiência. Uma vez simplificada, a experiência entra no âmbito da conformidade, passa a ser compreendida e também aceita.

> Fomos capazes, nós sobreviventes, de compreender e de fazer compreender nossa experiência? Aquilo que comumente entendemos por "compreender" coincide com "simplificar": sem uma profunda simplificação, o mundo ao nosso redor seria um emaranhado infinito e indefinido, que desafiaria nossa capacidade de nos orientar e decidir nossas ações. Em suma, somos obrigados a reduzir o cognoscível a um esquema: tendem a este objetivo os admiráveis instrumentos que construímos no curso da evolução e que são específicos do gênero humano, a linguagem e o pensamento conceitual (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p.31).

A violência testemunhada por Levi, assim como outros sobreviventes da *Shoah*, não pode ser ignorada, suas narrativas podem ser vistas como documentos históricos fruto da barbárie. De acordo com Walter Benjamin, "nunca existiu um documento da cultura que não fosse ao mesmo tempo [documento] da barbárie" (BENJAMIN, 2000, p. 225). Benjamin nos explica que a cultura pós Primeira Guerra Mundial, em toda a sua magnitude, assume o papel de testemunha da barbárie. Ademais, vivemos cercados de uma rotineira representação da violência. Ela é parte do nosso cotidiano e constantemente nos afeta. Somos expostos a testemunhar atos de violência e obrigados a conviver com essa violência como se ela fosse o único dispositivo presente capaz de nos sensibilizar. Estamos ateados aos extremos da barbárie, ao choque que tanto nos incomoda, mas que também suprime a sensibilidade da mente e do coração. Esperamos a desgraça como parte da

[13] Cf. Baudrillard, J. "Entrevista". **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 dez. 1987. Ilustrada, p. A-37.

conciliação da vivência. Acostumamo-nos com as rotineiras e intermináveis imagens do trauma e da dor. Imagens que nos cativam inconscientemente e nos anestesiam para que aos poucos o choque deixe de ser necessário, perdendo, assim, o efeito de comunicar e sensibilizar o horror. A aflição se faz rotina e a perda das condições dos nossos desejos se torna um hábito. Nas palavras de Baudrillard,

> [...] a miséria e a violência nos tocam ainda menos porque elas nos são significadas e mostradas abertamente. É a lei do imaginário. É preciso que a imagem nos toque por ela mesma, que ela nos imponha sua ilusão específica, sua língua original, para que algum conteúdo nos afete. Para que haja transferência afetiva sobre o real, é preciso haver contratransferência da imagem a estar concluída. Lamenta-se que o real tenha desaparecido sob o pretexto de que tudo passa pela imagem. (BAUDRILLARD, 2002, p. 148)

Há tempos a violência, direta ou indiretamente, vem se tornando um costume e parte integrante da nossa cultura. Paulatinamente nos acostumamos ao dano que nos é causado, a força, o poder e as ameaças constantes que nos são impostas. Mesmo a violência impondo severas exigências e deixando suas vítimas vulneráveis, com sequelas físicas e psicológicas, os sobreviventes da *Shoah* não desistem de contar suas histórias. O sobrevivente persiste em narrar a intensa experiência cuja mente constrangida e moralmente ferida não foi capaz de assimilar. A experiência, contudo, carrega em si seus dizeres e sua “verdade”. Para Benjamin,

> cada uma de nossas experiências possui efetivamente conteúdo. Nós mesmos conferimos-lhe conteúdo a partir do nosso espírito. A pessoa irrefletida acomoda-se no erro. “Nunca encontrarás a verdade”, brada ela àquele que busca e pesquisa, “eu já vivenciei isso tudo”. Para o pesquisador, contudo, o erro é apenas um novo alento para a busca da verdade (Espinosa). A experiência é carente de sentido e espírito apenas para aquele já desprovido de espírito. (BENJAMIN, 2002, p. 23)

O sobrevivente tem que lidar constantemente com a impossibilidade de substituir a dor e de dar um fim aos afetos do passado. A lembrança latente e indesejada persiste obsessivamente, mesmo não havendo ligação consciente com a atualidade. O desejo de não querer lembrar e a incapacidade de esquecer se tornam ameaças constantes à mente do sobrevivente do *Lager*. O luto parece não ter fim, ele é insubstituível e torturante. Ao citar um ensaio de Freud, intitulado *Luto e Melancolia*, Paul Ricoeur esclarece que o luto “é sempre a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração erigida em substituto dessa pessoa, tal como:

pátria, liberdade, ideal, etc". (RICOEUR, 2010, p. 85). Porém, observa-se que muitos são aqueles que substituem o luto pela melancolia, substituem a lembrança por um duradouro sentimento de profunda tristeza. Aquilo que se possuía nunca mais será estabelecido. A perda é total e conduz a uma submissão, a uma mudança exaustiva, cuja transformação é permanente e irrestaurável. A respeito dos prisioneiros do *Lager*, tudo lhes foi tirado, foram reduzidos a nada e ao inenarrável. Como Levi nos relata:

> Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar essa ofensa, a aniquilação de um homem. Num instante, por intuição quase profética, a realidade nos foi revelada: chegamos ao fundo. Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão – e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubaram também nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, devemos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos. (LEVI, *É isto um homem?*, p. 32)

Levi, ao afirmar: "Nada mais é nosso", assume a diminuição do "sentimento de si", confirmando assim, uma característica da melancolia, ao passo que "no luto não há diminuição do sentimento de si" (RICOEUR, 2010, p. 86). Enquanto no luto, apesar do sofrimento, é natural haver renúncia e reconhecimento da não mais existência do objeto amado, a melancolia se manifesta com o poder de inibir e aprisionar o ego. Após o luto, fica a lembrança sem dor, e o mundo que parecia estar opaco e ausente de cor, passa a ganhar vida novamente. Na melancolia, apenas o fato de existir já é doloroso, o ego se encontra aniquilado: "ele cai vítima da própria desvalorização, da própria acusação, da própria condenação, do próprio rebaixamento" (RICOEUR, 2010, p. 86). A perturbação mental, o medo, a ansiedade, o abatimento físico e moral, são fatores essenciais do melancólico. O melancólico é cercado de incertezas, a falta de sentido e o permanecer no vazio geram inquietações que o castigam severamente. O melancólico é o próprio retrato da miséria, cujas feridas abertas e expostas denunciam o tédio, o desprazer e a infelicidade. "Melancolia, então, torna-se sinônimo de insanidade, de loucura" (RICOEUR, 2010, p. 86).

O testemunho de Levi nos leva a crer que, ao expor o horror, sua narrativa funciona como um dispositivo de autorreflexão e construção de subjetividades, onde os conceitos de verdade e mentira assumem o papel de meros coadjuvantes do

processo construtivo do testemunho. Essa busca constante de uma memória que se recusa a lembrar com exatidão faz com que o testemunho do sobrevivente se distancie, de certa forma, da possibilidade do real. É nesse labirinto de idas e vindas da memória que o testemunho se constrói. Parece-nos que, para se proteger do horror inenarrável, o sobrevivente do trauma procura manter certa distância das possibilidades de ressurreição do horror. Por isso, narra-se como se fosse necessário usar um filtro ou uma lente que observe os fatos de um ângulo que ofereça certa proteção. A realidade passa a ser uma experiência cultural que precisa ser impulsionada constantemente pela singularidade de cada sobrevivente que narra o trauma proveniente do campo de extermínio.

Ademais, Giorgio Agamben aponta para algumas particularidades marcantes em Auschwitz, onde matar ou morrer era tão comum que a espécie humana se via rebaixada ao conceito de coisa, ou seja, qualquer objeto indesejável ou inominável.

> Auschwitz marca o fim e a ruína de qualquer ética da dignidade e da adequação a uma norma. A vida nua, a que o homem foi reduzido, não exige nem se adapta a nada: ela própria é a única norma, é absolutamente imanente. E “o sentimento último de pertencimento à espécie” não pode ser, em nenhum caso, uma dignidade. (AGAMBEN, 2008, p. 76)

O testemunho do sobrevivente do campo de morte se faz com o resto de enunciações mórbidas. A estranheza das palavras usadas para compor o relato do sobrevivente contrapõe à ética e à dignidade, cuja narrativa se caracteriza por ser um resíduo macabro da sobrevida. Como bem apontou o historiador italiano Enzo Traverso, Auschwitz se destaca como sendo “o triunfo da morte reificada” (TRAVERSO, 1997, p.84). O que se vê na enunciação do sobrevivente são relatos de uma memória imersa no desgosto absoluto de uma experiência e o seu vazio. Uma ausência constante assinala o horror inefável e o inexplicável no testemunho do sobrevivente, cujo desejo de esquecer o inesquecível nunca vai findar. Por isso, o genocídio nazista é tratado como o absurdo máximo dos últimos tempos:

> No fim da Segunda Guerra Mundial, os dados quantitativos sobre as deportações e sobre os massacres nazistas, nos Lager e em outros lugares, não estavam disponíveis, nem era fácil entender seu alcance e especificidade. Somente há poucos anos se veio a compreender que o massacre nazista foi tremendamente “exemplar” e que, se um outro pior não acontecer nos próximos anos, ele será lembrado como o fato central, como a mancha do século XX (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 16).

A matança deliberada de judeus patrocinada pela Alemanha nazista e promovida pelo líder nazista Adolf Hitler durante a Segunda Guerra Mundial é largamente conhecida como um dos maiores crimes contra a humanidade. O programa sistemático de assassinato em massa, com o intuito de se fazer uma limpeza étnica, levou à morte cerca de seis milhões de judeus nos campos de concentração e campos de extermínio. Somente em Auschwitz-Birkenau estima-se que cerca de um milhão e trezentas mil pessoas foram mortas, sendo a grande maioria delas judeus. Sabe-se que o campo de extermínio fugia aos conceitos de uma prisão tradicional, onde os prisioneiros ficam na cadeia e seu algoz fica livre do lado de fora. Nos *Lager*, embora os prisioneiros do exército alemão esperassem encontrar um lugar terrível onde ficariam reclusos, jamais poderiam imaginar que iriam se deparar com um local indecifrável, de limites incertos e administração severa. Levi explica o choque e a surpresa que implicava o ingresso no *Lager*:

> O mundo do qual se precipitava era decerto terrível, mas também indecifrável: não era conforme a nenhum modelo, o inimigo estava ao redor mas também dentro, o "nós" perdia seus limites, os contendores não eram dois, não se distinguia uma fronteira mas muitas e confusas, talvez inúmeras, separando cada um do outro. Entrava-se esperando pelo menos a solidariedade dos companheiros de desventura, mas os aliados esperados, salvo casos especiais, não existiam; existiam, ao contrário, mil mônadas impermeáveis e, entre elas, uma luta desesperada, oculta e contínua. Esta revelação brusca, que se manifestava desde as primeiras horas de cativeiro, muitas vezes sob a forma imediata de uma agressão concêntrica por parte daqueles em que se esperava encontrar os futuros aliados, era tão dura que logo derrubava a capacidade de resistir. Para muitos foi mortal, indiretamente ou até diretamente: é difícil defender-se de um golpe para o qual não se está preparado (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 32).

A violência inesperada foi a porta de entrada para o *Lager.* Os prisioneiros do regime nazista se depararam com soldados alemães treinados tão somente para matar, cujo sistema em que pertenciam tinha como meta "espalhar o medo e abafar com uma onda de terror indizível todas as tentativas de oposição organizada" (ARENDT, 2004, p. 104). Nos *Lager* mata-se, também, vagarosamente. O terror precisava cumprir o seu papel para impedir qualquer tipo de acordo ou reconciliação. O medo precisava ser consolidado para impedir a realização do humano no homem. Todo e qualquer tipo de recomeço precisava ser impedido. As noções do juízo, a

capacidade de distinguir entre o justo e o injusto, as vontades e os pensamentos do prisioneiro, deveriam ser extintas para que ele pudesse se acomodar a um nível diferente das leis naturais. Conforme Levi nos explica, “a vida no Lager comportava uma regressão, acarretava comportamentos – precisamente – primitivos” (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p.34). Todos os meios que pudessem gerar vida e realizações precisavam acabar. Sem a relação com a noção de liberdade, o prisioneiro não conseguiria compreender a si mesmo; uma vez em desacordo consigo mesmo, a reconciliação com o outro se tornaria impossível. O objetivo era impedir que o prisioneiro fosse impelido a agir. Segundo Arendt, “o fato de que o homem é capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado” (ARENDT, 2009, p. 191). O inesperado, portanto, não podia ser uma possibilidade. Era preciso bloquear a igualdade. Qualquer tipo de expressão, seja ela pela ação ou pela palavra, entre os encarcerados precisava ser banida. A solidão foi arbitrada e imposta pelos SS, “pois ser sozinho significa não ter iguais” (ARENDT, 2011, p. 355). As condições construtivas do ser humano foram frustradas no *Lager*. Assim, o prisioneiro não conseguiria agir livremente e, por não ser livre, estaria impedido de se realizar como homem entre os homens.

O mecanismo de dominação nazista usava o terror e o medo como ferramentas principais de repressão. A sociedade atomizada criada nos *Lager,* de indivíduos isolados e impedidos de agir, caracterizava-se pelo pavor irreconciliável. O estado emocional dos prisioneiros se tornava refém do perigo, eles estavam completamente submetidos ao poder soberano do algoz. E por se sentirem sós, o medo imperava arrogantemente. Arendt explica esse sentimento desesperador ao estar submetido a um poder insolente e absoluto, nas seguintes palavras:

> O medo [...] está fundamentalmente ligado àquela ansiedade que sentimos em situações de completo isolamento. Essa ansiedade revela o outro lado da igualdade, e corresponde à alegria de dividir o mundo com nossos iguais. A dependência e a interdependência que nos são necessárias para realizar o nosso poder (o montante de força estritamente nossa) se tornam fonte de desespero sempre que, em total isolamento percebemos que um homem sozinho não tem poder algum, mas é sempre sobrepujado e vencido por um poder superior (ARENDT, 2011, p. 355).

O prisioneiro, em sua solidão, não tinha força alguma para enfrentar o “poder superior”. O homem sozinho, abandonado em sua individualidade, perde também as forças para confrontar a si mesmo. O prisioneiro se achava isolado em sua própria

impotência. É justamente no isolamento desses indivíduos aterrorizados e enfraquecidos que o regime nazista adquiria sua força, pois o espaço público, político e social do prisioneiro foi inteiramente destruído. O isolamento emocional era completo e nada se compartilhava a respeito da dor, da fome e do frio. Era preciso sobreviver, ainda que para isso fosse necessário subtrair o "companheiro de infortúnio" (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p.33). A frouxidão de caráter do prisioneiro e a inadequação para agir o caracterizavam severamente. O prisioneiro, sempre amedrontado, fica à mercê do desamparo, do desespero e da descrença na superação. O medo exerce a impossibilidade de sobrepor ao isolamento. Segundo Arendt,

> o medo é o desespero pela impotência individual daqueles que, por qualquer razão, se recusam a "agir em conjunto". Não há virtude, não há amor à igualdade de poder, que não tenha de superar essa ansiedade do desamparo, pois não existe vida humana que não seja vulnerável ao profundo desamparo, à incapacidade de agir, quando menos diante da morte. O medo, como princípio de ação é, em certo sentido, uma contradição em termos, porque o medo, precisamente, é o desespero pela impossibilidade de ação. O medo, distinguindo-se dos princípios da virtude e da honra, não tem nenhum poder autotranscendente e, portanto, é verdadeiramente antipolítico. (ARENDT, 2011, p. 356).

O isolamento, o desamparo e a impotência do prisioneiro do *Lager,* o conduz a ter uma percepção de mundo corrompido. Por ser incapaz de se comunicar propriamente e impedido de agir de forma eficaz, a rotina no *Lager* e as atividades que lhe eram atribuídas, inclusive o lidar com a morte, passaram a ser tratadas como meras tarefas do cotidiano. A capacidade de compreensão foi abruptamente destituída do prisioneiro, ela se tornou perecível e supérflua. A ausência de mundo e de espaço político o tornou inapto para agir e para fundamentar garantias essenciais que pudessem assegurar qualquer tipo de operação que possibilitasse a conquista da liberdade. Consequentemente, o sobrevivente do *Lager* é o resultado de um regime que "traz em si os germes de sua destruição" (ARENDT, 2011, p. 356).

Salvo raríssimas exceções, o indivíduo prisioneiro do *Lager* foi abandonado na sua singularidade e impedido de conceber uma comunidade. Ele foi destituído do direito de identificar-se com o seu próximo e ser comum a ele. O próximo deixou de existir como alvo de seus afetos. A vinculação com o outro como indivíduo relacional passou a ser uma impossibilidade. O prisioneiro do *Lager* foi assolado pela tristeza,

arruinado pela inércia em relação à vida e impedido de restabelecer-se com o mundo. Nesse sentido, sua narrativa também é o testemunho da dissolução, do perder-se de um outro, do desejo de descobrir ou redescobrir o seu lugar comum. No *Lager*, o prisioneiro é trazido ao completo vazio e sua existência é criada em cima da ausência de essência. Por isso, nada lhe é comum e a noção de comunidade praticamente inexiste. O seu olhar afasta-se da existência humana. Tudo lhe é opaco e vazio. A harmonia com o outro e o sentimento de pertença se desfaz. Ele perde sua referência e a capacidade de interagir politicamente. Toda ligação institucional, ritualística, simbólica e representativa perece no *Lager*. O encarcerado do campo de extermínio desloca-se dos conceitos de familiaridade e fraternidade. Ele perde a noção de convivência e, por fim, sua finalidade. A possibilidade de vivência como uma experiência comunitária é desconstruída. A luta pela sobrevivência força radicalmente o prisioneiro do *Lager* a não compartilhar. A falta da comunicação íntima com o outro e a ausência de uma comunhão orgânica com sua própria essência o isola e o faz sofrer. Por não conseguir viver a experiência da partilha é impossível para o prisioneiro do *Lager* estar em comum com o outro. No campo de extermínio, ele é transformado no resíduo da experiência da dissolução da comunidade. Por isso, ele é insignificante como ser comunitário. Ele não corresponde ou dá sentido à comunidade. O indivíduo sozinho não é comunidade. É necessário o estar com o outro e experimentar a qualidade do que é do outro para que uma conformidade se consolide. No *Lager*, o limite de estar juntos é sempre quebrado. A comunidade é praticamente impossível de ser alcançada. A administração do *Lager* trabalha para impedir que a experiência compartilhada da identidade aconteça. Rotineiramente os devidos cuidados são tomados para que o prisioneiro desconheça o sentido de “estar em comum”, por isso, a comunidade é sempre perdida. Não existe restauração no *Lager* e a desconstrução é constante. Por não estar em comum, a troca com o outro não subsiste, a falta de similaridade é gerada e a interação social não acontece. O desejo de um estar junto, a intimidade e a harmonia não são vivenciados. Onde fabrica-se a morte, o aconchego está fora de questão. O ser anônimo, sem a liberdade individual, sem laços em comum, sem comunhão, sem uma coletividade e sem socialização não passa de memórias. Ele é violentamente subtraído do convívio social e seus valores se tornam impossíveis de serem restaurados. Sendo assim, a sua luta é sempre em vão, pois ele não consegue cumprir a tarefa de ser comum. Ele não sabe se expor perante o outro e

demonstrar ser igual. Ele é impedido ou simplesmente não tem forças para se abrir e deixar-se experienciar com o outro uma identidade ou um reconhecimento. Por não ser um com o outro a morte no campo de extermínio é banal. Mata-se vulgarmente, para que a tarefa do dia seja cumprida ou para que a meta de cadáveres seja alcançada. A rotina do *Lager* extrai do prisioneiro o elemento emocional que dá valor à existência comunal. Por isso, o seu corpo experimenta rejeição e violência. Não existe no campo de extermínio foco na unidade e desejo por uma identidade social. A diferença é absoluta. No campo de morte a essência do desejo é destruir a comunidade. Portanto, por não haver afetos suficientes para prover a manutenção comunal, o prisioneiro do *Lager* é exposto ao seu limite.

Isola-se para dominar, para desmoralizar e impedir a resistência. O indivíduo isolado é um ser frustrado e "quanto mais feroz a opressão, tanto mais se difunde entre os oprimidos a disponibilidade de colaboração com o poder" (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p.37). O silêncio intolerável, a culpa e a impotência são frutos do medo, fator imprescindível que imperou em toda a extensão do regime nazista para facilitar a implantação do sistema de morte. O pavor constante cria uma ação antipolítica que dificulta a sociabilidade dos indivíduos e os impedem de desenvolver a vida em comum. O medo tira o espaço de ação dos prisioneiros, gera a inimizade e os constituem inimigos. A condição de ser comum com o outro é destituída, os prisioneiros apenas se tornam um para se autodestruir. Arendt explica que "o cinturão de ferro do terror destrói a pluralidade dos homens e faz de todos aqueles Um que invariavelmente agirá como se ele próprio fosse parte da corrente da história ou da natureza" (ARENDT, 2012, p. 518). O isolamento organizado dos prisioneiros os impediu de compartilhar o choro, o grito e o desabafo. Pois, "pressionando os homens uns contra os outros, o terror total destrói o espaço entre eles" (ARENDT, 2012, p.518). Todas as formas de sustentação das relações humanas precisavam ser aniquiladas. Por isso, foi tirada do prisioneiro a convicção e o sentimento que se tinha a respeito do pertencimento a uma comunidade. Levi afirma que, "frente à pressão da necessidade e do sofrimento físico, muitos hábitos, muitos instintos sociais são reduzidos ao silêncio" (LEVI, *É isto um homem?*, p. 88). O prisioneiro do *Lager* foi arrebatado da condição de vida pública e do mundo político. Consequentemente, a solidão lhe trouxe a incapacidade de agir, a desesperança e uma aflição profunda, conforme na seguinte passagem:

> Enquanto o isolamento se refere apenas ao terreno político da vida, a solidão se refere à vida humana como um todo. O governo totalitário, como todas as tiranias, certamente não poderia existir sem destruir a esfera da vida pública, isto é, sem destruir, através do isolamento dos homens, as suas capacidades políticas. Mas o domínio totalitário como forma de governo é novo no sentido de que não se contenta com esse isolamento, e destrói também a vida privada. Baseia-se na solidão, na experiência de não se pertencer ao mundo, que é uma das mais radicais e desesperadas experiências que o homem pode ter. (ARENDT, 2004, p. 527)

A liberdade impossível assiste o prisioneiro inconsolado. No *Lager* é raro não se perder. A vida nunca é comum, por isso ela não é compartilhada. No campo de extermínio o próximo inexiste. Conforme afirma Levi: “aqui a luta pela sobrevivência é sem remissão, porque cada qual está só, desesperadamente, cruelmente só” (LEVI, *É isto um homem?*, p.89). A derrota é contínua até que se atinja a ruína extrema, ou seja, a miséria absoluta, a inaptidão para a vida. No abandono absoluto o silêncio impera, “os homens isolados são impotentes por definição” (ARENDT, 2012, p. 526). O medo controla, destrói e impõe o terror, para tratar a vida privada como um objeto que está fadado ao estranhamento e a desumanização. O medo impõe o não pertencimento ao prisioneiro, e por ele estar totalmente só, ele perde também o poder de ação. O Prisioneiro se torna um ser antipolítico, e por estar destituído de qualquer direito, ele é incapaz de gerar intimidade e viver com o outro. Levi explica essa redução do indivíduo do *Lager* a um ser genérico, conforme segue:

> Na história e na vida parece-nos, às vezes, vislumbrar uma lei feroz que soa assim: “a quem já tem, será dado; de quem não tem, será tirado”. No Campo, onde o homem está sozinho e onde a luta pela vida se reduz ao seu mecanismo primordial, essa lei iníqua vigora abertamente, observada por todos (LEVI, *É isto um homem?*, p.89).

O indivíduo encarcerado no *Lager* assume a sua incapacidade de ser humano. Ele foi inibido da capacidade de pensar e agir para, então, se tornar um ser antinatural e antipolítico. Praticamente impossibilitado de resistir, o prisioneiro foi forçado a se render aos crimes cometidos no *Lager*, pois já havia se esgotado nele a capacidade de efetuar o juízo. Por isso, no *Lager* se convivia com as atrocidades com uma rotineira naturalidade. Ademais, as palavras de Foucault reafirmam que “o isolamento dos condenados garante que se possa exercer sobre eles, com o máximo de intensidade, um poder que não será abalado por nenhuma outra

influência; a solidão é a condição primeira da submissão total" (FOUCAULT, 1999, p. 200).

Mesmo com o envelhecimento das vítimas do nazismo que conseguiram escapar da exaustão do trabalho escravo e das doenças dos campos de extermínio, ainda hoje existe um esforço contínuo das novas gerações para preservar a memória dos sobreviventes da "solução final" e prevenir futuros genocídios. Várias ações ao redor do mundo vêm sendo tomadas com o intuito de prestar o serviço de preservação da memória do Holocausto. Temos como exemplo, em Washington, D.C., capital dos Estados Unidos, o *Holocaust Memorial Museum*. Em Israel, a instituição *Yad Vashem* [14] se dedica à preservação da memória e ao estudo da *Shoah*. A Assembleia Geral das Nações Unidas, para lembrar as vítimas do genocídio nazista, designou o dia 27 de janeiro para ser o Dia Internacional da Lembrança do Holocausto. No Brasil, desde novembro de 2011, temos na cidade de Curitiba o museu do Holocausto. Muitas outras instituições ao redor do mundo estão se dedicando a esse fim. Além disso, a vasta literatura, filmes e documentários, as artes plásticas e visuais estão sempre se refazendo para que a memória das vítimas dos *Lager* não se torne banal e não caia nos esquecimento e no descaso.

Todavia, percebe-se que Levi faz do ofício de escrever uma necessidade e uma obrigação. Ele se torna um escritor assíduo por acidente, e vê na escrita uma forma de prestar serviço aos mortos e aos emudecidos. Sua narrativa parece enunciar Levi como um personagem aparentemente solitário, melancólico, pouco carismático e de difícil sociabilidade. A pessoa de Levi, em sua obra, demonstra ser incapaz de expressar espontaneamente o amor, o ódio ou a raiva. O sobrevivente é

---

[14] O nome *Yad Vashem* ou *Yad VaShem* tem origem em um versículo bíblico que se encontra no livro do profeta Isaías: "darei na minha casa e dentro dos meus muros *um memorial e um nome* (*Yad Vashem*) melhor do que filhos e filhas; um nome eterno darei a cada um deles, que nunca se apagará" (BÍBLIA, Isaías, 56, 5, *grifo nosso*).

A partir de 1953, o parlamento de Israel estabeleceu, em Jerusalém, o complexo conhecido como *Yad Vashem* para ser o memorial oficial de Israel responsável por manter a memória das vítimas da *Shoah*. Nesse complexo de 18 hectares, que contém vários museus, biblioteca, escola, centro de exposições, etc, foi construído uma avenida de árvores para homenagear os gentios (não-judeus) que se sacrificaram para salvar judeus do extermínio dos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Dentre os mais de 20 mil indivíduos homenageados e reconhecidos com o título de "Justo Entre as Nações" ou "Justos das Nações do Mundo", podemos destacar os dois únicos brasileiros contemplados com esse título: Luiz Martins de Souza Dantas, que foi diplomata na França durante a guerra e concedeu visto para vários judeus e outras minorias, perseguidas pelos nazistas, virem para o Brasil, e, Aracy Moebius de Carvalho Guimarães Rosa, conhecida pela alcunha de *O Anjo de Hamburgo*. Aracy prestou serviço ao Ministério das Relações Exteriores, onde foi chefe da seção de passaportes no consulado brasileiro em Hamburgo, na Alemanha. Ela ajudou, de forma ilegal, vários judeus escaparam para o Brasil no período da guerra. No *Holocaust Memorial Museum*, em Washington (E.U.A.), ela também é uma das pessoas reconhecida e homenageada.

narrado como um ser humano que parece não pertencer a lugar nenhum, cujas emoções constantemente suprimidas, delineiam suas memórias traumáticas. Ele é a representação de um homem que parece temer a possibilidade do fracasso e suas próprias ambições. O seu testemunho aponta para um ser privado, reservado, deprimido, recluso em si mesmo e nos seus problemas pessoais. Porém, sua incessante busca por ouvintes parece não achar descanso. A pesquisadora Anna Basevi aponta o seguinte:

> mesmo os sobreviventes que ainda atrás do arame farpado já vislumbravam no testemunho futuro motivos para sobreviver, se depararam com o duplo problema de encontrar os ouvintes e as palavras para contar. Acreditamos que a literatura teve um grande papel na representação dos campos de extermínio e vários escritores encontraram nela a possibilidade de narrar de maneira mais eficaz uma realidade inimaginável (BASEVI, 2012, p.12).

Dar testemunho do horror tornou-se para Levi algo imprescindível e o seu principal modo de vida. Ele resolve se despir através de seu testemunho para deixar um legado do que o homem é capaz de fazer a outro homem. Levi nos mostra a força e a vantagem da narrativa em se expandir ao longo do tempo e como ela pode nos aproximar da complexidade humana. Ele dá ao leitor o direito de se chocar com a atualidade de suas palavras. Nos mostra que, em momentos de profunda agonia, terror e medo, sentir-se nostálgico é, talvez, a única forma de escape da mente e do coração. A nostalgia é o resto que persiste em permanecer para ajudar no alívio da dor e trazer uma falsa esperança para aqueles cujo futuro se mostra opaco e vazio.

O que Levi parece demonstrar ao escrever seu testemunho é que existe uma vontade em fazer com que sua narrativa funcione como um registro histórico que denuncie a barbárie cometida no *Lager*. Consequentemente, a extrema falta de dignidade e decência ilustra cada página de sua obra testemunhal. Porém, escreve consciente de que nem todos irão digerir um testemunho cujas palavras não são suficientes para contá-lo, pois sabe que não há como se adaptar ao que é absolutamente imanente. Como ele afirma: “bem sei que, contando isso, dificilmente seremos compreendidos, e talvez seja bom assim” (LEVI, *É isto um homem?*, p. 25). Para aquele que sobreviveu a Auschwitz, ser aceito ou compreendido já não faz tanta importância nos dias de hoje, são fases passadas, etapas saturadas e já entendidas como desnecessárias na vida do sobrevivente do *Lager*.

Ainda hoje é possível visitar e observar a fábrica de morte que foi estabelecida em Auschwitz. Um lugar que não formou ninguém, não educou ninguém, não preparou ninguém para coisa alguma. Uma estrutura erguida apenas para reduzir o outro a nada. O objetivo era simples: destruir. Mesmo depois de décadas do fim de seu funcionamento, Auschwitz se estabelece como um marco da memória do horror, cuja existência baseou-se na escravidão e na morte, onde a matança era organizada e justificada. Ainda carregada de mistério e assombro, a estrutura erguida pelos nazistas permanece para reafirmar o testemunho daqueles que sobreviveram e contam suas histórias, mas também dos emudecidos e dos que se foram, cuja capacidade de enunciar-se, a tempo, se extinguiu. Mesmo assim, o vencido ganha voz no testemunho de Levi e nas narrativas dos que decidiram transplantar a dor da experiência do choque, dos quais os horrores ainda são incompreensíveis, mas cujas memórias insistem em permanecer e se estabelecer como o maior legado do horror na era das catástrofes.

O desafio do testemunho talvez seja se fazer ouvir, ou seja, fazer com que sua audiência encontre um lugar de escuta e acredite na veracidade e na autenticidade da narrativa do sobrevivente. Testemunho este que carrega seus questionamentos: como que o sobrevivente pode falar pelos que morreram? Como lidar com o drama de indagar ou conjurar pelos mortos? Como se dá essa necessidade de se adereçar aos mortos como se eles pudessem responder a um chamado? Testemunhos impensáveis que paralisam nossa capacidade de julgar ou avaliar. Mesmo a guerra já tendo acabado há décadas, os sobreviventes não conseguem viver de forma integral. Eles se encontram sempre na interseção entre a vida e a morte. Eles vivem uma sobrevida constante que não acha escape para vida. Ademais, a construção imaginativa para se produzir o testemunho é inevitável. Outro desafio do testemunho talvez seja fazer com que seus ouvintes e leitores tenham que lidar com a impossibilidade de se identificar com o sobrevivente, uma vez que eles, os ouvintes, não estavam lá para averiguar os fatos. Por isso, o medo do anonimato é uma ameaça constante. O testemunho é importante para que o mundo saiba o que aconteceu, para que a comunidade da vítima seja reconstruída e para que o esforço do sobrevivente que narra seu testemunho encontre pouso, um pouco de alívio e paz. Assim, um elo entre gerações é formado, e a receptividade, que não houve logo quando a guerra terminou, agora seja possível e encontre seu lugar.

1.2 O mal permanente e perturbante no testemunho do sobrevivente de Auschwitz

Há tanta coisa horrível no homem!...
Já por muito tempo a terra foi um hospício!...
(Friedrich Nietzsche, 2015, p.76)

O objetivo desse capítulo é analisar a questão do testemunho enquanto manifestação específica da linguagem, tratada aqui como um vestígio de carência daquele que se enuncia imerso em uma ferida profunda. Procura-se entender como se dá a tentativa de narrar o inaudito na obra de Primo Levi. A representação da situação histórica vivida em Auschwitz, marcada por uma violência extrema, demanda uma narração e um afastamento da dor, pois "tentar entender, lá, no local", afirma Levi, "era um esforço inútil" (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 122).

Embora o sofrimento seja uma travessia longa e inevitável na vida do sobrevivente, ao se distanciar de certos fatores traumáticos (reações fisiológicas) a vítima tem a chance de se recompor um pouco. Os sentimentos da vítima são, de certa forma, respeitados quando essa distância acontece e ela resiste para que, ao narrar seu testemunho, ele seja o mais honesto possível. Mesmo assim, é importante frisar que o testemunho carrega suas imperfeições, pois ele pode "despertar dúvidas sobre sua intenção veritativa" (RICOEUR, 2010, p.170). O sobrevivente é sempre uma incógnita para aqueles que não vivenciaram as crueldades do *Larger*. A impossibilidade de suas palavras darem conta do mundo da vida é uma realidade que contrasta com a sua experiência do mundo da morte. As experiências traumáticas vividas no campo de extermínio são muito mais absurdas do que as palavras dão conta de contar. Por isso, a luta do sobrevivente não consiste em apenas dar o seu testemunho, mas também, em minimizar a suspeita que o ronda e tenta invalidá-lo. O sobrevivente do *lager* testemunha o que restou de uma sobrevida e de uma experiência que não se viveu por completo. Ele tenta fazer o possível para salvar o que aparentemente já está morto e o que presumivelmente pode ser desmentido pela realidade que aponta para o absurdo do seu relato.

Ao abordar os acontecimentos do *Lager*, Levi faz a seguinte argumentação: "a história dos Lager foi escrita quase exclusivamente por aqueles que, como eu

próprio, não tatearam seu fundo. Quem o fez não voltou, ou então sua capacidade de observação ficou paralisada pelo sofrimento e pela incompreensão" (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 14). Nesse sentido, compreende-se que a autoridade necessária para narrar a memória do *Lager* e criticá-la cabe exclusivamente aos emudecidos. Talvez, seja no leito da morte que se acha a prudência e a sabedoria, pois ali o indivíduo se encontra com o momento em que parece que tudo acabou. A escassez dos instantes existenciais rouba a potência de agir e provoca o vazio de ser. A morte é o encontro impossível com a vida, ela traz desconforto, desprazer e dor. Porém, a morte remete àquilo que é natural. Nas palavras de Benjamin, "a morte é a sanção de tudo o que o narrador pode contar. É da morte que deriva sua autoridade" (BENJAMIN, 2000, p.207). O sobrevivente do campo de extermínio narra o seu testemunho porque experimentou uma morte que malogrou. O seu relato está imerso em uma ruptura psíquica que excede a sua capacidade de processamento da recordação recorrente do fato estressor. Vencer os obstáculos que surgem para impedir a possibilidade de uma experiência comunicável a partir do choque é o seu grande desafio. Por essa razão, a falta de compreensão e acolhimento do outro segrega e reduz a pulsão de vida necessária para que o sobrevivente se encontre no mundo e narre o seu testemunho. A dependência do outro é parte do humano e inerente à sua constituição. Incapaz de se fazer sozinho, o sobrevivente não encontrou o apoio necessário para que ele pudesse sobreviver em sua incompletude. Em grande parte dos casos ele não foi percebido pelo outro e foi abandonado na sua própria vergonha. A vergonha, esse tipo particular de tristeza impresso na primeira pessoa, apequena a vítima, a qual se vê flagrada por ela mesma em sua própria incapacidade de se reconciliar consigo mesma. Uma agressão da qual o sobrevivente não teve como se defender. O sofrimento, portanto, gerado também pela vergonha, tem o poder de deter a vítima e de subtrair suas forças para que ela não seja capaz de operar suas faculdades mentais e físicas apropriadamente. O sofrimento traz em si a expressão da contradição, pois ele impede que a vítima do trauma participe das trocas sociais. O peso da dor tira o sobrevivente de circulação, e por não conseguir achar o seu lugar, ele se torna a repetição daquilo que ele não quer ser. O sobrevivente é a condição incontestável da dor. Ele tem que lidar com uma insatisfação que o paralisa, o fragmenta e o isola do processo da vida. Ele é a própria eliminação da vida, impossibilitado de se salvar da angústia e da catástrofe que o assola. Por esta razão,

a memória traumática do sobrevivente do *Lager* demanda um testemunho que vá além do enunciado, contrastando, assim, toda uma estrutura narrativa. Na obra, *Arqueologia do Saber*, do filósofo francês Michel Foucault, percebe-se que o enunciado é a unidade elementar do discurso. Por isso, é a partir da junção do enunciado, com a sua identidade, autonomia e repetição, que o discurso é criado. Para que o discurso aconteça, exige-se uma concordância em relação aos conceitos que permeiam o objeto da conversa. Sem esse acordo, a narrativa assume o risco de desenvolver discursos equidistantes que podem conversar entre si, como também, contrariar-se. Segundo Foucault, "o enunciado não é uma estrutura [...], mas uma função de existência" (FOUCAULT, 1995, p.115). Nesse sentido, a linguagem também acha lugar no corpo ferido que se emudece e que não produz texto. O testemunho do sobrevivente enuncia-se por si só, como um evento inerente à linguagem, como um espetáculo horrendo, fruto da crueldade do cárcere experienciado por ele em Auschwitz.

O testemunho depende de atos de reconhecimento para que sua história seja validada. Quando o corpo carece, é normal que ele busque no mundo o que irá equilibrá-lo. O corpo tende a ir atrás de mundos, que associados a ele, o farão sofrer menos. Sendo assim, é importante desconfiar e questionar a confiabilidade do testemunho, tendo em vista que "a relação entre realidade e ficção não deixará de nos atormentar" (RICOEUR, 2010, p. 172). Para validar seu testemunho, as mudanças não podem ser descartadas. As palavras têm a pretensão de contar os fatos que se sucederam. Porém, os fatos já não existem mais para serem averiguados. As ideias a respeito dos fatos transitam e mudam de condição, portanto, deixam de ser, pois o discurso não mais coincide com o que é possível enxergar no presente. O descompasso entre o que se passou e o que se pode verificar é real. O sobrevivente deseja a verdade de sua experiência para testemunhar, porém ela se encontra estagnada no passado. O mundo das palavras e o mundo da vida caminham por vias diferentes. Sendo assim, a história narrada implica uma demanda na forma de linguagem onde o mal sofrido consiga ser traduzido. Essa tentativa de validar o testemunho emana da necessidade de se achegar a um outro que possa acolher o sofrimento compartilhado. O testemunho do sobrevivente precisa se encaixar em um modelo digno de história que seja possível ser contado. Só assim, o sofrimento pode ser legitimado. Sem essa tentativa de reduzir o sofrimento a um código decifrável, o outro não iria acolhê-lo e reconhecê-lo.

Muitos prisioneiros, que vivenciaram as crueldades do campo de extermínio, relatam seus testemunhos na esperança de ajuntar o que ainda resta de sua experiência traumática para se reconstruir. Nessa tentativa de se refazer da violência absurda recebida no *Lager*, a vítima espera encontrar-se consigo mesma, pois, "para viver", afirma Levi, "é preciso uma identidade, ou seja, uma dignidade" (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes* , p. 110). O sobrevivente, em uma tentativa de se harmonizar, procura forçosamente respostas para o inexplicável e se debate com as questões complicadas que envolvem rememorar e dar o testemunho do trauma. Nesse sentido, Foucault considera que nem sempre é possível falar o que se quer. Colocar para fora o conhecimento internalizado traz suas complicações. Não é sempre que é possível achar um patamar mínimo onde uma série de primícias discursivas podem ser compartilhadas. A apropriação do ato de dizer passa por uma seleção daquilo que é necessário guardar, dos fatos e informações que precisam ser organizados para estabelecer a ordem do discurso. Existe um procedimento de exclusão que nos impede de falar sobre tudo. Nem tudo cabe no discurso. É preciso ponderar o que é possível narrar e deixar o discurso assumir a forma onde ele se faz possível: "Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que não é qualquer um, enfim, que pode falar de qualquer coisa" (FOUCAULT, 1999, p.9). Por essa razão, o testemunho do trauma está destinado a viver em um certo tipo de tensão. Ele está marcado pelo murmúrio e pela ordem, pelo selvagem e pelo civilizado. Aquele que testemunha é, de certa forma, controlado, domesticado e organizado pela sociedade, que civiliza a palavra e dita o lugar em que ela deve estar. O dito é construído pelo poder que impõe as limitações necessárias para encontrar a coerência que ele demanda. Conforme aponta o sociólogo Zygmunt Bauman, "o outro se torna o limite da minha liberdade" (BAUMAN, 1998, p. 209). Percebe-se que ao se colocar em confronto com o outro, nossa identidade, autonomia e direito são comprometidos, conforme explica o autor:

> Não posso ser tudo o que quero ser. Não posso fazer tudo o que quero fazer. Minha liberdade malogra. Na presença do *alter ego* – isto é, no mundo – meu ser para mim mesmo é também, inevitavelmente, ser para o outro. Quando ajo, não posso deixar de levar em conta essa presença e, portanto, também as definições, pontos de vista e perspectivas que ela implica. (BAUMAN, 1998, p. 209).

Aquele que não vivenciou as crueldades do *Lager* é quase sempre um desafio para o sobrevivente. O expectador exige um comportamento racional, causa desconforto e embaraço. Ele subjuga o sobrevivente a obrigações morais que restringem as possibilidades de expressão da linguagem e as nivelam em probabilidades cuja dimensão escapa ao controle. O sobrevivente fica perdido, sem saber ao certo, como se comportar. O expectador é um fardo pesado e inevitável que restringe a liberdade do corpo. Vencer a incapacidade de conquistar o outro para que este o escute é uma provocação, mesmo sendo predominante no outro a tarefa de ser o colonizador da escuta. O processo que convida o outro ao encontro do testemunho do sobrevivente é sempre imprevisível, pois essa relação se estabelece na diferença. O acordo que existe entre o sujeito que fala e o outro que escuta comporta riscos. O sujeito que escuta é convidado a fazer parte de um espaço que lhe é estranho. Submeter-se a escutar o outro é permitir-se a invasão de afetos que não podem ser filtrados ou selecionados. Ao consentir-se a escutar o narrador, o outro se torna alvo de afetos que por certo irão modificá-lo. O escutar é intencional e exige a necessidade de se atentar ao outro para que a escuta aconteça. Para-se para escutar. Essa atitude provoca a atenção e demanda "uma intensificação e um cuidado, uma curiosidade ou uma inquietude" (NANCY, 2014, p.17). Escutar o sobrevivente é assumir-se como agente acolhedor do desespero ou como um receptor da loucura e do inadmissível. Essa relação vertical de poder demanda uma obediência e o cumprimento da vontade alheia, mas também um risco: ouço, entretanto, não escuto. Dar ouvidos ao sobrevivente é fugir do âmbito da razão, é abrir-se para aquilo que você ainda não sabe ou não compreende, aquilo que você não consegue antecipar para um sentido que não está todo posto ou completamente feito. Para que o sobrevivente ache escuta, talvez, seja necessário que o seu ouvinte saia de si, ressignifique à sua identidade e faça um movimento contra narcísico [15]. Há, no entanto, procedimentos externos de contrato e delimitação para formatar e monopolizar o discurso do sobrevivente. É justamente essa normatização que faz o relato do traumatizado ser possível. O novo é sempre visto com um certo temor pelas pessoas, e por elas serem incapazes de administrar o discurso traumático da vítima, cria-se, em suas mentes, uma dificuldade e uma incapacidade de ordenar o desconhecido, gerando assim, a exclusão. Por isso, o

[15] Cf. LASCH, Cristopher. **A Cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro, Imago, 1983.

testemunho do sobrevivente permeia por regras estritas e todo aquele que se arrisca a burlar essas regras é considerado louco. A respeito do louco, Foucault elucida o seguinte:

> O louco é o outro em relação aos outros: o outro — no sentido da exceção — entre os outros — no sentido do universal. Toda forma de interioridade é, agora, conjurada: o louco é evidente, mas seu perfil se destaca sobre o espaço exterior; e o relacionamento que o define entrega-o totalmente, através do jogo das comparações objetivas, ao olhar do sujeito razoável. Entre o louco e o sujeito que pronuncia "esse aí é um louco", estabelece-se um enorme fosso, que não é mais o vazio cartesiano do "não sou esse aí" mas que está ocupado pela plenitude de um duplo sistema de alteridade: distância doravante inteiramente povoada de pontos de referência, por conseguinte mensurável e variável; o louco é mais ou menos diferente no grupo dos outros que, por sua vez, é mais ou menos universal. O louco torna-se relativo, mas nem por isso está mais desarmado de seus poderes perigosos; ele que, no pensamento da Renascença, configurava a presença próxima e perigosa, no âmago da razão, de uma semelhança demasiado interior, é agora repelido para a outra extremidade do mundo, posto de lado e mantido. Sem condições de inquietar, através de uma dupla segurança, uma vez que representa a diferença do Outro na exterioridade dos outros. (FOUCAULT, 1978, p.202)

A história nos mostra que em todas as sociedades eurocêntricas o louco foi excluído. Nessas sociedades, o louco desperta o medo e gera a rejeição. Não se tem empatia com um louco. A loucura é esquisita, ela é a ruptura com a sociedade. O preconceito com o louco é explícito e existe uma resistência natural de desconfiança e intolerância em relação a ele. Ele vive a ruptura social como se fosse a própria realidade. É impossível tolerar um louco porque ele sempre atrapalha. A desconfiança em relação ao louco é absoluta. Ele vê o que ninguém vê. O louco está possesso por alucinações e é parte integrante do perigo. O que parece é que ele é apoderado por ideias cuja força é maligna ou sobrenatural. Ele afeta a razão oral e social. Ele é classificado como aquele em quem a razão não há. Ele é considerado um doente mental que precisa ser afastado e internado. A sua personalidade parece ser psicótica e manifesta o estereótipo da miséria. Por este motivo, a tentativa dos nazistas foi justamente fazer com que o testemunho dos judeus, caso algum deles sobrevivesse para contá-lo, fosse visto como o discurso de um louco. Conforme afirma Levi, "o vencedor é dono também da verdade, pode manipulá-la como lhe convier" (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p.11). Quem vive no comando tem o poder de ditar as ordens e manipular os fatos de forma que lhe seja proveitoso.

Isso nos mostra que a vida do sobrevivente é organizada de fora, pelo poder que lhe é imposto, suas vontades são maquinadas e agenciadas por um aparelho de violência sobre a vida, um aparelho que captura e reprime.

Assim que as notícias dos campos de extermínios começaram a se espalhar no final de 1942, a população as rejeitou, pois não acreditavam que uma crueldade tão extrema e grandiosa pudesse estar de fato acontecendo. As informações que lhes chegavam sobre os campos de extermínio eram absurdas demais para receber algum crédito. Levi recorda um trecho da obra do sobrevivente Simon Wiesenthal (*Gli assassini sono fra noi*, Milão, Garzanti, 1970), onde ele aponta o divertimento e o cinismo dos SS para comunicar aos detentos o futuro amargo que lhes aguardavam:

> Seja qual for o fim dessa guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas junto com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história dos Lager (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes* , p.9).

Fora do esperado, o discurso corre o risco de cair no anonimato e o desconhecido pode se tornar insuportável. Talvez, exista a tendência de rejeitar tudo aquilo que não dominamos e sobre o que não temos referência plausível. O medo, por não dominar o desconhecido, nos agride e nos coloca em uma zona de desconforto. O medo traz um certo tipo de tristeza que inquieta o espírito e atormenta a consciência. O medo nunca é determinado pela percepção de realidade do mundo físico, mas ele é determinado pela percepção de um mundo imaginado ou cogitado. Por isso, existe uma necessidade e uma demanda em saber quem é o autor do discurso e o lugar de onde ele se enuncia. Tendo em vista que,

> a enunciação não se refere a um texto, e sim a um puro acontecimento de linguagem (na terminologia dos estóicos: não ao dito, mas ao dizível que permanece não dito), o seu território nunca poderá coincidir com um nível definido da análise linguística (a frase, a proposição, os atos ilocucionários etc.), nem com os âmbitos específicos configurados pelas ciências, mas representa muito mais uma função que pode gravitar sobre cada um dos mesmos. (AGAMBEN, 2008, p. 141)

Uma vez confortável com o lugar do discurso, fica mais fácil reduzir as suspeitas, os exageros e as discussões. Assim, a tentativa de creditar o testemunho ou achar um lugar de escuta se torna uma possibilidade. O sobrevivente precisa anestesiar a dor para levar a vida, fugir da angústia, se adaptar rápido, sustentar o peso do preconceito e reinventar-se para se manter vivo. Seu testemunho, portanto, assume o risco de ser narrado sem o gozo da liberdade primária, pois ele precisa se submeter e respeitar as regras do jogo para que o seu relato encontre aceitação e não seja considerado louco. A transgressão radical das regras do discurso é a loucura, e para o louco não há aceitação. Quando o relato de alguém extrapola a coerência, o testemunho não é bem-vindo. As regras do discurso precisam ser cumpridas com seriedade. Existe uma necessidade em regular as transições e restrições do discurso para que o relato do sobrevivente encontre o seu lugar e seja aceito. Isso nos leva a crer que quem reproduz o enunciado é o poder. Ao que parece, para o sobrevivente ter crédito no que fala, faz ou pensa, ele precisa, de certa forma, ser autorizado, ou seja, a constituição de si precisa passar pelo olhar e aprovação do outro. Ele precisa se abrir para vencer os equívocos de achar ser o dono de uma verdade que vislumbra a possibilidade de uma vivência, ou melhor dizendo, uma sobrevivência.

Contudo, além das dificuldades que a mente traumatizada do sobrevivente enfrenta para rememorar a experiência vivida, há aqueles que querem emudecer a vítima e imputar o descrédito em seu testemunho para fazer com que a sua palavra não caiba no discurso da razão. A vítima da *Shoah* se vê forçada a lidar com o preconceito e as represálias que trabalham para tentar impedir que seu testemunho seja válido. Conforme aponta Levi no texto “Aniversário” [16] escrito em 1955: “parece indelicado falar dos campos de concentração, corremos o risco de sermos acusados de vitimismo ou de amor gratuito pelo macabro” [17]. Porém, o relato do sobrevivente faz parte de sua sobrevivência. Ao recordar e elaborar seu testemunho a vítima se encontra em uma função significativa. O injustiçado se vê representado em uma

[16] O texto Aniversário foi publicado na revista mensal da Cidade e do Piemonte, Turim, XXXI, 4, abr. 1955, pp. 53-4, número monográfico para os dez anos da Libertação; no subtítulo, a indicação “Deportados”. Com o título “Deportados. Aniversário” o texto se encontra em Opere (v. I, op. cit., pp. 1113-5).

Uma versão mais curta do texto foi publicada, como “Aniversário” (subtítulo: “Na deportação”) (em L’eco dell’educazione ebraica. Bollettino d’informazione professionale e didattica per gli insegnanti ebrei. Milão, IX, 7, abr. 1955, p. 14).

[17] COLOMBO, Sylvia. Folha de São Paulo. <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/01/1726952-serie-de-eventos-celebram-primo-levi-e-ampliam-interpretacao-de-seu-trabalho.shtml>. Acesso em 03 de nov. 2016.

linguagem que atende à realidade do trauma vivido e que resiste à representação do fato histórico. Segundo Seligmann-Silva,

> Aquele que testemunha se relaciona de um modo excepcional com a linguagem: ele desfaz os lacres da linguagem que tentavam encobrir o "indizível" que a sustenta. A linguagem é antes de mais nada o traço – substituto e nunca perfeito e satisfatório – de uma falta, de uma ausência. (SELIGMANN-SILVA, 2013, p. 48)

A dificuldade em testemunhar a dor se dá no sentido de que as recordações da vítima estão sujeitas a um apagamento ou a um encobrimento das injustiças históricas. Foucault explica a força da verdade e sua organização em contingências históricas que, "não são apenas modificáveis, mas estão em perpétuo deslocamento; que são sustentadas por todo um sistema de instituições que as impõem e reconduzem; enfim, que não se exercem sem pressão, nem sem ao menos uma parte de violência" (FOUCAULT, 1999, p.14). A obra de Levi é importante porque ela nos mostra o ponto de vista do vencido e pode ser vista como um genuíno testemunho da barbárie na Era das catástrofes e genocídios, conforme expressa o historiador Eric Hobsbawm [18]. O evento traumático vivido por Levi resiste a uma pormenorização descritiva. O vitimado testemunha para negociar com a vida uma mobilidade. Quem não negocia com a vida se estagna, fica petrificado, perde a fluidez e se estabelece em um único lugar. A busca por cumplicidade é uma tentativa de trazer um pouco de nobreza para a alma desfalecida. Logo, o testemunho de Levi também pode ser abordado como a expressão do corpo manifesto em dor.

Absorto pelas rupturas da realidade gerada pela guerra, o escritor do trauma encontra no ofício de escrever um escape. Assim explica Levi: "eu escrevera aquelas páginas sem pensar num destinatário específico; para mim, tratava-se de coisas que carregava, que me invadiam e que tinha de pôr para fora: dizê-las, ou melhor, gritá-las à luz do dia" (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 144). Ao expor suas feridas mais profundas, Levi busca se recompor das perdas físicas e psicológicas herdadas no *Lager*. Os escritos de Levi manifestam um excesso de memória e uma mágoa que parecem ser insuperáveis. Seu lamento é repetitivo, como uma chama que mantém viva a memória do agravo. Narrar o testemunho do trauma é uma luta contra a exclusão. O exercício de escrever também é uma tentativa de cicatrizar um

---

[18] Cf. HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**. O breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

sinal moral negativo. O sobrevivente tenta se encontrar em meio à destruição de seus valores e convicções que foram perdidos durante o tempo de encarceramento. A pesquisadora e professora de literatura comparada Cathy Caruth, afirma que o trauma descreve "uma experiência devastadora de um evento inesperado ou catastrófico no qual a reação ao evento ocorre pela frequência tardia do aparecimento repetitivo e incontrolável de alucinações e de outros fenômenos intrusivos" (CARUTH, 1996, p. 11) [19]. Por esse motivo, observa-se o testemunho do sobrevivente como um relato que vai além da experiência tratada como comum ou que se compreende como normal. O sobrevivente precisa existir simbolicamente para regressar ao humano que se perdeu em Auschwitz. A manutenção do corpo demanda um cuidado que vai além daquilo que apenas sustenta a estrutura física: comida, bebida e descanso. É preciso ir além do pão para existir. Por isso, o testemunho de Levi trabalha para se comunicar com o outro e consigo mesmo, para compreender o mundo e a própria existência. Ele precisa das palavras como instrumento de combate, para articular seus pensamentos, dar visibilidade e sentido à sua luta. Sem a chance de interlocução, seu testemunho não seria possível e a comunicação iria falhar. O sobrevivente precisa existir no mundo dos símbolos para que o seu corpo ganhe sentido para si e para o outro. A definição simbólica com palavras traz existência e uma identificação para o sobrevivente. Contudo, o corpo muda interruptamente e os afetos do sobrevivente se acham sempre em conflito. O testemunho do trauma, portanto, extrapola a normalidade da linguagem, não dando conta, assim, de significar sua realidade.

Ao tentar se reconciliar consigo mesmo e com o mundo que o cerca, Levi luta para reduzir o distanciamento e o apagamento da história dos que foram fragmentados pelo trauma sofrido na guerra. Levi aponta que "os fatos históricos só adquirem suas linhas e sua perspectiva alguns decênios após sua conclusão" (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p.16). Por isso, quando registrado muitos anos depois do fato ocorrido, um desfalque na qualidade do testemunho é possível. O testemunho pode sofrer a influência dos argumentos de historiadores, pesquisadores e diversos veículos de informação. Levi argumenta:

---

[19] No original, temos: "an overwhelming experience of sudden or catastrophic events in which the response to the event occurs in the often delayed, uncontrolled repetitive appearance of hallucinations and other intrusive phenomena" (CARUTH, 1996, p. 11).

> Num sentido contrário, o decorrer do tempo está provocando outros efeitos historicamente negativos. A maior parte das testemunhas, de defesa e de acusação, já desapareceram, e aqueles que restam e ainda (superando seus remorsos ou então suas feridas) concordam em testemunhar, dispõe de lembranças cada vez mais desfocadas e estilizadas; frequentemente, sem que o saibam, lembranças influenciadas por notícias havidas mais tarde, por leituras ou por narrações alheias. Em alguns casos, naturalmente, a desmemoria é simulada, mas os muitos anos transcorridos lhe dão crédito, mesmo em juízo: os "não sei" ou os "não sabia", proferidos hoje por muitos alemães, não mais escandalizam, ou deviam escandalizar, quando os fatos eram recentes (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p.16).

Colocar em xeque a cultura da impunidade e impedir a facilidade que existe para enterrar os crimes do passado torna-se um desafio para o sobrevivente. Não existe descrição testemunhal que não carregue em sua essência os elementos da imaginação ou da criatividade. O testemunho vive sob o fantasma da ficção. A inscrição testemunhal vai estar sempre ligada à construção de histórias. Porém, conforme Adorno afirma, "os autênticos artistas do presente são aqueles em cujas obras o horror mais extremo continua a tremer" (apud SELIGMANN-SILVA, 2013, p.12). A narrativa do sobrevivente carrega o cunho do questionamento e do confronto. Sua representação clama por uma verdade, por uma provocação para que se perceba o outro e para que o inaudito ache um lugar de escuta. O sobrevivente clama por uma mesma condição de humanidade e para que ele deixe de ser visto como um objeto do horror. A realidade absurda reportada pelo sobrevivente demanda uma urgência de reflexões para que se entenda o que o outro pensa e sente. Refletir a respeito da dor do sobrevivente demanda pensar na terrível e assustadora normalidade em que o mal era praticado. Uma normalidade apavorante e que era cometida por pessoas aparentemente comuns. Pessoas que, com o decorrer do tempo, foram ocultando a capacidade de reflexão em relação ao mal rotineiro que elas praticavam. Elas cumpriam as terríveis ordens sem contestar, tudo lhes parecia normal; apenas faziam o que todos estavam fazendo, ou seja, obedecer. O homem é um ser que obedece, e para que ele sobreviva, ele precisa respeitar as leis. A segregação racial, o ódio e as matanças eram os valores vigentes da sociedade alemã nazista, principalmente em relação aos judeus. Esses valores construídos por Hitler não eram desafiados, mas praticados com naturalidade, como uma mera obrigação do dia a dia. Conforme Hannah Arendt nos explica:

> O maior mal perpetrado é o mal cometido por ninguém, isto é, por um ser humano que se recusa a ser uma pessoa. Dentro da estrutura conceitual dessas considerações poderíamos dizer que o malfeitor que se recusa a pensar por si mesmo no que está fazendo e que, em retrospectiva, também se recusa a pensar sobre o que faz, isto é, a voltar e lembrar o que fez (que é teshuvah, isto é, arrependimento), realmente deixou de se constituir como alguém. Permanecendo teimosamente um ninguém, ele se revela inadequado para o relacionamento com os outros que, bons, maus ou indiferentes, são no mínimo pessoas (ARENDT, 2004, P.177).

É justamente essa banalidade do mal que é contrastada no testemunho do sobrevivente. Qualquer tentativa de justificar os acontecimentos do *Lager* como normal é assumir a incapacidade de reflexão em relação ao outro. Esse ato de irreflexão inibe pensar no outro como alvo dos meus afetos. Nesse contexto, qualquer um que decide escapar da história do outro e ignorá-lo, se coloca no mesmo patamar de Hitler e sua Alemanha nazista, tornando-se, assim, mais um burocrata do Terceiro Reich.

O testemunho, em meio à força de sua complexidade, acha lugar, mas sempre se esforçando para recordar, como também, para esquecer. Segundo Seligmann-Silva, para o sobrevivente,

> recordar e esquecer são dois fatores dinâmicos e inseparáveis (ele em certa medida recorda para se esquecer e porque não consegue esquecer-se precisa narrar), por outro lado, o papel da historiografia é o da investigação "científica", baseada em documentos e visando o esclarecimento e explicação do ocorrido (SELIGMANN-SILVA, 2013, p. 15).

O esforço do sobrevivente para extinguir a dor da experiência nunca será suficiente. O que aconteceu em Auschwitz é inexplicável e inarrável. Agamben explica que Auschwitz é a "existência do impossível". Segundo o filósofo, esse campo de extermínio "representa a experiência devastadora na qual se faz com que o impossível seja introduzido à força no real" (AGAMBEN, 2008, p.149). O estado em que o homem chegou ao *Lager* não cabe em palavras, é intraduzível, mas é preciso que esse período histórico seja pesquisado e registrado. Caruth explica que a verdade do trauma é a "falha da representação" (CARUTH, 1995, p. 253) [20]. Os testemunhos, mesmo com suas fraturas, mesmo com a falta de pureza no discurso manchado pelo trauma e pelo processo de recordação, são ferramentas

[20] No original, temos: "crisis of representation" (CARUTH, 1995, p. 253).

indispensáveis para recompor esse período histórico. O relato do sobrevivente é importante para não deixar que as vítimas sejam tratadas com normalidade, para não deixar que elas sejam acomodadas em contextos históricos e caiam no esquecimento. Por isso, a vítima resiste, se enuncia e busca cumplicidade no ouvir do outro. Em termos gerais, a reflexão do sobrevivente trata sobre a complexidade do sentimento que gera a vergonha de ser homem. Ao ler e abordar a obra de Primo Levi, o filósofo e escritor Gilles Deleuze comenta sobre essa vergonha de ser homem:

> Acho que um dos motivos da arte e do pensamento é uma certa vergonha de ser homem. Acho que o artista, o escritor, que falou mais profundamente sobre isso foi Primo Levi. Ele soube falar dessa vergonha de ser um homem num nível extremamente profundo, porque foi logo após sua volta dos campos de extermínio. Ele sobreviveu com... Ele disse: "Quando fui libertado, o que me dominava era a vergonha de ser um homem". É uma frase ao mesmo tempo esplêndida e bela e... Não é abstrata, é muito concreta a vergonha de ser um homem. Mas ela não quer dizer... Associamos muita besteira. Não quer dizer que somos todos assassinos. Não quer dizer que somos todos culpados diante do nazismo. Primo Levi diz admiravelmente que isso não significa que carrascos e vítimas são iguais. Não nos farão acreditar nisso. Muitos dizem que todos somos culpados. Nada disso, não confundamos carrascos e vítimas. A vergonha de ser homem não significa que somos todos iguais, comprometidos etc. Acho que quer dizer muitas coisas. É um sentimento complexo e não unificado. A vergonha de ser um homem significa: como alguns homens puderam fazer isso, alguns homens que não eu, como puderam fazer isso? E, em segundo lugar, como eu compactuei? Não me tornei um carrasco, mas compactuei para sobreviver. É uma certa vergonha por ter sobrevivido no lugar de alguns amigos que não sobreviveram. É um sentimento muito complexo. Acho que, na base da arte, há essa ideia ou esse sentimento muito vivo, uma certa vergonha de ser homem que faz com que a arte consista em liberar a vida que o homem aprisionou. O homem não para de aprisionar a vida, de matar a vida. [21]

Essa vida aprisionada, carregada de vergonhas e sempre no limiar da morte, revela um ato constante de sobrevivência enfrentado por aqueles que resistiram ao cárcere da guerra. Resistir, portanto, é um esforço, um ato contínuo, uma tentativa diária de sobreviver. O sobrevivente se encontra em uma espécie de desfalecimento exercido em um transpassar entre a vida e a morte. Ele se estabelece em um lugar

[21] Texto extraído do **Abecedário de Gilles Deleuze**, realizado por Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações].

problemático, de uma solidão, de um não ser visto, ou não ser autorizado como um sujeito que é desejável. Apesar de o testemunho do sobrevivente carregar um teor fantasmagórico, ele se consolida na sobriedade e força das palavras usadas para relatá-lo. O relato do sobrevivente é racional, mecânico e longe de uma prosa cheia de lamentações. O escritor israelense Aharon Appelfeld afirma que “o testemunho do sobrevivente é, antes de mais nada, a busca de um alívio; e como ocorre com qualquer carga, aquele que a porta quer se livrar dela o quanto antes” (APPELFELD, 1998, p. 84). O testemunho do trauma é a história daquilo que não se quer ter mais. A vítima enfrenta o seu próprio silêncio através da palavra. Ela força o esvaziamento de suas memórias traumáticas para que elas se dissolvam e não causem mais dor. Ao usar a palavra para narrar o testemunho, o sobrevivente dialoga consigo mesmo. Essa narrativa se faz necessário para criar na vítima uma sensação de liberdade. Porém, a liberdade enseja riscos. Existe a inconsistência de narrar o trauma, uma fronteira que parece ser impossível ultrapassar. Ao relatar seu testemunho, o sobrevivente pode ser visto como aquele que coloca sua própria verdade ao mundo.

Escrever a respeito de uma experiência psicológica muito violenta para testificar a verdade da experiência envolve o trabalho de ter que carregar a história vivida para o âmbito da normalidade. O indivíduo transformado pela experiência traumática nunca está inteiramente são e vai sempre carregar resíduos de feridas que não cicatrizam. Os picos de instabilidade psicológica se transformam em uma rotina e um fardo, uma maldição que interruptamente atormenta a mente do sobrevivente. A inflamação cerebral é constante. Nem mesmo nos momentos de insensibilidade dos sentidos o sobrevivente consegue escapar do desespero. Levi relata que até em sonhos a esperança está perdida:

> Quase todos os sobreviventes, oralmente ou em suas memórias escritas, recordam um sonho muitas vezes recorrente nas noites de confinamento, variado nos particulares mas único na substância: o de terem voltado para a casa e contado com paixão e alívio seus sofrimentos passados, dirigindo-se a uma pessoa querida, e de não terem crédito ou mesmo nem serem escutados. Na forma mais típica (e mais cruel), o interlocutor se virava e ia embora silenciosamente (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p.10).

O delírio do sobrevivente é sempre persistente, conserva-se firme e inabalável. Voltar à normalidade está fora de questão para o sobrevivente do campo de extermínio. Conforme Levi afirma, “eu sou tal qual fui construído por meu

passado, e não me é mais possível mudar" (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 117). A vítima do *Lager* vive um contínuo processo de perseguição e sua mente permeada pelo encontro do bizarro com a atrocidade cria um mundo impossível de ser purificado. Por isso, ao recordar suas experiências e relatar suas histórias, o sobrevivente corre o risco de escrever algo com um significado muito distinto da realidade. Segundo Seligmann-Silva, "a linguagem/escrita nasce de um vazio – a cultura, do sufocamento da natureza e o simbólico, de uma reescrita dolorosa do "real" (que é vivido como um trauma)" (SELIGMANN-SILVA, 2013, p. 48). O processo de narrar o trauma envolve uma testemunha despersonalizada que tem dificuldades em trazer nitidez para o seu relato. Sua mente transtornada pelo sofrimento carrega memórias fragmentadas e descontextualizadas. O tempo atual é sempre traumático; *flashbacks*, pesadelos e pensamentos intrusivos cheios de violência aprisionam o sobrevivente nas experiências do passado e o impedem de viver o presente plenamente. O que se percebe é que ao testemunhar o horror, narra-se como se fosse ficção. Para que o sobrevivente consiga expor a própria dor, cria-se uma espécie de agente que consiga suportar o discurso do trauma.

Em uma tentativa de explicar a si mesmo o que aconteceu no campo de extermínio, o sobrevivente tem dificuldades em trazer clareza para o seu relato e se vê perplexo por ter que responder como culpado perante as consequências abusivas que ele sofreu durante o encarceramento. Após o fim da guerra muitos questionaram e cobraram dos sobreviventes respostas pela falta de reação e atitude por eles não terem lutado contra os nazistas dentro do *Lager*. A narrativa de Levi aponta para a desesperança que permeava os pensamentos e o discurso dos encarcerados. Segundo Levi, "os diversos sentimentos que se agitavam em nós — de consciente aceitação, de revolta sem saída, de religioso abandono, de medo, de desespero — confluíam agora, depois da noite insone, numa coletiva, descontrolada loucura" (LEVI, *É isto um homem?*, p. 14). Os judeus, em sua grande maioria, se viam abandonados por Deus e por grande parte da humanidade. Eles achavam que foram completamente esquecidos, se sentiam sozinhos e desamparados. O encarcerado teve que aprender a lidar com o tratamento estranho e perigoso que caracterizava os soldados alemães, que desconheciam a solidariedade e a compaixão. Não havia misericórdia no *Lager.* O objetivo dos algozes era produzir a infelicidade alheia, destruir a ternura e suscitar no sofredor a vulnerabilidade máxima da dor, da culpa e da vergonha. A ausência de reconhecimento do sobrevivente como ser humano o

deixava indiferente, gerava uma frustração profunda e anulava sua expectativa de se livrar do *Lager* com vida.

O fardo que o sobrevivente carrega a respeito das memórias traumáticas que remetem às experiências vividas no campo de morte se tornou impossível de ser descartado. O trauma traz em si rastros que se exprimem para além das feridas do corpo. O sofrimento é físico, mental e moral. Assim explica Levi: “verdadeiramente, somos induzidos a pensar que, no Terceiro Reich, a escolha melhor, a escolha imposta de cima para baixo, fosse aquela que comportava a máxima aflição, o máximo esbanjamento de sofrimento físico e moral. O “inimigo” não devia apenas morrer, mas morrer no tormento” (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 104). O trauma vivido no *Lager* promoveu a despersonificação do encarcerado, deteriorando-o por dentro e por fora, mesmo com o fim da guerra a vítima se achava impossibilitada de se reunir e de se coincidir consigo mesma.

O trauma gera ruptura com o que se passou antes do confinamento e a vítima perde grande parte de suas referências. Sua identidade é alterada e ela se torna outro ser, distante e apático. Impossibilitado de se ordenar, o trauma produz sentimentos confusos e “traz à tona questões existenciais que, pelo menos no mundo moderno, preferimos deixar submergidas” (EDKINS, 2002, p. 245). A vergonha é profunda e a culpa devastadora, sentimentos necessários e fundamentais de qualquer experiência moral.

Com a identidade abalada, a história do prisioneiro se esvai; ele já não sabe quem ele é ou onde está, porque o trauma também é possibilidade de um tempo inerte, que não passa, cuja fluidez a tempo se perdeu. O trauma é no presente a reprodução fantasmagórica do passado, sempre pronto para atormentar a mente dos que persistem em sobreviver. O traumatizado vive com a impressão de que o tempo parece não passar porque a cena traumática se repete rotineiramente, dia após dia. A vítima do trauma, por não conseguir reunir a si mesma, carrega uma ferida de difícil cicatrização e que é praticamente insuperável.

Por outro lado, é justamente na fratura que se estabelece entre o vivível e a vida com a impossibilidade de narrar, que a dor é transformada em narração. O testemunho do sobrevivente, portanto, resiste “à explicação e a representação” (RICOEUR, 2007, p. 170). A dor, ao ser narrada e compartilhada, ganha mais evidência. O trauma, por ser o choque da agressão, coloca em cena o que não é possível considerar; por isso, o testemunho gera uma certa desconfiança e não raras

as vezes seu conteúdo é contestado. O trauma é a imagem imperativa que insiste em se repetir na mente e que não deixa lugar para a interpretação ou uma condição para que ele seja simbolizado e superado. Ele é sempre algo definitivo, pois ele sempre volta do mesmo modo na rememoração e não aceita um esquecimento ativo. A experiência do trauma acontece quando morremos sem deixar de respirar, quando continuamos ainda vivos participando de uma morte que não aconteceu necessariamente, mas que quase aconteceu.

Relatar o que não é nobre, dar testemunho de uma experiência que não é admirável e está destituída de qualquer grandeza é um desafio para o sobrevivente do *Lager*. Sua existência vulgar, atravessada "por um certo ardor, por uma violência, um excesso na malvadez, na vilania, na baixeza ou no infortúnio" (FOUCAULT, 1992, p. 96-97) exerce grande colaboração para intensificar o horror e a repulsa do seu discurso. O ser do campo de extermínio, sem glória e infame, também pode ser descrito conforme as palavras de Foucault: "vidas que são como se não tivessem existido, vidas que não sobrevivem senão do choque com um poder que mais não quis que aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vidas que a nós não tornam a não ser pelo efeito de múltiplos acasos" (FOUCAULT, 1992, p. 102-103). O descrédito do testemunho do sobrevivente do *lager* é caracterizado por um trauma que se estabelece em um acontecimento que se dá na indeterminação de um luto impossível, de uma morte sem luto e de um luto sem morte, ou seja, no que sobra da vida depois da morte. A experiência do sobrevivente é por si só o trauma de uma catástrofe. Ele vive uma morte interminável. Ele vive uma morte muito próxima sem ser necessariamente atingido por ela, mas vive como se tivesse sido atingido, é o outro que é atingido e sofre a morte direta e implacável.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a culpa exerce um papel importante na vida do sobrevivente, como é o outro que morre em seu lugar, a culpa o move a questionamentos constantes pelo fato dele ter sobrevivido. Na afirmação de Levi, "quase todos se sentem culpados por omissão de socorro" (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 67). Geralmente o sobrevivente tenta entender a razão pela qual ele não morreu e sim o outro que estava muito próximo a ele. Por não achar respostas satisfatórias, a vida é para a vítima um incômodo, sempre um fardo pesado e difícil de lidar. A sobrevida é o que lhe resta. O seu fardo é ter que pelejar com o que sobrou de uma vida que não deu certo, que não sucumbiu a ameaça da morte, mas que insiste em continuar. O sobrevivente, infeliz e triste, muito mais que

um ser coitado a lamentar, é indigno. Ele é desprivilegiado, desalinhado e fadado a ser julgado injusto. Seus atributos não lhe dão dignidade, mas o expõem ao julgamento comitente. Sem ter a chance de se recuperar do desajuste sofrido, a sua tristeza é endêmica. Portanto, o testemunho do sobrevivente só é possível porque ele está imerso no trauma. A vítima do trauma é incapaz de jogar luz nas questões que a atormenta. Essa condição que o distancia e o faz refletir também gera uma vontade de esquecimento de si mesmo. O sobrevivente habita em um mundo paradoxal onde o caos predomina sobre a ordem. Por isso, existe um esforço do sobrevivente em fazer com que o acontecimento traumático seja algo superior a ele mesmo para que ele possa se superar. Essa superação, contudo, não é uma maneira de resistir ao trauma, mas uma tentativa de se reconstruir após ser ferido e sofrer com um choque de extrema violência. Nesse caso, o desejo de esquecimento se torna inevitável. Não é fácil ser reconhecido por aqueles que te odeiam, mas o valor tem a ver com a concepção humana, ele é de carência, de escassez e de debilidade. A tentativa de esquecer o trauma vivido surge da necessidade do sobrevivente atribuir a si mesmo um caminho possível, ou seja, identificar qual a melhor vida a ser vivida, uma vida que seja possível realizar.

A reconstrução psíquica do sobrevivente parece não ter fim; como no luto melancólico, o sobrevivente se desliga progressivamente por ter vivido a perda, não apenas de pessoas queridas, mas de si mesmo. Dilacerado por uma alma em frangalhos, ele flutua em sua angústia. Ele não se atura, ele é insuportavelmente triste. A sua maior tristeza é não se aguentar. Conviver consigo mesmo torna-se a maior tortura que suas experiências traumáticas conseguiram lhe afligir. O indivíduo traumatizado guarda dentro de si as estranhezas do corpo ferido, um mal-estar permanente e perturbante. Porém, Levi não ignora sua finalidade no mundo, apesar da crueldade que lhe foi imposta, sua tentativa é de se livrar dela, mesmo sendo este um exercício enfadonho e vão. Como num jogo de quebra cabeças, confuso e difícil de acompanhar, a experiência do sobrevivente parece carecer de um significado aparente. Ao narrar suas experiências traumáticas, um elo entre passado e presente é formado. Sua narrativa torna-se essencial para mantê-lo ligado ao passado, ela trabalha para trazer à memória justamente aquilo que se pretende esquecer, ou seja, todo o sofrimento gerado pela guerra.

A narrativa da vítima funciona como um clamor que se estabelece em sua mente. Ela traz de volta à memória do encarcerado o período vivido na guerra e não

o deixa esquecer a triste perda de suas crianças, jovens e velhos que nunca puderam regressar para suas casas. Para aqueles que não vivenciaram o período da guerra, o testemunho do sobrevivente é de certa forma o legado que ele deixa para o mundo. Seu clamor é para que todos saibam e jamais esqueçam o que se passou nos campos de extermínio. Sua narrativa é uma tentativa de transmitir as experiências que sua mente constantemente traumatizada é capaz de suportar. Levi testemunha por aqueles que sucumbiram e fixaram seus olhos na Górgona; aqueles que morreram ou aqueles, que ainda vivos, se emudecem perante a tragédia acumulada. É justamente esse acúmulo de violência que faz com que o testemunho seja importante, não só o testemunho dos que sobreviveram e conseguem narrar, mas também o testemunho dos que ficaram petrificados e dos que desapareceram nos crematórios e covas dos campos de extermínio. Portanto, somente aqueles que não foram encobertos por uma mortificação absoluta conseguem narrar, aqueles que se distanciaram e desviaram, de alguma maneira, seu olhar da ruína imperiosa.

A voz do testemunho ocupa um espaço na dificuldade do discurso enquanto trabalha para rememorar a experiência vivida no *Lager*. Um indivíduo que viveu as atrocidades do *Lager*, mas que não é capaz de se expressar é apenas memória. Ele é visto como sendo um “outro”, alguém de difícil interação e identificação. Ele sustenta o “corpo memória”, corpo enlutado que se enuncia, através da lembrança de sua aparência eloquente, por si só. A vontade do sobrevivente de se enunciar se defronta com a dificuldade da linguagem em querer narrar a experiência vivida dos fatos inenarráveis. Esses fatos ultrapassam a capacidade e a suficiência verbal necessária, para compor um texto coerente e aceitável. Segundo Seligmann-Silva:

> O testemunho coloca-se desde o início sob o signo da sua simultânea necessidade e impossibilidade. Testemunha-se um excesso de realidade e o próprio testemunho enquanto narração testemunha uma falta: a cisão entre a linguagem e o evento, a impossibilidade de recobrir o vivido (o “real”) com o verbal. O dado inimaginável da experiência concentracionária desconstrói o maquinário da linguagem. Essa linguagem entravada, por outro lado, só pode enfrentar o “real” equipada com a própria imaginação: por assim dizer, só com a arte a intraduzibilidade pode ser desafiada – mas nunca totalmente submetida. (SELIGMANN-SILVA, 2103, p. 46)

A dor demanda uma reflexão, por isso ela é aguda e impiedosa, ela não cede às lágrimas e ao clamor de misericórdia. O testemunho de Levi demanda um escutar a partir do silêncio para registrar o arquivo necessário do terror. Contudo, a

necessidade e a responsabilidade de narrar o testemunho partem da dificuldade de inscrever um passado traumático. Ao narrar sua história, o sobrevivente valora uma relação com o mundo, ele tenta ir na contramão da animalidade para reafirmar sua potência. Porém, o testemunho nasce de um acúmulo de destruição e demanda a escuta do lamento, dar atenção à devastação absoluta e ao sofrimento absurdo. A narrativa do sobrevivente exige o resignar da intolerância para que o seu ouvinte encontre fragmentos de razão. Talvez, para que a vida seja aceitável, é preciso haver mais concordâncias que discordâncias. O mundo tem valor na medida em que ele nos afeta, na medida em que ele se relaciona com o nosso corpo e cria trocas de relações com a vida para evitar o escape do convívio com os demais. Por isso, para o sobrevivente é importante que ele tente ir além e exorbite qualquer possibilidade de razoabilidade que faça com que seu testemunho deixe de resistir e pereça. O processo do retorno é difícil e desafiador, mas o resultado esperado talvez esteja justamente na lentidão do processo, resgatar o que se perdeu do humano, ou seja, o que lhe é próprio. Abandonando as características próprias do animal, pode-se dizer, então, que faz parte do humano sair e se ausentar, mas também é do humano o desejo de retornar. O sobrevivente foi impedido de desenvolver a coragem, de comer e beber propriamente, esqueceu o que é dormir e repousar o corpo em descanso. Ele foi impedido de interagir, de socializar, saber parar e conversar. Ele foi transformado em um ser fora de seu lugar natural, descentrado, indo além do que se imaginou para viver uma aventura trágica. Ele foi simplesmente jogado onde o destino é nada.

Auschwitz, talvez considerado até os dias de hoje como o símbolo mais horrendo dos últimos tempos, onde muitos dos piores crimes contra a humanidade foram cometidos, se estabelece como parte de uma memória coletiva e individual. Esse lugar inóspito e impensável, palco da tragédia e da crueldade, onde milhões de inocentes foram brutalmente destituídos do direito de poder viver, protagonizou uma crueldade única. Enquanto campo de extermínio revelou um fato inimaginável, cruel e devastador; um evento inesperado e jamais visto na história do homem moderno. Ao abordar os *Lager*, Levi aponta que,

> depois de terem funcionado como centros de terror político, em seguida como fábricas da morte e, sucessivamente (ou simultaneamente), ilimitado reservatório de mão-de-obra escrava sempre renovada, os lager se haviam tornado perigosos para a Alemanha moribunda, porque continham o segredo dos próprios

> lager, o crime máximo na história da humanidade (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 11).

Aqueles que sobreviveram à experiência impactante vivida nos *Lager* deixaram seus testemunhos como prova do absurdo e da maldade do homem contra seu semelhante. O testemunho do sobrevivente é um confronto que transita entre o tempo e a narrativa. Ele precisa pelejar com as dificuldades concernentes à memória e, mais inconvenientemente, ao esquecimento. A respeito do esquecimento, Ricoeur nos traz a seguinte explicação: “escavado sob o passo da memória e da história, abre-se então o império do esquecimento, império dividido contra si mesmo, entre a ameaça do apagamento definitivo dos rastros e a garantia de que os recursos da anamnésia são postos em reserva” (RICOEUR, 2007, p.18). A memória nos dá acesso à imagem do acontecimento e nos permite reconstruir imageticamente a experiência dos fatos passados. Porém, a escrita é a garantia contra o fracasso da memória. Ela se estabelece para permitir que o sobrevivente recorde a imagem do vivido e, portanto, não o deixa esquecer. A problemática se dá na seleção de apenas lembrar o que nos é de interesse próprio. O processo de seleção se estabelece na relevância do fato experienciado pela testemunha. Filtra-se o relato do fato que é conveniente. Não temos os fatos, apenas os relatos. A memória tem que ser seletiva porque a necessidade de esquecer é um acontecimento recorrente.

Por fim, pode-se entender o testemunho do sobrevivente como um resto, um traço ou um pedaço de resistência. O testemunho é um dispositivo cuja finalidade é carregar uma função de existência que transita entre fraturas e silêncios. Por estar mergulhado no trauma, o sobrevivente relata sua experiência a partir de uma realidade cheia de transtornos e sequelas. Seu testemunho intenso é marcado pela força das emoções recebidas e pela violência da ausência das palavras. O testemunho do sobrevivente o obriga a se nutrir do escândalo. Por isso, o sobrevivente precisa imaginar para restituir uma desaparição de fatos sufocados pelo trauma. Porém, Didi-Huberman nos alerta que “o imaginável como experiência não pode ser o inimaginável como dogma” (DIDI-HUBERMAN, 2003, p. 69). O trabalho de rememoração faz com que o sobrevivente sonde a própria consciência. Para o sobrevivente, o ato de dar testemunho de suas experiências traumáticas é um ato sofrivelmente solitário. A angústia de ter que definir a vida a cada minuto não dá trégua. Os instantes de alívio são raros ou inexistem. O sobrevivente tem que

carregar a enorme responsabilidade de ter que suportar a veracidade de um discurso que é impossível de ser determinado e que é afetado pela magnitude de um estrago psicológico irreversível.

Refletir o testemunho do trauma requer paciência, pois seu caráter é indizível e parte da tentativa de querer entender o inaudito através da insuficiência do discurso. A perspectiva que se tem da narrativa da vítima a partir do trauma é de uma mudança radical e transformadora. O testemunho do sobrevivente se manifesta através de uma linguagem específica e trabalha para compreender a realidade vivida no período em que ele esteve recluso no campo de extermínio. Um fator importante do relato do sobrevivente é mostrar a história do ponto de vista do marginalizado. O intuito é não deixar que suas palavras se percam no tempo e sejam desacreditadas. É importante lembrar que os vencidos sempre existiram e sempre foram a maioria. Por isso, o trabalho de Levi se mostra árduo e constante, sempre lutando para evitar que as próximas gerações esqueçam a malignidade das experiências que foram geradas nos *Lager*. Testemunhar torna-se para o sobrevivente um ato elementar. Segundo Georges Perec,

> Falar, escrever, é, para o deportado que retorna, uma necessidade tão imediata e tão forte quanto sua necessidade de cálcio, de açúcar, de sol, de carne, de silêncio. Não é verdade que ele pode se calar e esquecer. É preciso que, primeiramente, ele se lembre. É preciso que ele explique, que ele conte, que ele domine este mundo do qual ele fora a vítima [22] (PEREC, 1992, p.89, tradução nossa).

O testemunho do sobrevivente demanda essa necessidade de atos de reconhecimentos, sejam esses atos intersubjetivos, institucionais, jurídicos ou relacionais. Envolver o outro é fundamental para que o testemunho ache lugar de aceitação. Ao envolver o seu testemunho com a narrativa, o sobrevivente se projeta para ir além da descrição, ele tenta conseguir se colocar na história como um processo de transformação. O que ele busca é um limite de possibilidade de relação com o outro para aliviar o desconforto constante, o mal-estar e a violência sofrida pelo corpo. Ao despertar no outro a empatia com a sua história de destruição, um elemento de proximidade e identificação é formado no espaço do terror. O

[22] No original, temos: "Parler, écrire, est, pour le déporté qui revient, un besoin aussi immediate et aussi fort que son besoin de calcium, de sucre, de soleil, de viande, de silence. Il n'est pás vrai qu'il peut se taire et oublier. Il faut d'abord qu'il se souvienne. Il faut qu'il explique, qu'il raconte, qu'il domine ce monde dont il fut la victime" (PEREC, 1992, p.89).

dispositivo trágico constrói os iguais e gera a compaixão dos que são semelhantes na origem. O outro se torna um alvo a ser atingido. Discursar somente para preencher um silêncio não sacia a vítima do trauma. Escrever é preciso e falar é preciso, mas o encontro com o outro e sua aceitação são fundamentais para que o sobrevivente possa contemplar uma completude consigo mesmo e com o outro. A necessidade de reaprender a construir o comum e se inserir no mundo novamente também faz parte do testemunho. Como bem observou Walter Benjamin: “a história dos oprimidos é uma descontinuidade” (BENJAMIN *apud* RICHARDS, 2002, p.64). Quem reivindica a história do oprimido é ele mesmo, nenhum poder que julga a vida de um ponto de vista superior irá fazer isso por ele. O fato de o sobrevivente ser uma exceção da máquina de matar não faz com que sua derrota catastrófica seja um acidente histórico ou “um estado de exceção”, sua regressão social é a consequência de um projeto técnico de magnitude industrial. Por isso, seu discurso não é neutro, ele sempre remete para algo que não é propriamente o discurso ou o pensamento, mas é o sentimento, que pode ser positivo ou negativo, e que emana de um resto de vida que ainda há dentro dele. O outro, portanto, se faz importante na tentativa do sobrevivente de humanizar uma vida onde não existe harmonia. A vinculação com o outro permite que se crie um espaço como lugar de afeto. Citando Aristóteles, “a compaixão tem lugar a respeito do que é infeliz sem o merecer e o medo, a respeito do nosso semelhante desditoso”, o professor de filosofia, Roberto Machado, comenta em seu livro, *O Nascimento do Trágico*, o seguinte:

> A compaixão é a emoção sentida pelo espectador perante o personagem que cai na infelicidade; o medo é a emoção que o espectador sente em relação a que o ocorrido ao personagem possa acontecer com ele. O medo faz tremer por si próprio, a compaixão, pelo outro. E se não é simplesmente o sofrimento do outro que produz compaixão, mas o sofrimento imerecido do outro, a tragédia não deve representar nem homens muito bons que passem da boa para a má fortuna, nem homens muito maus que passem da má para a boa fortuna ou da felicidade para a infelicidade, mas o homem que não se distingue muito pela virtude e pela justiça e que, se cai no infortúnio, é por força de algum erro [*hamartia*] e não porque seja vil e malvado. É a *hamartia*, isto é, o fato de que o erro, a falta seja cometida por ignorância pelo personagem, que faz com que o enredo trágico suscite a compaixão do espectador. (MACHADO, 2006, p.29)

O teor testemunhal, portanto, funciona a partir dos dois dispositivos que formam a base da tragédia: o medo e a compaixão. O jogo político se dá através da construção da identificação empática entre o medo e a compaixão. A compaixão

acontece quando punidos e impunes se identificam verdadeiramente na miséria, seja esta, por exemplo, uma violência sofrida com a morte, com a dor ou com a vergonha moral. Os que não viveram as dores do *Lager* se remetem a uma insignificância pessoal ou a uma miséria absurda para que consigam se compadecer do sobrevivente. Ao perceber que o ato imoral ou infame também poderia ir além daqueles que se livraram do *Lager*, o impune se compadece. Cria-se no impune a necessidade da compaixão com aquele a quem ele decidiu se assemelhar e a descompaixão com o diferente, com aquele que decidiu ignorar a misericórdia. Na *Poética*, Aristóteles assevera que a intenção da tragédia é gerar “terror e piedade” (P, cap. IX). O terror gera o medo no impune e o aproxima do sobrevivente ao perceber que ele também está sujeito a infortúnios. A piedade acontece quando o impune percebe que é a vítima que sofre em seu lugar. A felicidade é temporária, e por isso, o risco por não ouvir o testemunho do sobrevivente é muito alto. O impune se compadece porque ele também está suscetível à sorte desgraçada, à vida que escoa e que não permite se despedir dos instantes irrecuperáveis. Sendo assim, o fracasso também pode gerar proximidade entre as pessoas. A dor e o sofrimento se relacionam colaborativamente na história da humanidade e são parte constitutiva de qualquer sociedade.

Portanto, é impossível a construção social que não seja inerente ao sofrimento. O testemunho de Levi também se estende como uma luta para impedir que as guerras não sejam vistas e tratadas com normalidade. A vida não pode ser vista como um erro que sobrevive à custa de um preço máximo arraigado em uma experiência constituída. A exclusão de um povo ou raça, a morte violenta e cruel, não pode ser tratada de forma banal. A memória do sobrevivente precisa ser preservada para nos lembrar e para nos ajudar a entender que é preciso lutar pela vida, que é preciso parar de investir contra a vida e que é preciso parar de matar a vida.

1.3 Ódio, vingança e perdão

“Deixai, ó vós que entrais, toda a esperança!”

Dante Alighieri

Rememorar a experiência do choque é um fato rotineiro para o sobrevivente do trauma. A tensão em ter que lidar com constantes sentimentos que transitam entre os extremos do amor e do ódio desafia a mente e perturba as emoções. A impossibilidade de esquecer as experiências traumáticas dificulta a possibilidade de perdoar e coopera para incitar sentimentos contraproducentes. O imperdoável ganha força e provoca o desprazer e a repulsão em relação àquele que estabeleceu a marca da violência. Perdoar, portanto, parece ser mais difícil que odiar. O ódio demonstra aflorar em uma primeira ocasião o remorso da agressão recebida para convidar a vítima a um pertencimento e a uma conexão com o coletivo afetado por uma injúria parecida. A princípio, o ódio pode até ser confortante por criar uma identidade e uma aproximação com outras vítimas que sofreram agressões semelhantes. Em um primeiro momento, é mais fácil para a vítima atingir o seu opressor com o ódio do que conferir a ele o perdão. Igualar o algoz a um semelhante, talvez seja uma tarefa muito difícil para o oprimido. Quando se tem a sensação de que o opressor saiu impune do crime que ele cometeu surge um estranhamento e uma repulsa. Por isso, o número dos que odeiam parece multiplicar-se com maior rapidez. O ódio pode trazer um certo conforto quando a vítima vê o inimigo vencido, apesar disso, ela tem dificuldades em se ver livre de suas memórias traumáticas. Mesmo ao contemplar o inimigo humilhado e derrotado, o oprimido não consegue desfrutar de um prazer imediato. A restauração necessária para que o oprimido se sinta aliviado transita por um processo longo e difícil de chegar a um fim satisfatório.

O testemunho de Levi aponta para essa dificuldade e para o desejo de encontrar uma justiça que possa sentenciar os nazistas pelos crimes que eles cometeram. Contudo, é preciso entender como Levi lida com a questão do perdão uma vez que o seu sofrimento exige justiça. A grandiosidade das ofensas que o sobrevivente sofreu parece conduzi-lo para o imperdoável. A sua narrativa aponta para essas atrocidades difíceis de serem perdoadas e demanda que seus

responsáveis assumam a responsabilidade de seus crimes. Embora os nazistas tentaram eliminar qualquer vestígio que os pudesse incriminar, incinerando os corpos dos prisioneiros e espalhando suas cinzas, por exemplo, eles não foram bem-sucedidos na tentativa de esconder todos os seus crimes. Segundo Derrida, “o que a ordem da representação tentou exterminar não foi somente milhões de vidas humanas, mas também uma exigência de justiça, e também nomes: e, primeiramente, a possibilidade de dar, de inscrever, de chamar e de lembrar o nome” (DERRIDA, 2007, p. 140). Uma análise a respeito da problemática relativa à questão que envolve o mal moral e suas consequências na vida do sobrevivente do campo de extermínio é fundamental para entender a relação da vítima e seu algoz. Os nazistas queriam, não apenas a eliminação física ou do nome de seus prisioneiros, mas extinguir tudo o que os simbolizavam. A finalidade do inimigo era dar um fim aos traços da existência do prisioneiro, consolidá-lo como inominável e acabar com qualquer possibilidade de retorno de uma memória que pudesse recordá-lo. O inimigo desejava um desaparecimento total e definitivo de suas vítimas.

A pendência do perdão configura o injustiçado e o move para além de suas próprias vontades. Embora o gesto de grandeza do perdão seja um recurso psicológico para trazer paz e ajudar o injustiçado a seguir em frente, ele é difícil de colocar em prática. O perdão é uma forma sublime para conseguir refrear a vingança e ajudar o oprimido a superar o *stress* causado pelo ódio. Alimentar a vingança é esperar a reparação, mas se o ressarcimento esperado não é alcançado, o desejo do vingador é que o outro seja subtraído de alguma forma. Quando o perdão não é liberado, o odioso é aprisionado por esse mal definido no passado. Em contrapartida, o perdão pode cooperar para um fortalecimento e um certo conforto da vítima. Porém, na história do *Lager* um consenso para aliviar a angústia da culpa parece ser impossível. Pode-se destacar dois pontos principais que assevera uma falta de consenso. Em primeiro lugar porque não existe arrependimento por parte dos nazistas. Eles afirmam categoricamente que as atrocidades que eles praticaram estavam conforme a lei que os regiam. As suas atitudes eram lícitas e cooperavam para manter os padrões da sociedade alemã vigente. Um exemplo de destaque e que chocou o mundo foi registrado por Hannah Arendt em sua obra intitulada *Um relato sobre a banalidade do mal: Eichmann em Jerusalém*. O registro de Arendt aborda o drama de um julgamento onde magistrados e líderes judeus estavam reunidos para definir a sentença do acusado. No caso, o acusado era o tenente-

coronel nazista e um dos principais organizadores da *Shoah*, Adolf Eichmann. Assentado no banco dos réus, a naturalidade, a limpidez, a simplicidade e o autocontrole de Eichmann chamam a atenção. Nenhum sinal de remorso ou arrependimento é demonstrado por ele em razão da malignidade em que ele estava envolvido. Levi o descreve como "um gélido fanático" (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 21). O coronel demonstra ser um homem aparentemente comum, uma pessoa como outra qualquer, mas nenhum ato era capaz de constrangê-lo. Ele obedeceu livremente e conscientemente às ordens dos nazistas. Essa circunstância que o arremata é fundamental para entender o seu papel no campo de extermínio. A sua função era administrar da melhor forma possível as deportações e o morticínio de seres humanos em escala industrial. Diferentemente do mal natural, causados por fenômenos triviais, como por exemplo, as chuvas torrenciais e suas devastações provocadas por suas inundações, os terremotos, as doenças e a morte, Eichmann praticava o mal moral. O mal moral é cognoscente. Ele é fruto da vontade do sujeito. A crueldade voluntária produzida por Eichmann resultou na degradação física e psicológica de suas vítimas. O mal era executado deliberadamente e cotidianamente por um cidadão que se predispôs a tornar-se um grande criminoso. Hannah Arendt explica o seguinte:

> O problema com Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais. Do ponto de vista de nossas instituições e de nossos padrões morais de julgamento, essa normalidade era muito mais apavorante do que todas as atrocidades juntas, pois implicava que – como foi dito insistentemente em Nuremberg pelos acusados e seus advogados – esse era um tipo de criminoso, efetivamente *hostis generis humani*, que comete seus crimes em circunstâncias que tornam praticamente impossível para ele saber ou sentir que está agindo de modo errado (ARENDT, 1999, p. 299).

A banalidade do mal, conceito criado por Hannah Arendt, aborda justamente o mal que não tem raízes. Matava-se livremente, de forma ofensiva e consciente, porque esses eram os valores dominantes da sociedade alemã. A doutrina que afirmava a superioridade da raça alemã dava o direito ao povo alemão de perseguir, dominar e exterminar as raças consideradas inferiores, ou seja, os judeus, os negros, os eslavos, etc. Soberano e incontestável, Hitler, personificado na pessoa do *Führer* (líder) mantinha o povo alemão em total submissão. O perigo está justamente nesses valores construídos por Hitler. São valores que nunca foram desafiados pela

Alemanha nazista. Esses valores não são vistos como sendo um mal radical, do ponto de vista de um SS (força armada), mas superficial, pelo fato de estarem ligados à irreflexão. A incapacidade reflexiva é consequência da tentativa de justificar a causalidade em questão. O opressor abstém-se de pensar a respeito das consequências de seus atos em relação ao outro. Ao escapar dessa complexidade de reflexão, o opressor deixa de fazer parte da história do outro para tornar-se um mero funcionário cumpridor de ordens, ou seja, um Adolf Eichmann. Em sua tragédia intitulada *Hamlet*, William Shakespeare nos lembra que "a loucura dos grandes deve ser vigiada" [23] (SHAKESPEARE, 1988, p. 67). A loucura do opressor, em detrimento a uma raiva fervorosa, é perigosa e coloca em risco a vida de muitos. O mal praticado na Alemanha nazista era rotineiro e parecia carregar uma certa normalidade. Embora os SS soubessem exatamente o que estavam fazendo, os crimes que eles praticavam contra seus inimigos no *Lager* eram camuflados. Os nazistas cumpriam as ordens do terror sem contestar. No entanto, nem todos os alemães sabiam o que realmente se passava nos campos de concentração e extermínio. Os SS faziam questão de esconder os segredos que circulavam e misturavam-se na rotina dos campos. Para Levi,

> não se pode supor que a maioria dos alemães aceitasse levianamente o massacre, é certo que a não difusão da verdade sobre os Lager constitui umas das maiores culpas coletivas do povo alemão e a mais aberta demonstração da vileza a que o terror hitleriano o tinha reduzido: uma vileza tornada hábito, e tão profunda que impedia os maridos de contar às mulheres, os pais aos filhos; sem a qual não se teria chegado aos maiores excessos (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 12).

O segundo ponto a ser destacado neste capítulo está relacionado diretamente à questão do perdão. O perdão demanda a promessa do fim de uma dívida ligada ao ressentimento que está relacionado com aquele que lhe dirigiu uma ofensa. O perdão exige que a dívida seja abandonada. Perdoar caracteriza-se pela necessidade de não reviver a angústia. O sujeito que exercita o perdão é capaz de olhar para a experiência vivida sem que ela exprima a dor que a originou. Ele trata essa experiência como um acontecimento onde não existe a expectativa da compensação pelos danos sofridos. O exercício do perdão é um processo de libertação de um sentimento de horror extremo, maior que a ira, a raiva ou o rancor.

[23] Ato III, Cena I da peça *Hamlet* — príncipe da Dinamarca (1603) de William Shakespeare.

O indivíduo disposto a praticar o perdão quer se ver livre de um ciclo angustiante que carrega e nutre o ódio. No caso do sobrevivente, para perdoar, era preciso que ele não cultivasse, ou aperfeiçoasse, na memória, os fatos que ele vivenciou no *Lager*, referentes a desconstrução abrupta e cruel de seus valores étnicos e morais.

Pode ser que o ato de perdoar também seja visto como uma forma de recomeçar novamente, quantas vezes for necessário, desprezar a lembrança latente da ferida para deixar-se afetar pela novidade da esperança da vida. Perdoar é também um exercício de esquecimento para omitir a rememoração da dívida. Porém, a promessa do esquecimento parece ser um fator impossível para a vítima do trauma excessivamente violento. O extermínio racionalizado de vidas humanas, em função de seu caráter excessivo, é um ato inesquecível e abominável, tanto para os que de longe lidam com as memórias da guerra, mas principalmente para aqueles que sobreviveram à solução final (*Endlösung der Judenfrage*). O escritor, prêmio Nobel da paz (1986) e sobrevivente do genocídio nazista, Elie Wiesel, afirma a impossibilidade de não relembrar a *Shoah*. Ele entende que a falta da lembrança mataria as vítimas mais uma vez. Ser conivente com o delito do inimigo é um erro que não pode se repetir. A compaixão precisa ser exercida através da lembrança. Conforme Wiesel, o silêncio das vítimas precisa ser quebrado:

> E então eu expliquei-lhe o quão ingênuo que éramos, que o mundo sabia e permaneceu em silêncio. E é por isso que eu jurei que nunca mais ficaria em silêncio sempre que um ser humano estivesse sofrendo e sendo humilhado. Temos sempre que escolher um lado. A neutralidade ajuda o opressor, nunca a vítima. O silêncio encoraja o torturador, não o atormentado. Às vezes, devemos interferir. Quando as vidas humanas estão em perigo, quando a dignidade humana está em perigo, as fronteiras nacionais e as sensibilidades tornam-se irrelevantes. Onde quer que homens ou mulheres sejam perseguidos por causa de sua raça, religião ou opiniões políticas, esse lugar deve — nesse momento — se tornar o centro do universo. [24]

Existe um consenso global, principalmente entre os judeus, de não deixar que o mundo esqueça as crueldades cometidas contra o ser humano durante o período

[24] No original, temos: "And then I explained to him how naive we were, that the world did know and remain silent. And that is why I swore never to be silent whenever and wherever human beings endure suffering and humiliation. We must always take sides. Neutrality helps the oppressor, never the victim. Silence encourages the tormentor, never the tormented. Sometimes we must interfere. When human lives are endangered, when human dignity is in jeopardy, national borders and sensitivities become irrelevant. Wherever men or women are persecuted because of their race, religion, or political views, that place must – at that moment – become the center of the universe". **The Nobel Peace Prize 1986**: *Elie Wiesel's Acceptance Speech* Disponível em: <https://www.nobelprize.org/nobel_prizes/peace/laureates/1986/wiesel-acceptance_en.html>. Acesso em 04 de dezembro de 2017.

da guerra. Em termos gerais, os judeus fazem questão de narrar as experiências que eles vivenciaram nos guetos, nos campos de concentração e nos campos de extermínio, com o intuito principal de combater todas as atrocidades cometidas em nome do antissemitismo. Essa rememoração é válida e necessária para afirmar que algo semelhante jamais aconteça novamente com os judeus ou qualquer outro povo, ou minoria que sofre perseguição de gênero, orientação sexual e racial.

Porém, a lembrança guardada com um rancor que não finda resulta em consequências desastrosas para a saúde do corpo. O não perdoar é continuar aprisionado ao ciclo doentio de rememoração das experiências traumáticas. Apesar do sofrimento da lembrança, esse ciclo se faz necessário para a sobrevivência de Primo Levi. Se depender de Levi, o perdão não ocorrerá. Ele rejeita o título de "perdoador" dado pelo amigo e filósofo austríaco, também sobrevivente de Auschwitz, Jean Améry, para afirmar a questão do perdão como um fator indiferente. Conforme Levi: "soube, há alguns anos, que [...] Améry me definiu como "o perdoador". Não considero isso nem uma ofensa nem um elogio, e sim uma imprecisão" (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p.117). Talvez, a imprecisão afirmada por Levi se dê pelo fato de que as experiências vividas em Auschwitz nunca deixaram de existir e atormentar sua mente. Essa imprecisão nos mostra que a questão relacionada ao tempo vivenciado em Auschwitz não está completamente resolvida. Por não saber como solucionar o problema decorrente da sua experiência traumática, Levi assume o descaso em relação ao perdão.

Entretanto, a impossibilidade do perdão acarreta a impossibilidade do fim da angústia. Rememorar a crueldade sofrida é um fato, uma dependência e uma característica marcante na rotina de quem tenta sobreviver a um trauma extremo. A ferida profunda raramente abandona a sua vítima. Ela parece não fechar; de difícil cicatrização, está sempre lá, rebuscando a memória e a convertendo em dor e sofrimento. Tentar encontrar uma finalidade para perdoar uma ofensa que não cessa parece ser incoerente. Assumir o perdão é declarar encarregar-se do compromisso de extinguir a mágoa que se guarda de uma ofensa. A pessoa que decide perdoar, espera arrancar da memória a dor, na esperança de que um esquecimento aconteça. Todavia, a memória muito forte tende a tornar-se repetitiva e não abandona o seu possuidor. Ainda que o traumatizado tenha a sua dor amenizada pelo consolo do tempo, uma ferida malcuidada, sem cura, ou que não acha cicatrização, sempre manifesta suas impurezas e volta a incomodar.

Contudo, Levi faz questão de recordar suas experiências não apenas para que a humanidade jamais esqueça o que se passou nos campos de extermínio, mas, também, para estabelecer a sua identidade. Por isso, o sobrevivente do *Lager* carrega no ódio a dor. Ele não consegue existir sem as lembranças da guerra. Levi recorda o desgosto e os atos abomináveis que caracterizavam o odioso trabalho escravo no *Lager*:

> A Torre do Carbureto, que se eleva no meio da fábrica e cujo topo raramente se enxerga na bruma, fomos nós que a construímos. Seus tijolos foram chamados *Ziegel, briques, tegula, cegli, kamenny, bricks, téglak,* e foi o ódio que os cimentou; o ódio e a discórdia, como a Torre de Babel, e assim a chamamos: Babelturm, Babelturm, e odiamos nela o sonho demente de grandeza dos nossos patrões, seu desprezo de Deus e dos homens, de nós homens (LEVI, *É isto um homem?*, p.73).

Os prisioneiros odiaram cada etapa do cruel labor a que eles foram submetidos, assim como encheram-se de raiva por aqueles que, com total desprezo, direcionavam lhes ordens incessantes e cruéis. Nesse sentido, o habitante do *Lager* também é definido pelo ódio que o acompanha no dia a dia de sua jornada no cárcere. O acúmulo de sentimentos negativos perturba o sobrevivente que consciente ou inconscientemente reúne as impressões que o incomodam, sejam elas geradas por ele mesmo ou pelo outro. Esse acúmulo de dores ajuda o sobrevivente a encontrar no seu algoz a causa do seu ódio. O ódio o completa como um ser da dor e da amargura, e o torna um sujeito integral no estado prisional da crueldade em que ele se encontra. O limite da sua própria natureza é testado ao extremo. O sobrevivente cria uma interpretação do mundo que se criou em Auschwitz a partir do rancor. Esse sentimento negativo reflete na mente e no corpo, que não aguentam mais as coerções e os adestramentos que sobre eles se exercem. No *Lager*, o corpo mostra-se superior ao pensamento, parece que pensar é ineficiente e não adianta nada. Não há revolução possível para o sobrevivente do campo de extermínio. Não há abraço que acolha, que esquente e que recolha o seu sofrimento. O poder toma a vida de assalto, penetra toda a esfera de sua existência e a põe a trabalhar para o seu próprio proveito. A vida é requisitada como um vir a ser constante, um elemento essencial de produção do poder que maltrata. Um poder

que trabalha de forma imanente em um processo interrupto de transformação do sujeito adestrado para o serviço do mal.

Levi propõe-se a tentar entender, a partir da estrutura do *Lager*, a experiência que o transformou por inteiro. Tem-se a impressão que o oprimido fica impossibilitado de não perceber as rupturas do mundo que o cerca. A atmosfera do campo de extermínio agrava a sua tristeza, provoca a raiva e a aversão completa ao sistema opressor que se formou em Auschwitz. A assertividade da crueldade consolida o inimigo. Se houvesse a vontade de solidarizar-se com o sofrimento alheio os objetivos do opressor seriam frustrados e ele teria que repensar quem ele é e o que ele faz. Sendo assim, o inimigo precisa que o oprimido o odeie para que ele exista. O ódio tem a capacidade de espalhar-se rapidamente. Ele conquista todos, vítimas e algozes. O objetivo incisivo em odiar acaba com a espontaneidade da vida e transforma a experiência e o espaço em que o ódio é inserido. O ódio também afeta os desertores e assume junto com eles o seu caráter corruptível e animalesco. Levi narra a respeito da competência de um companheiro da mesma coletividade de ignorar plenamente o seu próximo para tornar-se seu inimigo, seu algoz, e fazer dele o alvo exclusivo da prática da maldade. Segundo Levi:

> São o típico produto da estrutura do Campo de Concentração alemão: basta oferecer a alguns indivíduos em estado de escravidão uma situação privilegiada, certo conforto e uma boa probabilidade de sobrevivência, exigindo em troca a traição da natural solidariedade com os companheiros, e haverá por certo quem aceite. Ele será subtraído à lei comum e se tornará intangível; será, então, tanto mais odioso e odiado quanto maior for o poder a ele concedido. Quando lhe for confiado o comando de um grupo de infelizes, com direito de vida e morte sobre eles, será cruel e tirânico, bem sabendo que, se não o for bastante, outro, julgado mais idôneo, tomará seu lugar. Acontecerá, ainda, que a sua capacidade de odiar, frustrada frente aos opressores, se volte, insensatamente, contra os oprimidos; ele ficará satisfeito ao descarregar sobre seus subordinados a ofensa que recebeu de seus chefes (LEVI, *É isto um homem?*, p.92).

O que parece é que todo gesto de ódio é narcísico, fruto de sentidos alterados, ligados à preexistência de um desejo e de um ideal de vencer a prisão da invisibilidade. A dependência do olhar dos outros prisioneiros sobre o narcisista cheio de ódio o atormenta e extrapola a necessidade de apenas querer sobreviver. O odioso precisa ser visto. O ódio projeta o seu possuidor a pensar somente em si. A sua dramática insegurança o faz pensar que é mais vantajoso receber a condenação

da traição pelos seus companheiros do que o silêncio que eles podem produzir a seu respeito. O escárnio, a ofensa e a rejeição, consequentes da traição, são toleráveis para o odioso, mas passar despercebido não. A percepção do outro e o que o odioso pensa suscitar nele é fundamental para a sua existência. O olhar do outro o projeta para algo além do comum e para algo além da limitação do prazer. A intenção do odioso é tentar se proteger do desprazer, alimentando a forma como o outro o observa através do seu ódio. A percepção do outro e o que o odioso suscita nele é o que o define e confirma a sua realidade. Por isso, ao castigar os outros prisioneiros a sua fúria mostra-se ainda maior que a dos seus chefes. Ao revelar seu ódio, cria-se uma força que incrementa a dinâmica narcísica, pois um contraste e uma separação se estabelecem entre os habitantes do *Lager*.

Na obra intitulada *O Futuro do ódio*, o psicanalista Jean-Pierre Lebrun aponta que o ódio é fruto de uma falta de estabilidade emocional, ou seja, o ódio é o resultado da evocação de um vazio que afeta a relação com a realidade. Nas palavras de Lebrun:

> [...] por que o ódio? Digamos que ele ocorre cada vez que o subterfúgio é desmascarado, cada vez que nos fica evidente que é o vazio que habita o cheio, o buraco que está no coração do vaso, cada vez que se ouve repetidamente que o que cremos ser consistente e sólido não é senão frágil e precário (LEBRUN, 2008, p. 23).

O ódio é parte integrante do ser violento, ou ele aniquila a sua interioridade, ou ele o destrói por fora, ou ambas as consequências reciprocamente. A necessidade de marcar uma diferença narcísica significa assumir o horror do ódio. A violência e o ódio caminham juntos. A pregnância do ódio em termos de sustentabilidade relacional com o outro estabelece a ignorância do odioso a respeito de si mesmo. Por isso, todo gesto de ataque é um gesto de defesa. Ao projetar o ataque e estabelecê-lo, o odioso tenta afirmar uma identidade que tem o poder de tranquilizá-lo. Para o odioso, permitir-se a ofensa é um sinal de fraqueza. O ódio carrega em si uma violência que seduz, uma presença comum e banal do mal. Levi aponta para o fato de que todos somos capazes de grandes gestos de ódio: “sempre se estabeleceu análoga situação de rivalidade e ódio entre os oprimidos, e isso (como muitos outros fatos humanos) ficou claro no Campo de Concentração, com especial, cruel evidência” (LEVI, *É isto um homem?*, p. 92). Percebe-se que somos

seres humanizados por uma certa dose de sofrimento. Quando não há muito prazer na existência, o ódio habilita-se para preencher essa lacuna. O ódio nunca fraqueja. Ele age na desesperança, na incerteza e na incapacidade de recompor-se. O ódio é parte inerente da sociabilidade humana, sendo impossível descartá-lo como um mero objeto indesejável. Lebrun argumenta a respeito da improbabilidade de se livrar desse sentimento bronco e estúpido, motivado pelo medo, pela raiva e pelas injúrias sofridas:

> Como seria bom para nós, se o ódio não nos habitasse, se não estivesse em nós, se ele não nos tivesse construído. O que acontece é que ele nos concerne, sim, eventualmente, na medida em que podemos ser objeto ou vítima dele; que deveríamos reconhecer que ele existe, sim, e, infelizmente, que nós não podemos impedi-lo de existir. E, se ele estivesse em outro lugar, no outro, próximo ou muito longe, pouco importaria, mas não dentro das nossas próprias muralhas, não na nossa própria cidade, não alojado em nosso próprio corpo! (LEBRUN, 2008, p. 13).

Por ser um fator intrínseco ao ser humano, o ódio também resiste e pode trabalhar como o elemento mais fácil de unir um grupo. Tendo a quem odiar em comum, uma relação de união se estabelece para discordar, não compartilhar e promover a agressão em relação ao outro que é o problema e se encontra no lugar do desprazer. O ser humano é naturalmente violento e todos possuem um potencial para o ódio. Por isso, o sobrevivente cria uma possibilidade de projetar no futuro um bloqueio que impeça que ele e o outro possam existir juntos. Essa demonstração de poder arrogante pressupõe que o outro atrapalha a sua potência. Sendo assim, o ódio permanece para gerar a culpa e atribuir as suas consequências a um único grupo. Ele cria uma distorção da realidade e amarga a sensação de que o mal ficará impune. O ódio tem o poder de dominar a mente e o coração, fazendo com que o odioso suspeite do mal no outro também.

O fato de sermos gregários nos faz abandonar características individualistas em prol do fortalecimento comunitário. Aristóteles afirma, no Livro I da *Política*, que uma das razões que nos fortalece é o fato de sermos animais políticos. Segundo o filósofo, “o homem é um animal político, por natureza, que deve viver em sociedade” (ARISTÓTELES, 2001, p.14). Agrupamo-nos para um fim comum, não apenas para projetar o bem comunitário, mas também com o intuito de amenizar as ações que nos condenam. Quando se é odiado, a aversão intensa pode gerar no oprimido o desejo de vingança, uma resposta imediata e tradicional para se resolver problemas.

A vingança parece exercer um contentamento e um deleite por trazer em si o princípio da reciprocidade: o mal que você me fez, agora eu faço em você. Ricoeur afirma que “o mal tem a significação de mal porque ele é obra de uma liberdade; eu sou autor do mal” (RICOEUR, 1990, p. 421). Algumas vítimas aproveitam a possibilidade de vingar-se quando a situação é oportuna. Pode ser que elas tentem infligir no opressor algo parecido com a dor que elas sentiram. Ao receber a agressão gratuita e ser retirado de tudo o que era, o oprimido sente-se no direito de ver o seu algoz justiçado.

No depoimento de um dos prisioneiros do campo de extermínio em Auschwitz, o judeu grego Marcel Nadjari, fica claro a sua intenção e inquietação. Ele não esconde o seu ódio e sua sede de vingança: “Muitas vezes eu pensei em ir junto com os outros (judeus), para dar um basta nisso. Mas a vingança sempre me impediu. Eu queria viver, vingar a morte do papai, da mamãe e da minha querida irmãzinha” [25]. Obviamente inconformado com o mal recebido, a necessidade de vingança de Nadjari cria, a partir do ódio, uma resistência e uma força inesperada que decide deflagrar a sua ira. A vingança torna-se o seu bem maior. O odioso apropria-se da lei implacável do juízo para reivindicar um ressarcimento. Porém, a vingança é um problema; por ser caracterizada pela emoção, ela tende a virar um ciclo sem fim. A vítima da maldade, por estar sempre perdendo, se encontra em uma situação cujas circunstâncias que a cercam não cooperam para um apaziguamento possível. Em meio a retaliações que parecem não ter fim, aplica-se a lei do mais forte.

A ferocidade dos SS, por exemplo, dobrava ao julgar, por eles mesmos, que os prisioneiros desejavam em suas subjetividades retaliá-los. Essa vontade de atingi-los era inadmissível, ainda mais vindo daqueles que a força armada alemã considerava o lixo humano e a escória de todos. Segundo Levi, os SS “viam, ou acreditavam ver, em cada um de nossos rostos o escárnio da desforra, a alegria má da vingança” (LEVI, *É isto um homem?*, p.120). Alguns prisioneiros que tiveram a oportunidade de vingar-se foram corajosos o suficiente para executar a tão sonhada represália. Obviamente, a resposta dos soldados alemães era rápida e carregava um caráter disciplinar cheio de crueldades.

---

[25] Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-42193700>. Acesso em 12 de dezembro de 2017.

A tentativa do prisioneiro de igualar a injuria sofrida através da vingança era constantemente frustrada. As oportunidades de vingar-se eram raras e poucos eram os prisioneiros que achavam força para arriscar-se em tamanha façanha. As consequências dessas tentativas de retaliação mostram o quão destrutiva foi essa experiência para todos os prisioneiros. Todos pagaram um alto preço pelo ato cometido contra os alemães. Porém, para quem já estava com as horas contadas para a morte, qualquer oportunidade de desforço era recebida como um alento ou um presente inesperado. Para o sobrevivente, essas poucas oportunidades não passavam de um resquício de justiça.

O desejo de vingança, não raras vezes, atribuído erroneamente com o nome de justiça, também habitava as subjetividades dos prisioneiros do *Lager*. O termo justiça é menos constrangedor e carrega uma conotação mais leve em comparação com o vocábulo vingança. Por carregar um peso maior em seu significado, as pessoas que se orgulham de sua vingança dificilmente demonstram publicamente a sua alegria quando conseguem obter tal êxito. Esse desejo maquiado de justiça também carrega sua parcela de maldade. De fato, essa "justiça", nada mais é do que um auxílio à perversão. Ricoeur explica o seguinte:

> Diz-se, por vezes, que vingar-se é fazer justiça a si próprio. Mas não, a palavra justiça não devia figurar em nenhuma definição de vingança, com reserva para um sentido arcaico e sagrado duma justiça de parte a parte vindicativa, vingativa, à qual é necessário prestar contas em última instância (RICOEUR, 1997, p.172).

No *Lager* não havia intercessores para remediar os corriqueiros conflitos de injustiça praticados gratuitamente pelo mais forte. Assim, o ódio era constituído e contínuo. Diferentemente da adrenalina provocada pela ira, a vazão dessa resposta química, nutrida por pensamentos e sentimentos hostis, transforma a mente e produz o mal horrendo. Levi recorda um fato que o aterrorizou. Ao observar a figura do soldado alemão que se aproximava em sua direção, uma representação do mal apoderou-se de sua mente. Um estranhamento em relação ao soldado tomou conta de Levi e os seus sentimentos se manifestaram: "ouviu-se um barulho de motor; um SS de motocicleta entrou no Campo. Como sempre, ao ver um desses rostos duros, mergulhei no terror e no ódio" (LEVI, *É isto um homem?*, p.161). O ódio carrega em si a fidelidade do seu possuidor. O SS não precisou tocar ou dirigir a palavra em direção a Levi. A imagem do soldado configurada pelo uniforme que o identificava foi

suficiente para convergir todos os sentidos do oprimido no mais profundo pavor. O ódio também domina o espaço em que o odioso está. A atmosfera do lugar transforma-se em um campo de batalha. O inimigo é impugnado de todas as formas possíveis, seja subjetivamente, verbalmente ou fisicamente. No espaço do ódio todas as formas de ataque são bem-vindas.

O odioso pode encarar qualquer pessoa ou situação, mas não consegue confrontar a si mesmo. O medo de ficar frente a frente consigo mesmo consome aquele que odeia. Esse medo gera preconceito e abala questões identitárias. O odioso vive atribulado e com suas subjetividades inquietas. A dúvida e o receio de que algo possa atingi-lo a qualquer momento não o deixa ter paz. Por isso, a sedução pelo mal é enorme. Tolerar é angustiar-se perante um sofrimento que poderia ter sido impedido. A constância em sofrer é algo que o odioso tenta burlar. No caso de Levi, ele tenta se proteger de uma dor específica vivida no *Lager*. A sua frustração se dá pelo fato de ele ficar face a face com o seu carrasco e situar-se de modo inibido, por não poder reagir. Em contrapartida, perdoar é presentear o agressor. Ao decidir perdoar, o oprimido precisa reconciliar com aquele que o transgrediu. Ele tem que abandonar a herança da vitimização, da culpa, do medo, da revanche e do ódio. Nesse sentido, a convivência torna-se um grande desafio. Ela exige arrependimento, absolvição e perdão. Porém, não se pode confundir perdão com a atitude baseada em cálculos ou fundamentada em uma mera transação política que se faz necessária para que se conquiste a paz ou a reconciliação. Parece que, para Levi, o perdão é impossível de se atingir. O clamor do oprimido pela vingança arrebata sua mente e não o deixa achar a quietude necessária para viver bem. A mínima oportunidade para praticar a revanche é aproveitada. Levi narra uma experiência de revolta e vingança cometida por alguns prisioneiros do *Lager*:

> No mês passado, explodiu um dos fornos crematórios de Birkenau. Nenhum de nós sabe (e talvez ninguém saiba nunca) como é que foi realizada a façanha; fala-se do Sonderkommando, do Kommando Especial encarregado das câmaras de gás e dos fornos, Kommando que por sua vez é periodicamente exterminado e que é mantido em absoluta segregação do resto do Campo. Resta o fato de que, em Birkenau, umas poucas centenas de homens, de escravos inermes e esgotados como nós, encontraram em si mesmos a força de agir, de fazer vingar os frutos de seu ódio (LEVI, *É isto um homem?*, p. 151).

A experiência narrada por Levi mostra uma resposta que nasce no âmago dos prisioneiros para gerar o caminho da perversidade e do desastre. Não resistir ao perverso que hostiliza de maneira gratuita traz suas complicações. O que resta para o prisioneiro do *Lager* é alimentar, quando possível, o espírito da vingança na subjetividade. A raiva latente expulsa a vida da existência e a transforma em ódio. Ejetado de sua própria vida, o prisioneiro, antipatizado, não vê na vida perspectivas ou motivos de gratidão. Talvez, o caminho natural da ingratidão seja a amargura. Por não ter mais um significado pessoal, ele vive uma existência que dificulta a troca de afetos e que o impede de desenvolver suas próprias possibilidades. No *Lager*, a falta do perdão e da prática da compaixão retiram do prisioneiro a oportunidade de reafirmar a vida. Consequentemente, o sobrevivente vive intensamente a perversidade e a incapacidade de simpatizar-se pelo outro. O ódio o separa do outro em relação à benignidade e à longanimidade. Experimentar o ódio traz transformação para o odioso. Em vez do ódio desconectá-lo do outro, esse sentimento impetuoso o traz para perto do seu objeto de desprezo e o carrega para um aprisionamento doentio tomado por perplexidades. O ódio o domina e faz com que o odioso suspeite que o mesmo mal que o circunda também faça parte do outro que ele despreza. O ódio é parte do humano e de suas experiências, mas ele promove a perda da interioridade e da individualidade. Por não ser capaz de pensar internamente, a contemplação e a subjetivação da experiência abalam a razão de ser e o lugar de existência. Assim, todos os afetos e todas as emoções sofrem com a perda. Tudo se torna um peso, a amargura e o descontentamento impedem o odioso de apresentar o melhor de si. Por isso, o perdão se mostra como uma possibilidade para que uma oportunidade se crie e gere no oprimido a esperança de se ver livre da angústia que se estabeleceu nas suas subjetividades.

Porém, como afirma Ricoeur, “falar de cura é falar de doença” (RICOEUR, 2005, p.01). Ricoeur aponta para o fato de que a pretensão de curar um trauma, pode exigir revisitar uma memória que está diretamente ligada a questão do sofrimento. Ao se sujeitar a possibilidade de uma cura, o sujeito adoecido não tem como escapar da retrospecção. Ele precisa trilhar o caminho onde ele foi atingido, adquiriu um defeito e lhe impôs um excesso de memória. A necessidade de expor o acontecimento traumático é real para o sujeito que se pretende ao perdão. Ele não pode esconder-se de si mesmo. Ele precisa assumir a sua doença como parte do seu corpo. A pretensão da cura requer lidar com os temores do passado e com a

compulsão da angústia. Diante desses fatos, pode-se inferir que, ao testemunhar, Levi tenta encontrar na linguagem uma memória que o represente. Ao narrar, ele lembra a sua história e a disponibiliza a todo o público que tenha interesse pelo seu testemunho. Um trabalho que exige vencer a resistência da vergonha e da culpa de um passado, que traz em si um fato determinado e fechado. Contudo, Ricouer afirma que,

> certamente, os fatos passados são inapagáveis: não podemos desfazer o que foi feito, nem fazer com que o que aconteceu não tenha acontecido. Mas ao invés, o sentido do que nos aconteceu, quer tenhamos sido nós a fazê-lo, quer tenhamos sido nós a sofrê-lo, não está estabelecido de uma vez por todas. Não só os acontecimentos do passado permanecem abertos a novas interpretações, como também se dá uma reviravolta nos nossos projetos, em função das nossas lembranças, por um notável efeito de "acerto de contas". (RICOEUR, 2005, p.04).

Ricoeur nos leva a refletir sobre a possibilidade de aliviar o fardo do passado dando a ele um novo significado moral. Ao retrair o peso da dívida, uma expectativa se abre para o perdão. Para isso ser possível, é preciso que o sobrevivente conte a sua história com uma perspectiva de futuro. Ele precisa interpretar a sua história com uma abrangência libertadora. Talvez, seja a maneira como ele olha para o passado, se enxerga no presente e se projeta para o futuro que irá indicar possíveis caminhos que podem levá-lo ao encontro do perdão. O sofrimento pode bloquear a projeção do futuro. A não tentativa de ressignificar a experiência traumática pode trazer dificuldades para o sobrevivente encontrar perspectivas de uma vida mais leve. Vale lembrar, como se sabe, que a memória é seletiva. Ao formular seu testemunho, o sobrevivente apropria-se não apenas de elementos criativos e da imaginação, mas é fundamental que ele selecione aquilo que ele pensa ser essencial para consolidar sua narrativa de forma que sua história o projete ao ânimo e à esperança.

A necessidade do esquecimento da dívida demonstra ser um fator importante para o perdão, mas o testemunho de Levi trabalha com a compulsão da lembrança. É possível que todo o excesso fale, também, de uma falta. O exagero pertinente de denúncias que acompanha toda a obra de Levi colabora para compor grande parte de seu testemunho. O seu texto aparenta ser repetitivo não só pela grandiosidade inédita do trauma que o envolve, mas também porque o escape lhe parece demasiadamente difícil. A sua narrativa pode indicar o seu desejo de fugir de uma

ferida cujo diagnóstico demonstra ser difícil e complicado de estruturar. O que parece é que Levi não se permite, ou não sabe como ir de encontro à elaboração da cura. Ele tem a necessidade de se livrar de uma ferida profunda, mas não consegue parar de lembrá-la. Levi aborda a sua experiência no *Lager* como imperdoável. O seu testemunho é excepcional e não pode ser banalizado. Ele narra um ressentimento que parece ser irrenunciável, cujo tempo não teve forças para apagar.

O esquecimento que o perdão demanda é o esquecimento que liberta, que permite que o oprimido se desconecte da dívida da experiência. Isso não significa que ele irá esquecer ou tem que trabalhar para não rememorar a experiência traumática, mas sim, tentar encontrar uma distância possível que lhe permita não ser brutalmente afetado pelo choque que dela advém. Talvez, o perdão se encontre em uma possibilidade de distância da ferida, juntamente com o cancelamento da dívida, fatores que ajudam o oprimido a reconciliar consigo mesmo e com os afetos proeminentes de sua própria história. Além disso, Ricoeur afirma que

> o perdão é o contrário do esquecimento de fuga; não se pode perdoar o que foi esquecido; o que deve ser destruído é a dívida, não a lembrança, [...]. Mas, por outro lado, o perdão acompanha o esquecimento ativo, aquele que ligamos ao trabalho de luto, e é neste sentido que ele cura. Porque o perdão dirige-se não aos acontecimentos cujas marcas devem ser protegidas, mas à dívida cuja carga paralisa a memória e, por extensão, a capacidade de se projetar de forma criadora no porvir. E é toda a dialética do passado e do futuro que é resposta em movimento, o potente projeto no recurso imenso das promessas não realizadas pelo passado. (RICOEUR, 2005, p.06-07).

Em virtude de sua própria generosidade, o perdão revela-se como um dispositivo essencial para que o oprimido ganhe forças e abandone o elo que o conecta a perdas significativas. Nesse sentido, o perdão revela-se como uma necessidade terapêutica. O perdão, portanto, não pode ser confundido com o esquecimento. Induzir a vítima a abandonar sua memória seria mais uma forma de violentá-la. O que se abandona é a necessidade do ressarcimento, o débito e não a memória. O sofrimento se mostra eficaz em rodear a vítima do trauma por períodos longos e incansáveis. Por isso, é importante compreender o que houve com o sobrevivente que narra o seu testemunho, para que se evite que uma história parecida se repita. Ignorar a história do oprimido, em uma tentativa de esquecimento ou de suavizar os acontecimentos, não cooperará para que a sua vida prossiga com

bom êxito. De fato, essa atitude retrógada faz com que a ferida do sobrevivente não ache cicatrização, continue aberta e persista com sua dor.

Hannah Arendt aborda a história do *Lager* e assume que os crimes cometidos nos campos de concentração e extermínio transitam pelo viés do imperdoável. Os delitos cometidos pelo regime nazista alcançaram patamares jamais vistos na história moderna, e por isso, eram, até o momento, pela sua novidade e excepcionalidade, judicialmente intratáveis. Arendt afirma que “em seu afã de provar que tudo é possível, os regimes totalitários descobriram, sem o saber, que existem crimes que os homens não podem punir nem perdoar” (ARENDT, 2012, p.608). O ato de perdoar e punir precisam caminhar juntos, para tentar superar a falta de determinação de um acontecimento inédito, onde uma reconciliação precisa ser catalisada. A dificuldade maior está na punição inexistente, ou seja, na incapacidade de medir ou achar uma proporção que seja adequada para punir o crime inédito. Os homens não conseguem perdoar o que eles não podem punir e nem mesmo perdoar o imperdoável, conforme diz Arendt:

> A punição é uma outra possibilidade, nada contraditória: ela tem em comum com o perdão tentar pôr fim a uma coisa que, sem intervenção, poderia continuar indefinidamente. Ela é, portanto, muito significativa, é um elemento estrutural do domínio dos negócios humanos, que os homens sejam incapazes de perdoar o que eles não podem punir, e que eles sejam incapazes de punir o que se revela imperdoável. (ARENDT, 2008, p. 253).

Pela primeira vez na história do homem moderno, um Estado se levantou para aniquilar estrategicamente um grupo étnico em um processo de desumanização racional, em escala industrial e através de uma estrutura erguida especificamente para matar pessoas. Os campos de extermínios eram verdadeiros complexos industriais de morte, nas palavras de Levi; esses espaços mórbidos e estranhos eram vistos como verdadeiros “centros de terror político” ou ainda, mais enfaticamente, “fábricas de morte” (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p.11). Por se tratar de um fato novo na história, as dificuldades para imputar uma culpa e estabelecer a condição de crime acompanharam a novidade desse acontecimento genocida. Juristas de várias partes do mundo reuniram-se para tentar encontrar um parecer e assim decidir o que fazer com esses criminosos de guerra. Algumas situações pontuais de punição, como, por exemplo, o julgamento e o enforcamento

de Adolf Eichmann em Israel, em 1962, marcaram a história. Porém, embora houvesse um reconhecimento global a respeito dos atos criminosos praticados pelos nazistas, a grande maioria desses criminosos saiu impune. Ricoeur argumenta que, “só se pode perdoar onde se pode punir; e deve-se punir quando há infração a regras comuns”. (RICOEUR, 2010, p.476). Mesmo com algumas importantes punições esporádicas, Levi não se deu por satisfeito. O perdão determina confrontar-se com uma marca do passado. Essa exigência de ter que lidar com um passado que não passa afeta a memória e a possibilidade de perdão. O problema de Levi é que ele não consegue esquecer. A força da recordação cria uma paralisia existencial que o constitui e o impede de apreciar o perdão. Ao ser confrontado com as experiências que o feriram severamente no *Lager*, o sobrevivente tem que lidar com uma nova significação que expresse o desvio em que ele se encontra, e, assim, tentar, nesse desfalque, achar um equilíbrio que lhe traga tranquilidade. Para o sobrevivente, a punição é indispensável. Por não conseguir a punição desejada para o seu agressor, o sobrevivente vive a experiência de uma falta que parece não ter fim. O que ele procura naquele que o oprimiu é a culpa genuína, a sua confissão e a atribuição da responsabilidade a ele devida. Sem essas questões resolvidas, a resistência do oprimido permanece. O perdão, torna-se, então, impraticável e imputável para o sobrevivente do *Lager*.

O perdão permanece indiferente para Levi. Mesmo não perdoando, ele assume que não odeia os alemães, mas não abre mão do entendimento que tem a respeito da culpa justificada que os sobreviventes herdaram com a guerra. O que Levi almeja é a reparação do dano sofrido por todos os inocentes. O seu desejo é de justiça:

> O fato de não experimentar ódio em relação aos alemães surpreende a muitos, e não deveria. Na realidade, eu entendo o ódio, mas unicamente *ad personam*. Se fosse um juiz, mesmo reprimindo o ódio que sentisse dentro de mim, não hesitaria em infligir as penas mais graves, inclusive a morte, aos muitos culpados que ainda hoje vivem sem problemas na terra alemã ou em outros países de hospitalidade suspeita; mas sentiria horror se um só inocente fosse punido por um crime não cometido (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p.158).

Ao ser confrontado e sofrer com a maldade dos alemães, a história do sobrevivente passa por uma mudança abrupta. O seu passado e a sua experiência

no campo de extermínio são vistos sob um outro prisma. Ele se reorienta para readaptar-se ao novo ser que foi estabelecido no *Lager*. A sua nova identidade está baseada em suas memórias traumáticas, no desvio permanente que estabeleceu o seu modo de existir e o conduz a um apaziguamento possível. Levi vive com uma falta constante, alimentada pela solidão e pelo fracasso por não conseguir ir ao encontro da vida novamente. Mesmo assim, ele insiste mostrar-se indiferente ao perdão. A sua inocência foi completamente perdida no *Lager*. Além disso, ele tem que carregar a culpa por ter sobrevivido, o que o impossibilita de viver em paz e verificar uma memória feliz. A reconciliação ética com o seu opressor não lhe é suficiente. O jurista Rudolf Von Ihering afirma que "o que determina o grau de resistência à agressão não é a pessoa do agressor, mas a intensidade do sentimento de justiça, a energia moral com que a pessoa costuma afirmar-se" (IHERING, 1975, p. 90). O desejo de Levi é a punição do infrator, imputando-lhe também, que ele responda por suas ações criminosas. Pode-se entender a condição que o sobrevivente se encontra, em relação a omissão do perdão, ao pensar que essa lacuna também se constrói na falta de uma confissão. Ricoeur argumenta que, "de fato, não pode haver perdão a não ser que se possa acusar alguém, presumi-lo ou declará-lo culpado. E apenas se podem acusar atos imputáveis a um agente que se considera como seu autor verdadeiro" (RICOEUR, 2010, p.467). O exemplo de Adolf Eichmann representa bem o fato de os nazistas não reconhecerem que estavam errados. Essa falta de confissão e entendimento dos nazistas em relação ao erro que eles praticaram sugere uma contribuição para que Levi não encontre razão para perdoar. O que parece é que Levi espera que o opressor assuma a sua culpa, para que, assim, uma possibilidade de punição e perdão sejam garantidas. Porém, os nazistas nunca assumiram estarem errados. Eles carregaram até o fim de suas vidas o orgulho e a certeza de que o ato criminoso que eles praticaram contra a humanidade era o melhor a ser feito. Sem a confissão do culpado, perdoar torna-se uma atitude impraticável para o sobrevivente. Ele precisa que o perpetuador lhe dê a verdade, uma informação segura que converta a falta em um renovo de caráter cognitivo.

A sensação de ter sido lesado emocionalmente é difícil de ser indenizada. O processo de restauração da dignidade civil e humana do sobrevivente é longo e corre o risco de não alcançar resultados que o satisfaça. Não é simples perdoar, existe dor e infelicidade participando desse processo. Confrontar a raiva, o

sentimento de ressentimento e exigir o fim do castigo que esse sentimento traz para a vítima é um trabalho árduo. Levi não encontrou o caminho do perdão ou não teve forças para trilhar essa trajetória. Como vimos, Levi trata o perdão com total indiferença, sua crença aproxima-se mais das palavras ditas pelo amigo Améry, que assim como Levi, não achou credibilidade na prática do perdão. Segundo Améry, “quem foi torturado permanece torturado” (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 20). O testemunho de Levi aponta para uma dor que não expira, um sofrimento que decide não passar para formá-lo e conjurá-lo incurável. Para o amigo filósofo, “quem sofreu o tormento não poderá mais ambientar-se no mundo, a miséria do aniquilamento jamais se extingue. A confiança na humanidade, já abalada pelo primeiro tapa no rosto, demolida posteriormente pela tortura, não se readquire mais” (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 20). Militante da resistência belga, o judeu Améry foi torturado pela Gestapo e deportado em seguida para o campo de extermínio em Auschwitz. Levi explica que Améry nunca conseguiu se livrar das memórias traumáticas que ele herdou no campo da morte. Mesmo após sua libertação, a maldição do tormento sempre o acompanhou. Com a mente infectada por lembranças doentias, assustadoras e intermináveis, o filósofo se matou em 1978. A identificação de Levi com o testemunho de Améry é profunda e marcante. Nove anos depois da morte de Améry, e quarenta anos após sua libertação, seria a vez de Levi abandonar a vida difícil e cheia de culpas para entregar-se definitivamente para a morte. Especula-se que ele tenha se atirado no vão da escada interna do prédio de três andares onde morava em Turim, sua cidade natal.

Em todo tempo que viveu como um sobrevivente, pode-se afirmar, afinal, que Levi foi fiel à angústia da dor e ao culto do dogma da sua tristeza. O seu testemunho foi suficientemente forte para justificar o seu sofrimento e a sua frustração com a vida. O sobrevivente não conseguiu ser impulsionado para enxergar na vida a força que combatesse o poder da melancolia crônica que o afetou profundamente. Ele esqueceu-se de entusiasmar-se, não permitiu que o seu estado de espírito fosse impelido a manifestar uma admiração que o assoberbasse. Levi esgotou-se do seu cansaço, da sua opressão, da sobrecarga e da não resolução da vida. Ele não conseguiu abandonar a dor e consolidou, quarenta anos após sua libertação, a morte que se iniciou, tristemente, no campo de extermínio em Auschwitz.

O CORPO

2.1 Presságios do corpo: dores da carne e tormentos da alma na sobrevida do *Lager*

Deixemos o sintoma no que ele é:
um acontecimento de corpo
(LACAN, 2003, p.565)

De certo modo, o sobrevivente do *Lager* sabia muito bem que a única certeza do corpo era o conhecimento da morte. Destino certo e implacável. O habitante encarcerado na fábrica de morte em Auschwitz aprendeu rápido e forçosamente a se autoanestesiar das ofensas sofridas ou infligidas pelos seus algozes. Perante o confronto direto com a matança organizada, que se tornou, em um período muito curto de tempo, banal e amoral, aquele que suportou os castigos do campo de extermínio obteve uma prova expressiva do corpo na experiência vivida, ou seja, um corpo extremamente castigado e sem chances de se reconstruir.

O trauma que acometeu o prisioneiro do *Lager* foi profundo e cruel. Porém, como explica Levi, "deve-se recordar que cada um de nós, seja objetivamente, seja subjetivamente, viveu o Lager a seu modo" (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 65). Sendo assim, observa-se no testemunho de Levi o corpo que tenta resistir na sua individualidade, mas, também, a resistência que o coletivo experienciou. Percebe-se que o corpo não é, mas ele está. O corpo está em transformação constante, engendrado em processos seletivos de captação de informações que serão selecionadas e consequentemente absorvidas. Para Foucault, "é pelo estudo dos mecanismos que penetram nos corpos, nos gestos, nos comportamentos, que é preciso construir a arqueologia das ciências humanas" (FOUCAULT, 1984, p. 150). Há trocas de informações a respeito do que está dentro e fora do corpo, tanto o físico quanto o comportamento se alteram mediante a experiência e o meio, fatores que exercem influência constante e transformadora no corpo. As informações que chegam ao corpo da vítima do campo de extermínio são absorvidas e alteradas de forma semiótica, coletiva e participativa em relação aos aspectos sociais em que o corpo está inserido. Por isso, o corpo não exclui o aspecto social, pois "o corpo não é coisa, nem ideia, o corpo é movimento, gesto, linguagem, sensibilidade, desejo,

historicidade e expressão criadora" (NOBREGA, 2010, p. 47). O corpo, essa engrenagem misteriosa, é o resultado dos engendramentos, das informações e negociações que ele absorve no espaço em que se encontra. Ele é o condutor das possibilidades da experiência existencial. Para o professor e pesquisador da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Norval Baitello Junior, o conceito de corpo é vasto e complexo:

> Este é compreendido neste contexto não apenas como espaço físico, mas já como entidade comunicativa, como trânsito e movimento, como mídia e pensamento, como história e narrativa. Estamos, portanto, diante de um corpo semiótico e cultural, composto de significados, símbolos e sinais, de memória e de histórias, tanto quanto de órgãos e trocas bioquímicas. (BAITELLO JUNIOR, 2006, p.85)

É com a perspectiva de enxergar o corpo que responde a estímulos, corpo que percebe, experimenta e absorve o mundo estranho e caótico do *lager* que se pretende analisar a representação do corpo ferido e desonrado em Auschwitz a partir do testemunho de Levi. Trata-se não apenas da relação do corpo com o seu meio, mas, também, do drama que o transpassa, buscando entender que "a vida humana está inteiramente apoiada sobre o corpo e associada às relações intersubjetivas" (CARDIM, 2009, p. 99). Relações estas que foram deterioradas e limitadas, resultando, assim, no corpo doente do sobrevivente, desprivilegiado dos dotes reflexivos e de sua motricidade natural. No campo de extermínio, o corpo do prisioneiro foi excluso da construção afetiva e social. Excessivamente assombrado, o prisioneiro do *Lager* vive um constante descompasso. Fora da sincronia rítmica do mundo, ele caminha absorto de desesperança e está sempre trilhando o caminho da morte.

O testemunho de Levi, portanto, aponta para a corporeidade violada, para o corpo degradado e subjugado. Sua rememoração explica a experiência do horror vivido. A narrativa de Levi registra a história do corpo submetido a intensas e dolorosas horas de trabalho forçado, que recebe como recompensa a punição, o castigo gratuito e permeado pelo tratamento desdenhoso. O corpo torturado, segundo Levi, recebeu grande contribuição dos *Kapos*, que normalmente eram criminosos de ascendência ariana e, por isso, recebiam a responsabilidade para infligir muitos dos castigos que os encarcerados recebiam. Os *Kapos* eram os

prisioneiros funcionários que atuavam em diversas áreas no *Lager* e estavam incumbidos de comandar, vigiar, denunciar e punir os encarcerados. Poucos eram os *Kapos* com algum resquício de piedade e que tentavam, de alguma forma, minimizar a dor dos detentos. A grande maioria desses prisioneiros funcionários agrediam os encarcerados brutalmente em troca de alguns poucos privilégios como, por exemplo, uma porção extra de ração, uma roupa melhor ou um local mais apropriado para dormir. Privilégios que lhes garantiriam certo prolongar da vida, que podiam ser algumas horas ou alguns dias a mais, pois os *Kapos* também eram executados e substituídos regularmente. O sadismo dos *Kapos*, a brutalidade e a crueldade que os caracterizavam eram ostentados por eles com grande orgulho, juntamente com o triângulo verde que carregavam no peito. Em seu testemunho, Levi aponta para o papel do novo *Kapo* e como ele se distinguia dentre os outros:

> Ora, o novo *Kapo* espancava de modo diferente, de modo convulsivo, maligno, perverso: no nariz, nas canelas, nos genitais. Batia para fazer mal, para produzir sofrimento e humilhação. Nem era como muitos outros, por cego ódio racial, mas pela vontade declarada de infligir dor, indiscriminadamente e sem um pretexto, em todos os seus subordinados (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 64).

Todavia, o corpo punido insiste em sobreviver perante a culpa e a degradação moral. Desfeito de sua humanidade, carente por dentro e por fora, o testemunho da vítima se faz necessário, precisa ser ouvido e compartilhado, na esperança de que ele seja acolhido por aquele que o recebe. Na esperança de que o evento inaudito ache lugar e uma provável, não necessariamente compreensão, mas aceitação. São corpos em busca de certa complacência no falar e no ouvir do testemunho centrado na própria experiência, pois “para conhecer o corpo é preciso partir da experiência” (CARDIM, 2009, p. 50). Porém, o anseio por ouvir uma resposta que fizesse sentido e que explicasse a razão de tamanha atrocidade nunca foi saciado.

A enunciação do corpo aprisionado por armas e muros, mas também cercado pela angústia intensa da alma se esvai através da morbidez e estranheza do enigma da crueldade. O corpo absorto da plena e absoluta iniquidade se emudece perante tão grandiosa demonização que o acometeu. Assim explica Levi, “os que submergiram, ainda que tivessem papel e tinta, não teriam testemunhado, porque

sua morte começara antes da morte corporal. Semanas e meses antes de morrer, já tinham perdido a capacidade de observar, recordar, medir e expressar" (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 73). Por isso, para os que experimentaram o encarceramento nos campos de concentração nazista, conseguiram sobreviver e ainda conseguem falar, resta-lhes uma sentença: liquidar a dívida herdada daqueles que submergiram. De certa forma, Levi se vê incumbido de representar e falar em nome dos corpos que sucumbiram; dos corpos que foram tragados e absolutamente privados do direito de viver. Tucherman os descreve como "'restos humanos', 'corpos sem carne', cabeças sem cabelo [...] corpos humilhados, torturados, quase ausentes, humanos para aquém do nosso pior pesadelo" (TUCHERMAN, 1999, p. 102). A tarefa de Levi, ao narrar seu testemunho, também pode ser vista como uma maneira de manifestar, de algum modo, os resíduos que procuram ressuscitar lembranças traumáticas. A narrativa pode funcionar como um dispositivo que tenta driblar a dor que parece estar maquiada ou escondida, e que ignora as assombrosas lembranças que a mente busca recordar. Para Levi, a distinção da rigorosa experiência do aprisionamento se mostra em dois grupos que se diferenciam entre si:

> Aqueles que experimentaram o encarceramento (e, muito mais em geral, todos os indivíduos que atravessaram experiências severas) se dividem em duas categorias bem distintas, com poucas gradações intermediárias: os que calam e os que falam. Ambos obedecem a razões válidas: calam aqueles que experimentam mais profundamente um mal estar que, para simplificar, chamei de "vergonha", aqueles que não se sentem em paz consigo mesmos ou cujas feridas ainda doem. (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p.127)

O corpo estranho e doente do sobrevivente do processo de perseguição e extermínio foi transformado radicalmente: ele se mostra praticamente isento de humanidade, submerso no caos, arrancado de sua identidade e privado de dignidade. O alvo dos algozes não era simplesmente matar seus prisioneiros; o foco era investir contra a vida, desenvolver a mais acabada condição da *vida nua* diante do poder soberano, ou seja, produzir uma zona de indiferença que promoveria uma articulação entre o homem e o animal, ou entre o homem e o não-homem. Segundo Agamben, a *vida nua* é "aquela que qualquer um pode tirar sem cometer homicídio ou aquela que qualquer um pode levar à morte, em que pese seja insacrificável"

(AGAMBEN, 2002, p. 18). O objetivo era unicamente separar e excluir a vida de si mesma, ou seja, expor a imagem deformada do homem em uma zona vazia e indiferente para tirar-lhe a vida, sem que esse ato, de fato, represente um sacrifício. Como recorda Levi, antes mesmo de embarcar no trem que o levaria a Auschwitz, os prisioneiros assombrados já eram iniciados no experimento biológico que os aguardava: "E lá recebemos as primeiras pancadas, o que foi tão novo e absurdo que não chegamos a sentir dor, nem no corpo nem na alma. Apenas um profundo assombro: como é que, sem raiva, pode-se bater numa criatura humana?" (LEVI, *É isto um homem?,* p.15). O habitante encarcerado no *Lager* era totalmente despojado de direitos e prerrogativas. Todos os atos infligidos a ele desconsideravam a moral, a empatia e o altruísmo, mostrando que na prática, "no homem vive uma necessidade de odiar e aniquilar" (DERRIDA, 2001, p. 34). O encarcerado estava totalmente à mercê do poder soberano, o prisioneiro revelava-se como uma espécie de *homo sacer* [26], um ser matável e insacrificável, cuja vida nada valia. Segundo Agamben, "[...] existem vidas humanas que perdem a tal ponto a qualidade de bem jurídico, que a sua continuidade, tanto para o portador da vida como para a sociedade, perdeu permanentemente todo o valor" (AGAMBEN, 2002, p. 133). Qualquer um poderia infligir contra a vida desse indivíduo, considerado insignificante, e assassiná-lo, sem que com isso cometesse um dano comissivo ou sofresse qualquer tipo de consequência.

O homicida estava preservado da culpa das mortes premeditadas. O encarcerado estava fadado ao enigma da exclusão e eliminá-lo não era sacrifício algum, mas um dever a ser cumprido. Sem ter para onde ir ou a quem recorrer, o habitante do *Lager* vivia marginalizado, despojado de qualquer direito, sem pátria, desprovido de cidadania e sem documento. Apenas um número de registro tatuado no braço o identificava, uma marca que iria acompanhar o sobrevivente durante todo o processo de sua morte iminente. Segundo Levi:

> A operação foi pouco dolorosa e extraordinariamente rápida: colocaram-nos numa fila e, um por um, conforme a ordem alfabética dos nossos nomes, passamos por um hábil funcionário, munido de uma espécie de punção com uma agulha minúscula. Ao que parece, esta é a verdadeira iniciação: só "mostrando o número" recebe-se o pão e a sopa. Necessitamos de vários dias e de muitos socos e

[26] Na Roma antiga, *Homo Sacer* era uma figura do Direito e representava a vida que podia ser extinta pela ordem do poder soberano juridicamente construído. Essa figura obscura da lei romana e excluída de todos os direitos civis representava a vida indigna de ser vivida.

> bofetadas, até criarmos o hábito de mostrar prontamente o número, de modo a não atrapalhar as cotidianas operações de distribuição de víveres; necessitamos de semanas e meses para acostumarmo-nos ao som do número em alemão. E durante muitos dias, quando o hábito da vida em liberdade me levava a olhar a hora no relógio, no pulso aparecia-me, ironicamente, meu novo nome, esse número tatuado em marcas azuladas sob a pele (LEVI, *É isto um homem?*, p.25-26).

Mesmo com os olhos fechados, em uma tentativa de desviar-se da realidade, a marca na parte externa do antebraço esquerdo, representada pelo número tatuado, permanecia no íntimo do prisioneiro para ativar a sua memória e recordá-lo da ferida que lhe tirou o nome. O habitante do *Lager*, muitas vezes chamado de "peça" pelos alemães, agora está catalogado e inserido no processo administrativo da fábrica de morte. De acordo com Levi, a operação para a realização da tatuagem era dolorosa e traumática, cujo "significado simbólico estava claro, para todos: este é um sinal indelével, daqui não sairão mais; esta é a marca que se imprime nos escravos e nos animais destinados ao matadouro, e vocês se tornaram isso. Vocês não tem mais nome: este é o seu nome" (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p.103). O corpo marcado sem harmonia, estranho e sem valor, sem presunção ou afirmação para dizer ser quem assume o que diz ser, apenas à espera da decisão soberana que carrega consigo o poder de punir e banir, cuja supremacia tem "a capacidade de constituir a si e aos outros como vida matável e insacrificável" (AGAMBEN, 2002, p. 107). O corpo mostra-se excluído, deixado para morrer e jogado ao léu. O homem aprisionado no *Lager*, sujeito a todos os tipos de violências inesperadas, torna-se um ser absolutamente desamparado e aniquilado. O seu corpo é afrontado; ele sofre a violência inútil e gratuita que o despersonaliza e caracteriza o inferno chamado de campo de extermínio. Segundo a filósofa alemã, Ana Arendt, o campo de extermínio cooperou para dar um sentido mais literal ao termo inferno, "que é representado por aquele tipo de campo que os nazistas aperfeiçoaram e onde toda a vida era organizada, completa e sistematicamente, de modo a causar o maior tormento possível" (ARENDT, 2012, p.496). No inferno de Auschwitz, mesmo quando os internos se retiravam para os apertados e precários dormitórios, após intensas e longas horas de trabalho escravo, o corpo não achava descanso. Até o sono era cansativo, o desconforto absoluto os privava de fechar os olhos em segurança e contemplar alguns poucos minutos de escape. Conforme Levi:

> mergulho num sono amargo e tenso. É sono, mas não é descanso: sinto-me ameaçado, a cada instante estou pronto para me contrair num espasmo de defesa. Sonho, e me parece dormir no meio de uma rua, de uma ponte, atravessado no limiar de uma porta por onde vai e vem muita gente. E já chega, quão cedo, ai! a alvorada (LEVI, *É isto um homem?*, p. 36-37)

A retaliação soberana frente ao corpo condenado, submetido ao excesso de controle e a submissão abusiva, evoca transformações comportamentais profundas. No campo de extermínio, o sobrevivente revela-se em um corpo maquínico, "compreendendo todas as atrações e repulsões, as simpatias e as antipatias, as alterações, as alianças, as penetrações e expansões que afetam os corpos de todos os tipos, uns em relação aos outros" (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 27). O corpo regulamentado, administrado e calculado "jamais permanece idêntico" e "está sujeito a decompor-se", pois o corpo é "mortal, multiforme, desprovido de inteligência" (PLATÃO, 1972, p. 90). O poder sobre a vida faz do corpo do prisioneiro do campo de concentração um aparelho autômato que se torna objeto de constante controle e intervenção, "cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima para baixo" (FOUCAULT, 2007, p. 131). O corpo mutável e provisório é sustentado por uma tristeza que não acaba, carrega marcas que insistem em permanecer, cicatrizes que insistem em se estabelecer na carne e na alma para atormentar a mente do sobrevivente e fazer reviver o que se deseja sempre esquecer. Por isso, o corpo sente e sofre, "o corpo não é, portanto um objeto. A sua unidade é sempre implícita e confusa. Ele é sempre outra coisa que não ele próprio. É no corpo e pelo corpo que tudo vive" (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 208). Vive inclusive as dores e angústias mais agudas. O corpo violado e desfigurado carrega em si uma alma desfalecida, sem desejos e sem paixões, pois, "na maioria dos casos", explica Aristóteles, "a alma nada sofre ou faz sem o corpo, como, por exemplo, irritar-se, persistir, ter vontade e perceber em geral; por outro lado, parece ser próprio a ela particularmente o pensar" (*De anima* I, I, 403a3). Porém, "o uso da palavra para comunicar o pensamento", explica Levi, "este mecanismo necessário e suficiente para que o homem seja homem, tinha caducado" (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 80). A incapacidade pervasiva e constante de se expressar, a negação de si, a ausência de palavras, a inabilidade de identificar e descrever as emoções caracterizava o corpo apagado de dentro para fora e vice-versa. O habitante do *Lager* tem um corpo que se enuncia no silêncio. Ele não se exprime

naturalmente, pois perdeu a fala como modulação possível do corpo. O gesto da linguagem se extingue por não achar lugar perante a força que o trauma lhe impõe. Toda significação emocional, gestual e existencial caduca diante da vitalidade subjetiva extremamente reprimida e da restrição total da liberdade.

O sobrevivente do *Lager* é um reflexo do mundo caótico que o cerca e o aprisiona. Seu corpo, uma espécie de caixão da alma decaída, permanece inerte ao tempo e ao espaço. Este corpo era sempre comandado e dirigido pelos algozes que reprimiam as vontades dos prisioneiros através da brutalidade que não se poupa a trabalhos, cuidados e sacrifícios. O corpo do encarcerado se emudecia perante a dor e a aflição indescritível da tortura, da fome e da sede, do frio e da chuva, do cansaço, das doenças infecciosas inevitáveis e dos experimentos médicos ultrajantes. Corpo que sofre o desgosto agudo e inominável da injustiça. Este é o corpo animal, cuja realização da vida em comum há tempo se extinguiu. “Para eles”, argumenta Levi, “não éramos mais homens; conosco, como com vacas ou mulas, não havia diferença substancial entre o berro e o murro” (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 80). Por isso, o *Lager* marca o fim da finalidade humana, da vida ética e política. O campo de extermínio estabelece o fim da razão, da consciência, da capacidade do prisioneiro de se reconhecer, afirmar sua existência e pensar a sua relação com a natureza e o ambiente que o cerca.

Revela-se intrigante a percepção dos limites que o corpo de um ser humano que tenta sobreviver pode aguentar. Ao observar o corpo corrompido, que subsiste passivamente e se enuncia em uma corporeidade violada, coberto de vergonhas e abusos, percebe-se um desânimo absoluto. Hannah Arendt comenta essa “passividade submissa”, o comportamento dócil e curioso dos prisioneiros demasiadamente desgastados: “chegando pontualmente nos pontos de transporte, andando sobre os próprios pés para os locais de execução, cavando os próprios túmulos, despindo-se e empilhando caprichosamente as próprias roupas, e deitando-se lado a lado para ser fuzilados” (ARENDT, 2007, p. 22). A desesperança é visivelmente manifesta no corpo cominado do sobrevivente que se adequa ao regime que o violenta de forma absoluta. Para sobreviver, resistir é preciso, mas a maioria dos encarcerados não resistiu. Eles se deixaram guiar, eram mansos e adestrados para marcharem rumo à morte. Não houve protesto, não houve revolta, apenas submissão. Os internos, em sua maioria, tornaram-se indivíduos inermes, com

corpos domesticados e destituídos de identidade. Eles foram abandonados pela circunstância destrutiva da organização nazista. Segundo Arendt:

> O sistema que consegue destruir suas vítimas antes que elas subam ao cadafalso... é incomparavelmente melhor para manter todo um povo em escravidão. Em submissão. Nada é mais terrível do que essa procissão de seres humanos marchando como fantoches para a morte. (ARENDT, 2007, p. 22)

Enclausurados em um organismo semimorto, os internos atingiram um estado de doença de difícil avaliação. As vítimas alcançaram o limite da vulnerabilidade, uma depressão profunda e sintomas corpóreos extremos. Diante de tamanha desumanidade, até mesmo a capacidade dos internos em voluntariar-se para se autoinfligir, dando assim, cabo à própria vida, para extinguir de vez a profunda depressão que paulatinamente os diminuía, era afetada. A dificuldade em fazer da morte o único refúgio e a inevitável solução da grande aflição, da opressão e da tristeza, aponta para a raridade dos casos de suicídio no *Lager*. Levi mostra pelo menos três explicações que justificam esse fenômeno especificamente atribuído à raça humana, ou seja, uma vontade própria e intrínseca de tirar a própria vida:

> Primeiro: o suicídio é próprio do homem e não do animal, isto é, trata-se de um ato meditado, uma escolha não instintiva, não natural; e no Lager havia poucas oportunidades de escolher, vivia-se justamente como os animais subjugados, que às vezes se deixavam morrer, mas não se matam. Segundo: “havia mais em que pensar”, como se diz comumente. O dia estava ocupado: tinha-se de pensar em satisfazer a fome, em evitar de algum modo o cansaço e o frio, em escapar dos golpes; justamente pela iminência constante da morte, faltava o tempo para concentrar-se na ideia da morte. Tem a rudeza da verdade a observação de Svevo, em *A consciência de Zeno*, quando descreve sem piedade a agonia do pai: “Quando se morre, há mais o que fazer do que pensar na morte. Todo o seu organismo estava dedicado à respiração”. Terceiro: na maior parte dos casos, o suicídio nasce de um sentimento de culpa que nenhuma punição conseguiu atenuar; ora, a dureza do cativeiro era percebida como uma punição, e o sentimento de culpa (se há punição, uma culpa deve ter havido) estava relegado ao segundo plano, ressurgindo após a libertação: em outras palavras, não era preciso punir-se com o suicídio por uma culpa (verdadeira ou suposta) que já se expiava com o sofrimento de todos os dias. (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 66).

Fadado à condição de sobrevivência, onde era necessário que um outro morra em seu lugar, a potencialidade autodestrutiva não era comum no *Lager* por

que o suicídio é um fato social. Uma vez que não existia a relação do indivíduo com um grupo que compartilhasse interesses em comum e que não tinha condições de promover o bem social, a condição humana foi transformada e o prisioneiro do *Lager* foi reduzido a um tratamento próprio de um animal abandonado. Não foi possível, para esse sobrevivente, processar as perturbações psíquicas que o induziria a retirar a própria vida, pois a vítima não tinha ciência do resultado que iria produzir. Por isso, o sobrevivente do *Lager* é o ser exânime que pacientemente espera a falência, induzida ou não, de seus órgãos vitais. O que lhe resta é a dor, única garantia na tentativa de permanecer com olhos abertos e continuar a resistir e reexistir, pois "a dor é a única força que se cria do nada" (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 74). Talvez seja a dor que contrafaz o ímpeto, as percepções instintivas e os pressentimentos da verdade que cerca o sobrevivente do campo de extermínio. Essa sensação de sofrimento, incômoda e excruciante, decorrida das múltiplas e constantes lesões, engana a autenticidade de manifestação do corpo e gera o comportamento impróprio que faz a sobrevida persistir. Parece que o terror é persistente, "apenas o que não cessa de *causar dor* fica na memória" (NITZSCHE, 2015, p. 46). A dor é o prazer negado, ela é o mundo externo recusando e impedindo que as necessidades básicas sejam satisfeitas. A dor é o sofrimento inevitável do *Lager*. Essa sensação aguda e incômoda coloca o encarcerado à mercê da força bruta, dos instintos agressivos e destrutivos de seus algozes. Para Freud, alguns dos impulsos espontâneos do ser humano tende a uma reciprocidade de ataques irreflexivos:

> O elemento da verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. E, resultando disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, torturá-lo e matá-lo. *Homo homini lúpus*. Quem, em face de toda sua experiência da vida e da história, terá a coragem de discutir essa asserção? (FREUD, 1930, p. 133).

Essa propensão à agressividade, essa força orgânica e psíquica que desafia o indivíduo a resolver a tensão que o seu corpo demanda, é experienciada de forma

imperiosa e total no habitante do *Lager*. O campo de extermínio foi um lugar onde as pulsões agressivas não foram controladas e não tiveram limites. Auschwitz consolidou o espaço de um individualismo profundo e de um egoísmo extremo, onde a força quase nunca era suprimida, mas evocada e manifesta com brutalidade ímpar. Nietzsche assevera que "exigir da força que *não* se expresse como força, que *não* seja um querer-dominar, um querer-vencer, um querer-subjugar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força" (NIETZSCHE, 2015, p. 32). Essa força avassaladora, desprovida de qualquer resquício de misericórdia, foi desnecessária e carecida de propósitos coerentes. O único objetivo era investir contra a vida, ou seja, torturar e deixar morrer. Para Levi, a violência praticada no *Lager* foi "inútil, com um fim em si mesma, voltada unicamente para a criação da dor: às vezes voltada para um objetivo, mas sempre redundante, sempre fora de proporção em relação ao próprio objetivo" (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 91-92). Um acontecimento difícil de imaginar, fora da noção de realidade do ser civilizado. O resultado é a desintegração do prisioneiro do *Lager* das relações humanas e, consequentemente, do seu regresso social e intelectual. O espaço que circunda o sobrevivente o devora vagarosamente e forçosamente coloca em extinção a amizade, a fidelidade e o amor ao próximo. A vítima é incapaz de se adequar conscientemente à moral e à ética. Os algozes nada sentem, e a falta de culpa os impedem de sentir na pele e na consciência a dor daqueles que eles atacaram, lesaram e prejudicaram, e que diariamente desfaleceram perante os seus próprios olhos. Por isso, Levi afirma categoricamente: "Quem mata sabe o que faz" (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 91).

O testemunho de Levi aborda a catástrofe por excelência e o absurdo da destituição humana no campo de extermínio. Suas palavras revelam o testemunho autêntico da barbárie que dá voz aos milhões que foram silenciados e tiveram seu futuro negado. Levi discute as transformações que ele sofreu e viu sofrer como vítima da *Shoah*. Sua memória é um alerta a respeito da maldade do homem, capaz de reduzir a vida humana em uma existência animalizada. No *Lager*, o corpo se torna o alvo central, para que seja extinto no indivíduo a capacidade de reflexão, os questionamentos e o desejo de transformar a realidade. O prisioneiro do *Lager* fica ao léu do desconhecido e à mercê do instante seguinte. O que lhe resta é o destino certo e iminente do fim da vida.

O corpo do habitante da fábrica de extermínio, no testemunho de Levi, se mostra em estado de aniquilação, desfeito dos princípios de prazer, absorto de pulsões de vida e sempre ao dispor do domínio soberano, cuja manifestação é sempre bárbara. Destituído de direitos, o corpo sem forças e subjugado do prisioneiro do *Lager*, o corpo desajeitado, não resiste à soberania e à crueldade. Na fábrica de morte, o corpo sofre ininterruptamente, pois ele se encontra deslocado do sujeito, desumanizado, alienado e flagelado. O corpo do prisioneiro dissipa-se em dor, sangra na carne, sangra na alma e experimenta o suplício interminável. O habitante do *Lager* é transformado no corpo coisa, corpo mecânico, objetificado, personificado em maldade, alvo de insultos e poder. O prisioneiro do campo de extermínio é o morto-vivo adestrado, animalizado, suprimido da liberdade e desprezado. Impedido de questionar, de pensar o escape e reagir para mudar a realidade em que se encontra, o interno é silenciado, destituído de privacidade e molestado. Sobrevive para se tornar a vítima da calamidade, cujo fim é ser dono do desconforto, colecionar pancadas, hematomas e perguntas sem respostas.

Na experimentação corpórea do habitante do *Lager*, todos os limites foram ultrapassados. No campo de extermínio, todo o ato em direção ao corpo do prisioneiro foi desproporcional e intrinsicamente desumano. Uma malignidade gratuita e uma crueldade absurda. O oprimido foi imerso em um constrangimento profundo, cujo pudor foi violado e a moral debilitada para sempre. O seu corpo acostumou-se com a sujeira da lama, com o odor do suor e dos excrementos. Tosquiado e sem direito a concessões, ele foi privado da higiene básica, submetido a uma nudez que humilha, constantemente sem forças para resistir e impedir sua transformação em algo pior que um animal abandonado. Porém, para sobreviver, foi preciso passar despercebido, não chamar a atenção de ninguém, seja soldados ou prisioneiros. Era necessário anular o outro, ainda que as faculdades mentais do encarcerado não conseguissem processar de forma integral esse ato de rejeição. O outro estava sempre aquém, sempre sendo explorado e priorizado para a impotência e a destituição. Sofrer o sofrimento do outro estava fora de questão. O sobrevivente rejeitado também rejeita, compondo mais um capítulo da história da crueldade do homem e daquilo que ele é capaz de fazer ao seu semelhante.

No *Lager*, o bem e o mal abrem espaço para uma “zona cinzenta” (LEVI. *Os afogados e os sobreviventes*, p. 31), lugar de transição de interesses onde qualquer um pode se fazer amigo ou inimigo. O corpo subornado da vítima está sempre

caminhando na fronteira do choque e da contenda para satisfazer uma necessidade pessoal de sobrevivência. Mesmo com o fim da guerra, a felicidade inexiste para o sobrevivente, pois não há redenção no corpo violado no *lager*, marcado eternamente pela angústia de uma vida consumida ao extremo e envergonhada por carregar uma culpa inexplicável e fora das proporções do plano moral. Apesar das décadas que se passaram desde o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, ficam-nos os riscos constantes e precursores dessa luta armada banhada por sangue e dor. A história nos mostra que ainda não aprendemos a lidar com os conflitos raciais, a violência, o fanatismo religioso, a intolerância e o facciosismo político, que está sempre ameaçando e subjugando a integridade física e moral do indivíduo, para impor a barbaridade, a norma, a exigência, a regulação, a modificação, o controle e o poder. Consequentemente, o lugar de luta e resistência se mostra cada vez mais condenado e perde espaço no decorrer do tempo em detrimento do poder soberano dos chefes de Estado. O testemunho de Levi trabalha para dar voz aos vencidos, para que as suas memórias se manifestem no presente como um alerta e para que as atrocidades da *Shoah* não sejam esquecidas e muito menos repetidas.

2.2 O muçulmano do *Lager*

Uma memória que não se lembrasse do seu morto e o mortal não seria uma memória.
(Derrida, 2003, p. 126)

A Segunda Guerra Mundial se estabelece no século XX como um dos mais expressivos acontecimentos da história das guerras modernas. A magnitude desse conflito bélico gerou incalculáveis perdas materiais e a morte de milhões de seres humanos, tanto nos campos de batalha, como nas cidades e vilarejos de várias nações. O assassinato deliberado dos judeus, ciganos, testemunhas de Jeová e homossexuais, promovido por Adolf Hitler e sua Alemanha nazista, era praticado em massa nos campos de extermínio e campos de concentração. Até então, nunca havia se matado tanto e em tão pouco tempo no mundo moderno. Um conflito sangrento que deixou danos irreparáveis em toda a humanidade. Pouco mais de setenta anos se passaram desde o fim desse evento que assombrou o mundo, mas as consequências catastróficas herdadas por esse conflito armado ainda ecoam nos dias de hoje. Os rastros deixados pela guerra persistem em permanecer, transformando a experiência da guerra, seja para soldados ou civis, em algo inesquecível.

A transmissão do horror e da opressão absoluta vivida nas fábricas de morte se tornou um assunto de grande relevância no meio acadêmico, mostrando que as atrocidades herdadas na guerra ultrapassam as fronteiras geográficas e enunciam-se em diferentes vozes e línguas. Há anos a questão do Holocausto – ou *Shoah* – recebe variadas abordagens em sua representação nas diferentes sociedades, como, por exemplo, nas narrativas historiográficas, na literatura, nos quadrinhos, no cinema, e nas belas artes como um todo. Essas manifestações cooperam para a construção da memória e do testemunho desses sobreviventes, que, apesar da constante aflição da rememoração, denunciam ao mundo suas histórias. Sendo assim, investiga-se nesse capítulo, a partir do depoimento de Primo Levi, a

representação do “muçulmano” - prisioneiro desumanizado e incapaz de falar - como fator de testemunho da violência no *Lager* (campo) em Auschwitz.

Os sobreviventes reconhecem a obrigação de resgatar a memória dos silenciados, de fazer vir à tona o indizível, dar voz àquele que foi produzido nos campos de morte e deixou de ser ‘humano’, porque a força do trauma que os acomete os desfigurou completamente, originando, assim, uma cisão entre homem e não-homem. Essa força horrenda, que extraiu toda a saúde mental e física daqueles que sucumbiram nos campos de morte, foi capaz de aniquilar nesses restos de homens a capacidade de proferir as atrocidades pelas quais foram submetidos. Esse “ser qualquer” é representado na figura do “muçulmano” (*muselmann*), também conhecido por inumano ou não-homem. O filósofo italiano Giorgio Agamben afirma que “o muçulmano é o não-homem que se apresenta obstinadamente como homem, e o humano que é impossível dissociar do inumano” (AGAMBEN, 2008, p. 87). Esse ser anti-humano foi produzido no campo de extermínio em Auschwitz e o seu testemunho é considerado indizível. O muçulmano é o resultado de um processo de degradação intensa. Esse processo inicia-se antes do seu confinamento no *Lager* e só termina quando o prisioneiro atinge o estado irreversível de inumanidade. O campo de concentração e extermínio foi o lugar onde o estágio máximo de desumanidade atingiu o resultado biológico esperado pelos nazistas. Auschwitz, por exemplo, funcionava como uma espécie de laboratório para o regime totalitário de Hitler. No *Lager*, o homem era dominado por completo. Ele era confinado e torturado até atingir a condição de um ser autômato. A filósofa, alemã e de origem judaica, Hannah Arendt, explica que

> os campos de concentração e de extermínio dos regimes totalitários servem como laboratórios onde se demonstra a crença fundamental do totalitarismo de que tudo é possível [...]. Os campos destinam-se não apenas a exterminar pessoas e degradar seres humanos, mas também servem à chocante experiência da eliminação, em condições cientificamente controladas, da própria espontaneidade como expressão da conduta humana, e da transformação da personalidade humana numa simples coisa, em algo que nem mesmo os animais são; pois o cão de Pavlov que, como sabemos, era treinado para comer quando tocava um sino, mesmo que não tivesse fome, era um animal degenerado. (ARENDT, 2006, p. 488-489).

O muçulmano foi desprovido da capacidade de sentir, pensar e falar para se tornar um defunto ambulante. Ele é o efeito da lógica funcional e organizacional do

Lager. Sendo um indigente, ele torna-se o ser “intestemunhável”, como afirma Agamben. Segundo o filósofo: “o muçulmano é o segredo absolutamente não testemunhável” (AGAMBEN, 2008, p.156). O muçulmano foi o semimorto massacrado no *Lager*, anônimo e constantemente substituído. Ele foi aquele que não conseguiu vislumbrar um resquício de esperança e resistir às crueldades impostas nas fábricas de morte. Ele denota ser um sujeito desprovido por completo. Para ele, não existiu a expectativa ou companheirismo, e muito menos, o discernimento de espaço e de tempo. Ele foi um ser que já não sabia diferenciar o que era bom ou ruim. O muçulmano é o retrato do sujeito desconsiderado, cujas funções físicas asseveravam a sua característica dolorosa e cheia de agonia. Em sua narrativa, Levi descreve as características do habitante recluso no *Lager*. Ele era um verdadeiro escravo do Estado, sem direitos ou espaço para a prática da sociabilidade. Todos os aspectos da vida do prisioneiro eram regulamentados. Assim afirma Levi:

> Fechem-se entre cercas de arame farpado milhares de indivíduos, diferentes quanto a idade, condição, origem, língua, cultura e hábitos, e ali submetam-nos a uma rotina constante, controlada, idêntica para todos e aquém de todas as necessidades; nenhum pesquisador poderia estabelecer um sistema mais rígido para verificar o que é congênito e o que é adquirido no comportamento do animal-homem frente à luta pela vida. (LEVI, *É isto um homem?*, p. 88).

Os prisioneiros eram aqueles “oprimidos até o fundo” (LEVI, *É isto um homem?*, p. 88). O questionamento de Levi talvez seja uma tentativa de entender se, diante de tal situação, um resto de memória ainda era possível. Convencido da possiblidade de que os muçulmanos deixaram seus rastros, Levi entende que nenhuma experiência humana é vazia por completo. Diante da grandiosidade do que foi o extermínio industrial nazista, talvez fosse impossível aniquilar todas as provas que os condenassem. Nem tudo está perdido ou reduzido ao silêncio. Sempre há um conteúdo que pode ser percebido e apreciado. Os vestígios permanecem e manifestam-se para anunciar a memória dos sem-nome.

Os estudos do escritor e sociólogo alemão, Wolfgang Sofsky, que dedicou grande parte de suas pesquisas para analisar os campos de concentração e extermínio construídos durante a Segunda Guerra Mundial, mostram a origem do termo *muselmann*. Segundo Sofsky, a expressão “muçulmano” originou-se em Auschwitz e espalhou-se, logo depois, para os outros *Lager*.

> A expressão era usada sobretudo em Auschwitz e, a partir daí, passa depois a outros Lager... Em Majdanek, o termo era desconhecido, e para indicar os "mortos vivos" se usava a expressão *Gamel* (gamela); em Dachau, por sua vez, dizia-se *Kretiner* (idiotas), em Stutthof, *krüppel* (aleijados), em Mathausen, *Schwimmer* (ou seja, quem fica boiando fingindo-se de morto), em Neuengamme, *Kamele* (camelos, ou, em sentido translato, idiotas), em Buchenwald, *mude Scheichs* (isto é, imbecis) e no Lager feminino de Ravensbruck, *Muselweiber* (muçulmanas) ou *Schmuckstücke* (enfeites de pouco valor ou jóias). (SOFSKY, 1997, p. 464)

Embora os vocábulos apresentem diferentes variações e alguns termos parecem ser mais convincentes que outros, pode-se afirmar que a situação extrema dos internos do *Lager* era inaudita. Esses internos, chamados de *Häftling*, quando alcançavam o seu limite, assumiam a posição de *muselmann*. Não lhes restavam outra opção, a não ser, e de forma praticamente inconsciente, ignorar toda a realidade ao seu redor. O muçulmano permanecia constantemente em um mundo paralelo. Ele era incapaz de receber a influência do mundo real. Esse prisioneiro vivia um delírio obstinado e absoluto, onde ser ou não ser um humano já não era um dilema a ser resolvido. Agamben afirma que "o campo, como situação extrema por excelência, permite que se decida sobre o que é humano e o que não é, permite que se separe o muçulmano do homem" (AGAMBEN, 2008, p. 56). É justamente essa separação que assevera a condição e a impossibilidade do retorno do muçulmano ao humano. A vida e a morte, o humano e o inumano, a dignidade e a falta de dignidade eram a mesma coisa para o muçulmano. Faltava-lhe o senso crítico em todos os âmbitos da vida. A própria ironia do título da obra que narra o testemunho de Levi, *É isto um homem?*, reafirma a ética que estabeleceu-se em Auschwitz. Levi os retrata como os seres "próximos do fim", nada se espera do inumano, pois "sabe-se que eles estão aqui de passagem" (LEVI, *É isto um homem?*, p. 90). Consequentemente, o significado político que envolve a figura do muçulmano, atesta o estado de exceção em que ele está consolidado.

Segundo os arquivos do Centro de Pesquisa em Jerusalém, Yad Vashem [27], o termo "muçulmano" foi amplamente utilizado entre os prisioneiros dos campos de extermínio para se referir aos presos que estavam perto da morte por exaustão, fome ou desesperança. Devido à incapacidade de se firmar em pé por causa da

[27] Disponível em: <http://www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%206474.pdf>. Acesso em 27 nov. 2015.

perda dos músculos na perna, consequentemente, ficavam a maior parte do tempo curvados. Alguns estudiosos acreditam que o termo se originou a partir dessa propensa semelhança de semimorto dos prisioneiros do *Lager* em relação à imagem de um muçulmano (islamita) prostrando-se no chão em oração. Agamben, por exemplo, afirma que "a explicação mais provável remete ao significado literal do termo árabe *muslim*, que significa quem se submete incondicionalmente à vontade de Deus, e está na origem das lendas sobre o pretenso fatalismo islâmico, [...]". (AGAMBEN, 2008, p.52). O islamita prostra-se perante Alá em uma submissão incondicional. O muçulmano do *Lager*, apesar de estar em um contexto completamente diferente, compartilhava dessa condição e submissão. Por isso, ele era, ironicamente, submetido a tal comparação. A diferença é que o islamita se prostra mediante a convicção da onipotência e onipresença de Alá. O muçulmano do *Lager*, desprovido de esperança e fé, é levado ao chão pela incapacidade estrutural do corpo de reerguer-se. Conforme Levi, "os doentes mais graves, os mais fracos, acabavam-se um a um, em solidão." (LEVI, *É isto um homem?*, p. 171). O muçulmano era abandonado em sua condição atroz e irrecuperável. Como que estabelecendo um lugar de passagem, ele saía da condição de humano, para tornar-se o paradigma da situação extrema. Ele foi o sujeito que perdeu a validade de ser humano, embora aparentasse como uma pessoa, a sua humanidade biológica já não o acompanhava. Segundo Bettelheim, "[...] tinham de parar completamente de reagir ao ambiente e tornar-se objetos, mas com isso desistiam de ser pessoas" (BETTELHEIM, 1985, p.123). Essa experiência limite apontada por Bettelheim, sugere a impossibilidade do muçulmano de retornar e refazer-se moralmente. No *Lager*, o respeito esgota-se rapidamente e a dignidade é irrecuperável. O muçulmano é aquele cujos afetos estão transviados, não existe lucidez, amor próprio e personalidade. A consciência moral, a sensibilidade e os estímulos nervosos são extintos para que o prisioneiro alcance o estatuto de coisa ou objeto.

Muitas vítimas, faltando-lhes totalmente os recursos físicos e mentais para adaptar-se, alcançaram esse estado degradante logo após sua chegada no *Lager*. Outros prisioneiros sucumbiram à doença, abuso físico, desnutrição e excesso de trabalho escravo. O muçulmano era facilmente identificado pelo seu declínio físico e psicológico. Letárgicos e indiferentes a todos a sua volta, não conseguiam ficar de pé por pouco mais que um curto período. A maioria dos outros prisioneiros evitava o contato com os muçulmanos com medo de contrair a condição desprezível e mortal

destinadas a esses sujeitos. Levi aponta para o fato de que estar perto de um muçulmano não valia a pena. Para o sobrevivente, não havia proveito algum rodear alguém de quem não se podia tirar algum proveito: “Para que travar amizade com eles? Não têm, no Campo, conhecidos poderosos, não têm rações extras para comer, não trabalham em *Kommandos* favoráveis, desconhecem qualquer maneira secreta para obter vantagem”. (LEVI, *É isto um homem?*, p. 90). Levi revela que o muçulmano não era digno de companhia alguma. Para sobreviver era preciso isolá-lo ainda mais e estabelecê-lo no ambiente e no significado político de que ele advém. Os nazistas que administravam os *Lager* consideravam os muçulmanos indesejáveis porque eles não podiam trabalhar ou suportar as regras do Campo. Por isso, durante as seleções, essas vítimas foram os primeiros a serem condenados à morte. Uma pessoa no estado de muçulmano não tinha nenhuma chance de sobrevivência. Ele ou ela não viveria além de alguns poucos dias ou semanas. Sofsky explica o seguinte:

> o muçulmano encarna o significado antropológico do poder absoluto de forma particularmente radical. No ato de matar, de fato, o poder se auto-suprime: a morte do outro põe fim à relação social. Pelo contrário, ao submeter as suas vítimas à fome e à degradação, ganha tempo, o que lhe permite fundar um terceiro reino entre a vida e a morte. Também o muçulmano, como o amontoado de cadáveres, atesta o seu completo triunfo sobre a humanidade do homem: mesmo que se mantenha ainda vivo, aquele homem é uma figura sem nome. Ao impor tal condição, o regime encontra o próprio cumprimento. (SOFSKY, 1997, p. 294).

A forma de poder imposta diretamente à vida, que regulamenta e impacta todos os aspectos da vida humana, ou seja, a biopolítica, cujo conceito ganha destaque nas obras de Foucault [28] e Agamben [29], se manifesta principalmente através dos dispositivos de controle, classificação ou seleção de seres humanos. O poder que é estabelecido através da instrução e, consequentemente, da censura, atinge a vida totalmente, seja o coletivo ou apenas um indivíduo. O papel do Estado é vivenciar e direcionar a vida dos indivíduos que compõe o corpo político social. Como a vida humana está atrelada à política, no *Lager*, o poder soberano estatal trabalha para fazer do indivíduo um objeto de alienação do Estado. O indivíduo é

---

[28] FOUCAULT, M. **Naissance de la biopolitique**. Paris: Gallimard, 2004.
[29] AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua I**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002 (*Homo Sacer – Il Potere Sovrano e la nuda vita*).

eliminado sem direito a defesa. Por não ter direito a uma resposta, ele é morto sem que se possa saber o motivo. Ao descrever a vida no *Lager*, Levi afirma que “muitos hábitos, muitos instintos sociais são reduzidos ao silêncio” (LEVI, *É isto um homem?*, p. 88). Como que em um defeito congênito, o habitante do campo de extermínio tem a sua formação corporal alterada. A pele, os ossos, os músculos, os órgãos e tudo o que abrange o seu sistema corpóreo é transformado. O objetivo é extinguir a vida comum. No *Lager*, o indivíduo é coisificado, torna-se um mero objeto sem vida. A “bios” chega ao fim. É o fim da essência humana enquanto entidade construtora.

A biopolítica analisa a relação de poder que atinge as populações (FOUCAULT, 1999, p. 292). O que o Estado procura é normalizar a espécie humana e gerenciá-la. A vida e a morte estão subordinadas à apreciação e ao julgamento político do Estado. Porém, no *Lager*, é o poder soberano do estado que decide e controla quem morre e quem vive. O poder se revela como um direito onde se faz a morte. Pode-se dizer que o Estado Nazista foi radicalmente dominador, um poder disciplinador e normalizador, que estabeleceu, no campo de concentração, uma indeterminação entre a vida natural e a vida politicamente qualificada. O regime nazista investiu na multiplicação do *muselmann* para aniquilar a vida, fazendo da vida do prisioneiro do *Lager* um elemento político por excelência. No *Lager*, todas as reservas são esgotadas, sejam elas espirituais, físicas ou econômicas. Ao fazer com que o homem se perca, a vida torna-se incapaz e improvável. Em um Estado onde a soberania está presente, o miserável atinge o seu estado máximo de desolação e o poderoso o seu estado máximo de poder. Nesse sentido, o muçulmano é o exemplo excepcional. Ao desenvolver a análise de Foucault, Agamben explica esse conceito de poder que estabelece o muçulmano como um limite político, ou seja, “a substância biopolítica absoluta”. Segundo Agamben:

> A cesura fundamental que divide o âmbito biopolítico é aquela entre *povo e população*, que consiste em fazer emergir do próprio seio do povo uma população, ou melhor, em transformar um corpo essencialmente político em um corpo essencialmente biológico no qual se trata de controlar e regular natalidade e mortalidade, saúde e doença. Com o nascimento do biopoder, cada povo se duplica em população, cada povo *democrático* é, ao mesmo tempo, um povo *demográfico*. No Reich nazista, a legislação de 1933 sobre a “proteção da saúde hereditária do povo alemão” marca precisamente essa cesura originária. A cesura imediatamente sucessiva é a que distinguirá, no conjunto da cidadania, os cidadãos de “ascendência ariana” dos de “ascendência não-ariana”; uma cesura posterior

> separará, entre estes últimos, os judeus (*Volljuden*) em relação aos *Mischlinge* (pessoas que têm apenas um avô judeu ou que tem dois avôs judeus, mas que não são de fé judaica nem têm cônjuges judeus na data de 15 de Setembro de 1935). As cesuras biopolíticas são, pois, essencialmente móveis e isolam, de cada vez, no *continuum* da vida, uma zona ulterior, que corresponde a um processo de *Entwürdigung* [aviltamento] e de degradação cada vez mais acentuado. Dessa forma, o não-ariano transmuta-se em judeu, o judeu em deportado (*umgesiedelt*, *ausgesiedelt*), o deportado em internado (*Häftling*), até que, no campo, as cesuras biopolíticas alcancem o seu limite último. O limite é o muçulmano. (AGAMBEN, 2008, p.90)

O campo de extermínio é o espaço onde a biopolítica se consolida. Ele é o lugar onde o processo de censuras encontra o seu fim na figura nosográfica do muçulmano. Essa censura acontece em escalas acentuadas, com o intuito de isolar e degradar o prisioneiro, até que ele seja consolidado em um extremo sem retorno e sem progresso. O muçulmano passa a ser uma figura política, uma simples espécie que possui um corpo vivente. Ele é o resultado onde a relação de poder alcança a fronteira limite e a impossibilidade de continuar a censura. Agamben sugere a representação do muçulmano como um novo elemento ético. Ele é a consequência máxima do processo da biopolítica imposto pelos nazistas, onde todas as possibilidades de censura se exaurem. Todo o processo que enquadra a biopolítica e sua forma de controle do tempo e do espaço chega ao fim. Uma ruptura é estabelecida por completo e a vida em comum se extingue. Segundo Levi, “a luta pela sobrevivência é sem remissão, porque cada qual está só, desesperadamente, cruelmente só” (LEVI, *É isto um homem?*, p. 89). Pelo fato de a vida já não ter nenhum valor político, a sua eliminação é garantida. É impossível para o muçulmano se candidatar à sobrevivência. Levi afirma que “deles sobrará apenas um punhado de cinzas em outro Campo próximo e, no Registro, um número de matrícula riscado” (LEVI, *É isto um homem?*, p. 90). O inumano é gerado no campo de extermínio e, consequentemente, estabelecido como o marco imutável do poder soberano imposto sobre ele. Segundo Agamben,

> No ponto em que o *Häftling* se torna *muçulmano*, a biopolítica do racismo vai, por assim dizer, além da raça e penetra em um umbral em que já não é possível estabelecer cesuras. Nesse momento, o vínculo flutuante entre povo e população se rompe definitivamente e assistimos ao surgimento de algo parecido com uma substância biopolítica absoluta, que não pode ser determinada e nem pode

> admitir cesuras [*inassegnabile* e *incesurabile*]. (AGAMBEN, 2008, p.90).

O muçulmano é o resultado do desprezo. Ele é o indivíduo que já não merece a atenção do sistema que o desprezou porque ele é o fim em si mesmo. Ele é o limite do processo de degradação. Ele é a ruptura que impossibilita uma interação social. O campo de extermínio é o lugar que faz com que o absurdo seja possível e encontre o seu fim na figura do inumano, o morto-vivo do *Lager*. Ao consolidar o muçulmano, o regime nazista atinge o seu apogeu no campo de extermínio, pois nele nada mais é possível, nem mesmo a morte "humana". O muçulmano é o último estágio de degeneração moral, onde o "humano" já não cabe. Além do muçulmano, nenhum outro processo de degradação é possível. Ele é o fator não intermitente porque eles foram aqueles que "tocaram o fundo" e não voltaram para contar suas histórias. Eles foram impossibilitados de reagir porque o processo que os descaracterizou no *Lager* foi completo e irreversível. O muçulmano é o sujeito que guarda o testemunho inalcançável. Segundo Levi:

> A demolição levada a cabo, a obra consumada, ninguém a narrou, assim como ninguém jamais voltou para contar a sua morte. Os que submergiram, ainda que tivessem papel e tinta, não teriam testemunhado, porque sua morte começara antes da morte corporal. Semanas e meses antes de morrer, já tinham perdido a capacidade de observar, recordar, medir e se expressar. (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 73).

Levi descreve em sua obra *É isto um homem?* como os veteranos do *Lager* designavam os muçulmanos: "os fracos, os ineptos, os destinados à 'seleção'" (LEVI, *É isto um homem?*, p. 89). Eles eram os homens direcionados para o fim das possibilidades humanas, os que estavam ali apenas por um breve momento. Em sua descrição, Levi aponta-os como sendo aqueles que "sofrem e se arrastam numa opaca solidão íntima, e nessa solidão morrem ou desaparecem sem deixar lembrança alguma na memória de ninguém" (LEVI, *É isto um homem?*, p. 90). Os muçulmanos sucumbiam facilmente. Eles foram os selecionados para as câmaras de gás, ou seja, escolhidos para a morte, "simplesmente, acompanharam a descida até o fim" (LEVI, *É isto um homem?*, p. 91). Eles estavam completamente distantes da reflexão moral, eram obedientes e não se rebelavam nunca, por isso, não aguentavam prolongar a vida ou lutar por ela. Levi afirma que eles "foram

esmagados antes de conseguir adaptar-se; ficaram para trás" (LEVI, *É isto um homem?*, p. 91). Os muçulmanos foram aqueles que perderam a noção do que é padecer com resignação e paciência. Eles eram aqueles que esqueceram o que é tolerar ou desistir de alguma coisa ou alguém. Para o muçulmano, escapar da seleção era algo impossível. Eles não conseguiam impedir que a morte não fizesse parte do seu destino. O seu caminho em direção à morte era sem volta e sem possibilidades de ser interrompido. Porém, o muçulmano não tinha a capacidade de entender que iria morrer. A noção de morte escapava-lhe porque a morte está profundamente ligada à vida. Por não ter a clareza do sentido da existência, o perigo eminente da morte não lhe afetava, o que o impossibilitava de ajudar a si mesmo. Afinal, conforme aponta Levi, não há como descrevê-los segundo os conceitos que caracterizam um ser humano normal.

> Não-homens que marcham e se esforçam em silêncio; já se apagou neles a centelha divina, já estão tão vazios, que nem podem realmente sofrer. Hesita-se em chamá-los vivos; hesita-se em chamar 'morte' à sua morte, que eles já nem temem, porque estão esgotados demais para poder compreendê-la. (LEVI *É isto um homem?*,, p. 132)

O muçulmano torna-se, então, esse ser pejorativo e apático em relação a sua própria sorte. Completamente inapto, ele é a representação do limiar da vida biológica, o ser que não sonha e não tem esperança, pois sua realidade psíquica foi completamente aniquilada. Sem nenhum tipo de vontade, o muçulmano vivia imbecilizado. Aristóteles adjetivava o sujeito que não fala, que não reage a estímulos e vive inerte ao mundo que o cerca, como "homem-planta". Essa pessoa incomunicável transcende a condição da ética, pois se espera que o indivíduo comunicável não rejeite a capacidade que tem de desenvolver a linguagem. Conforme Aristóteles: "Se ele não disser nada, seria absurdo procurar alguma resposta para quem não proferisse algum discurso; tal homem é muito semelhante a uma planta" (ARISTÓTELES, 2005). O muçulmano é um ser desnutrido, sem forças e que se arrasta indefeso no *Lager*. Até mesmo diante dos outros prisioneiros, o impacto da presença do muçulmano é forte e fascinante. A sua imagem extremamente deteriorada o impede de não ser observado. Apesar disso, ele não passa de um objeto descartável. Porém, o muçulmano suscita uma memória que traz em si uma carga energética e um potencial que provoca a necessidade testemunhal.

O muçulmano determina uma imagem indecifrável e que o estabelece como o resto do campo de extermínio. A sua imagem produz uma inquietação, algo grosseiro e difícil de administrar. A figura do muçulmano é disseminada na mente do sobrevivente e se estabelece como o marco da maldade do *Lager*. A força da representação do muçulmano funda uma situação-limite e valida o seu estado de exceção. Mesmo com a perturbação inconsciente de suas faculdades mentais, ausente de tudo e de todos ao seu redor, o muçulmano manifesta uma presença autêntica. Ele se estabelece como uma memória involuntária, como uma novidade absoluta, que também é fruto do pensamento e da memória do sobrevivente que testemunha por ele. Talvez, por ter sido transformado em um objeto estético, o muçulmano se consolida no silêncio. Ele é da ordem do indizível, do inenarrável e do inquietante. Nesse sentido, a respeito do muçulmano, não existe nada que seja verdadeiramente morto. A sua imagem, por ser chocante, suscita no sobrevivente a inquietude. Uma imagem que parece persistir em sobreviver e transmitir, como se ela o olhasse e o confrontasse para remetê-lo à perturbação da experiência traumática.

O pintor italiano e sobrevivente do campo de concentração em Gusen, Aldo Carpi, registrou, no seu diário, vários desenhos retratando a vida no *Lager*. Ele sobreviveu porque serviu os nazistas com seus trabalhos artísticos. Porém, quando em alguma de suas pinturas ele retratava o ambiente hostil do campo de concentração, os nazistas refutavam-nas. Em seu diário, Carpi afirma que “ninguém quer cenas e figuras do Lager, ninguém quer ver o *Muselmann*” (CARPI, 1993, p.33).

O muçulmano é o resto da experiência. Ele traz o desorientamento e inquieta os sentidos do sujeito que carrega o seu testemunho. Ele vai além de uma figura inventada na memória porque a memória não é uma estância que retém. A representação do muçulmano afirma que, no *Lager*, viver e existir são características de quem está diante da perda. Existir é um dado precário que logo se esvai. Viver é estar em uma perda constante, nada se recupera no *Lager*. É nessa inquietante estranheza que Levi narra a respeito do muçulmano. Tudo o que deveria permanecer escondido reaparece para atormentar o sujeito que olha e admira com espanto o ser inadequado do *Lager*. Embora o sobrevivente conviva com a rotineira brutalidade do campo de extermínio, a imagem do muçulmano o perturba e o fascina, mas também o repulsa. A falta de compreensão causa o asco e a impertinência. Levi compartilha dessa afirmação ao dizer o seguinte:

> Eles povoam minha memória com sua presença sem rosto, e se eu pudesse concentrar numa imagem todo o mal do nosso tempo, escolheria essa imagem que me é familiar: um homem macilento, cabisbaixo, de ombros curvados, em cujo rosto, em cujo olhar, não se possa ler o menor pensamento. (LEVI, *É isto um homem?*, p. 91).

Levi aponta para a figura desconstruída do habitante do *Lager*. Adoecido e fadigado, o muçulmano carrega o testemunho do emudecido. Uma realidade que é um obstáculo, mas que também desafia o sobrevivente. Levi encarrega-se de enunciar o indizível e fazer vir à tona as memórias desse ser abandonado. O mulçumano padeceu junto aos corpos nus e adoecidos. Ele provavelmente caminhou inconsciente para as câmaras de gás ou foi incinerado nos fornos construídos especificamente para eliminar vestígios humano. Levi, ao narrar o seu testemunho, também trabalha para tentar fazer ressurgir a memória do muçulmano. A sua narrativa é uma forma de validar o testemunho do choque e do horror indescritível das vítimas da *Shoah.* Ele tenta buscar na figura do muçulmano o contato que foi suspenso e estruturado como um limiar. Apesar de o muçulmano ser a sobra da destruição, ele é também o que perdura. O seu testemunho sobrevive e permanece na narrativa do sobrevivente do *Lager*, para mostrar que nem tudo o que poderia ter sido pensado como desaparecido desapareceu por completo. Benjamin afirma que “o verdadeiro método de tornar as coisas presentes é representá-las em nosso espaço” (BENJAMIN, 2009, p. 240). Talvez, seja justamente no espaço que lhe cabe que Levi tenta abordar, em narrativas, os vestígios traumáticos que adentram e insistem em permanecer em sua vida.

A partir da semântica da enunciação elaborada pelo linguista francês Émile Benveniste e dialogando com a obra de Michel Foucault, *A arqueologia do saber* (1969), Agamben trabalha na compreensão de alguns aspectos relacionados à questão da enunciação. As características dessa enunciação estão diretamente associadas ao fato do que se está dizendo, ao acontecimento da linguagem e ao discurso em ato. Parte-se do ponto de que a linguagem acha lugar na função de existência em que o enunciado está inserido. Segundo Agamben, “o sujeito é um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por diferentes indivíduos” (AGAMBEN, 2008, p.142). Sendo assim, pode-se afirmar que o enunciado acontece no lugar. O sujeito, então, assume o *status* de ser ocupado por quem o deseje representar. Para Agamben, “o sujeito é, sobre tudo, o campo de

forças sempre já atravessado pelas correntes incandescentes e historicamente determinadas da potência e da impotência, do poder não ser e do não poder não ser" (AGAMBEN, 2008, p.148-149). Esse ciclo que envolve potência e impotência no ato da fala, dizer e não dizer, ou dizível e indizível, gera a possibilidade do testemunho, ainda que ele não garanta a "verdade fatual do enunciado conservado no arquivo", mas garante sim, a sua "não-arquivabilidade" (AGAMBEN, 2008, p.157). Por isso, o muçulmano é a testemunha integral, pois "o testemunho vale essencialmente por aquilo que nele falta" (AGAMBEN, 2008, p. 43). O que restou do muçulmano permanece para assumir uma possibilidade nas palavras dos sujeitos que produzem testemunhos por ele. De acordo com Agamben, "dar testemunho significa pôr-se na própria língua na posição dos que a perderam, situar-se em uma língua viva como se fosse morta, ou em uma língua morta como se fosse viva" (AGAMBEN, 2008, p.160). A testemunha se faz no que restou da possibilidade e da impossibilidade de dizer, ou seja, "o testemunho do sobrevivente é verdadeiro e tem razão de ser unicamente se vier a integrar o de quem não pode dar testemunho" (AGAMBEN, 2008, p. 151).

O pensamento de Agamben, de certo modo, parece dialogar com a proposta abordada pelo filósofo francês Jacques Rancière. Em parte da obra intitulada *O inconsciente estético*, Rancière trabalha com a potência de significação inscrita nos corpos. Ele explica a existência de uma manifestação intrínseca nos corpos que transmite um efeito e um significado. Essa potência específica é capaz de produzir uma identidade que ajuda a pensar, por exemplo, na potência intrínseca da palavra *muselmann.* Talvez, a tentativa de Levi seja produzir e afirmar, em meio a sua persuasão e perturbação, o significado e o peso que essa palavra carrega. Por ser a testemunha integral, Levi parece atribuir toda a verdade das vítimas do *Lager* ao muçulmano. O testemunho do muçulmano, portanto, precisa ser arrebatado para que ele encontre uma possibilidade. Rancière afirma que "tudo é rastro, vestígio ou fóssil" (RANCIÈRE, 2009, p. 35). Mesmo na falta da palavra e na impossibilidade de enunciar uma linguagem que seja realmente coerente e represente de fato a experiência traumática do muçulmano, o testemunho do muçulmano é garantido por aquilo que resta. Embora não exista a vontade, a espontaneidade e até mesmo a consciência, o testemunho do muçulmano se faz no excesso de trauma que o caracteriza. Rancière afirma que "cada um traz consigo, inscritas em estrias e volutas, as marcas de sua história e os signos de sua destinação" (RANCIÈRE,

2009, p. 35). Em sua narrativa, Levi decifra a imagem do muçulmano como um choque persistente. Ele transcreve os vestígios obscuros e triviais que acompanham a história do muçulmano. Levi aciona a potência anônima e insensata desse espectro inumano para encarnar a palavra dos sem nome e tentar decifrá-la.

Muitos dos que narraram ou tem suas memórias traumáticas relatadas por uma testemunha, expõem suas feridas não apenas para documentar ou preservar a verdade factual do período histórico vivido, mas também para evocar suas subjetividades. A lembrança de cada sobrevivente da *Shoah* pertence unicamente a eles. Benjamin enfatiza que "tudo que é lembrado, pensado, conscientizado, torna-se alicerce, moldura, pedestal, fecho de seus pertences" (BENJAMIN, 1987, p. 228). Apesar da tentativa dos nazistas de destruir a identidade do povo judeu através da força do anonimato que lhes foram impostos, a narrativa testemunhal dos sobreviventes da *Shoah* mostra a força da memória em resgatar a identidade de toda uma nação.

A maneira como os sobreviventes da *Shoah* expõem suas lembranças é carregada de propriedades únicas e intransferíveis. Para o escritor e sobrevivente do campo de concentração em Auschwitz, Elie Wiesel, "somente aqueles que experimentaram Auschwitz sabem o que é isso. Os outros nunca irão saber" (WIESEL, 2006, p. ix) [30]. Em seu testemunho, Wiesel também compartilha a dor de suas limitações, a desesperança, a insuficiência e o obstáculo que a linguagem se tornou para transmitir o testemunho. Por isso, cabe a esses sobreviventes recordar e expor suas lembranças como melhor lhes convier. Para os que observam a história e as histórias de longe, ficam os diferentes rastros, os vestígios da possibilidade de uma certeza objetiva deixada pelos fatos de uma memória subjetiva. Podemos dizer, então, que cada ser humano sobrevivente da *Shoah* viveu seu próprio "Auschwitz". Sendo assim, os traumas herdados nos campos de morte produzem lembranças difíceis de serem atestadas, mas, nem por isso, podem ser tratadas como inverdades.

Aferir verdades ou confiar nas memórias de uma mente traumatizada pode gerar desconfiança e uma apreensão desfavorável a respeito daqueles que narram seus testemunhos. Uma vez que não podemos ter acesso ao passado, a possibilidade de se contestar a veracidade dos relatos memorialísticos é real. A

[30] No original, temos: "only those who experienced Auschwitz know what it was. Others will never know".

memória e a imagem trazem o cunho da suspeita. A memória é responsável pela impossibilidade de esquecer, porém, ela está permeada de obstáculos, sendo a "crescente instabilidade do tempo" e o "fraturamento do espaço vivido" (HUYSSEN, 2000, p. 20) os protagonistas responsáveis por causar a falta de exatidão das lembranças do passado. Essa falha da memória passa a exercer papel fundamental no processo de criação da narrativa. Aqueles que testemunharam o horror trazem em suas narrativas a mistura das imprecisões de suas experiências, fazendo com que as lembranças dos fatos vividos transitem entre o real e o imaginário. Eventos realmente vividos são muitas vezes agrupados com histórias alheias e a origem testemunhal das memórias traumáticas dos sobreviventes da *Shoah,* consequentemente, resulta na verdade factual e subjetiva do texto narrado.

Por outro lado, existe o risco da contradição testemunhal que é fruto do apagamento dos rastros, onde o depoimento de um mesmo fato pode ser ouvido e conhecido diferentemente por quem o observou. É importante salientar que as testemunhas não têm a intenção de fraudar ou corromper os fatos, mas o desejo de reconstruí-los. Segundo Seligmann-Silva, "o testemunho também é um momento de tentativa de reunir os fragmentos dando um nexo e um *contexto* aos mesmos" (SELIGMANN-SILVA, 2001, p. 124). É a restrição da mente humana em rememorar as experiências do passado, que traz, nas palavras de Ricoeur, "o cunho da suspeita" (RICOEUR, 2007, p. 27). E isso nos leva a admitir a probabilidade de existir novas formas de interpretação do fato que se imagina ser a verdade. Porém, os problemas que abrangem os aspectos que aferem a veracidade dos testemunhos escritos ou falados não estão limitados ou baseados a um único conceito. A abordagem da análise da narrativa testemunhal pode ser objetiva e baseada em fatos, como também subjetiva, baseada em meros valores pessoais, culturais e coletivos. Por isso, ao lidar com a questão da memória, se aceita o risco de contestar a consciência para mostrar que o consciente nem sempre condiz com o que aparenta ser. A constante escolha daquilo que se quer lembrar é de certa forma um ato de reinventar o passado. Lidamos, então, com verdades factuais e subjetivas. As narrativas memorialísticas nos movem a refletir sobre os problemas referentes ao processo de recordar e o dever de narrar histórias, os quais são parte integral do trabalho literário.

O ato de usar a linguagem para representar a memória, o trauma e as complicações que envolvem a reconstrução do passado, pode influenciar e restringir

a abordagem do discurso historiográfico do presente. Para Benjamin, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1994, p. 224). O passado é articulado e não descrito. Ao procurar estabelecer a história verdadeira através do uso da linguagem, essa pode ser imprecisa ou insuficiente para construir o passado. Os rastros se perdem ou são apagados ao longo do tempo. Mas o que de fato importa é como abordamos os acontecimentos passados para se fazer o presente através da tentativa de decifrar o enigma no qual o estudo da memória se permeia. Talvez seja preciso olhar para o passado com o intuito de buscar nele os sentidos e afetos necessários que tornam os desafios e a sobrevivência no presente possível. Afinal, acrescenta Benjamim, a “história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas aquele preenchido pelo tempo-agora” (GAGNEBIN, 2006, p. 41). Lidar com o inarticulável e com a catástrofe do saber insuportável é uma tarefa difícil. Porém, o sobrevivente carrega afetos que o perturbam constantemete. São justamente esses afetos que lhe permitem ser estimulado a trabalhar com a tensão dos contrários. Apenas perceber o muçulmano não lhe é suficiente, o sobrevivente tem a necessidade de se colocar em seu lugar e produzir um testemunho que o represente.

Embora Levi afirme que suas palavras não carregam a potência integral da experiência, os vestígios dos fatos vividos por ele no *Lager* são recolhidos e seus elementos reconhecidos. Por não desprezar os detalhes, os episódios vividos por Levi durante o encarceramento se consolidam para dar suporte e potencializar o testemunho. Ao recolher os detritos, o sobrevivente dá vida para o muçulmano. Mesmo morto, a memória do muçulmano ressurge em sua narrativa para mostrar a força do testemunho. O muçulmano, considerado como um resto de coisa que parecia ser insignificante, tem sua memória escavada através do testemunho de Levi. Ao reportar o muçulmano, Levi possibilita que a memória do inaudito encontre uma possibilidade de ser carregada. A partir da narrativa do sobrevivente, o muçulmano torna-se um detentor de memória. Ele é conhecido pelo que sobra, pelos resíduos que se apresentam como inarticuláveis, mas que encontram articulação através do sujeito que decide articular pelo sujeito que não fala. Por isso, mesmo que Levi não considere a integralidade de seu testemunho, o muçulmano tem o seu depoimento confirmado na narrativa do sobrevivente. O rastro permite que o

testemunho encontre um reconhecimento. Talvez, o âmago da questão, que faz com que o testemunho do muçulmano seja possível, esteja no detalhe. Provavelmente, o detalhe seja o ponto inicial para ir de encontro àquilo que falta, ou seja, a carência que compromete a impossibilidade do registro testemunhal do sujeito mudo pela força da ferida que o consome. A sobrevivência permanece na expectativa de algo que ainda não foi jogado fora. A sobrevivência se constrói em partes. Afinal, a história do muçulmano não passa de uma acumulação de catástrofes. Porém, a construção da sobrevivência exige uma tomada de posição. O sobrevivente precisa olhar para o passado, para os medos latentes e inconscientes e afrontá-los. Desse modo, talvez ele consiga construir no presente a possibilidade de um lugar de enunciação. Esse lugar de fala permite quebrar as barreiras da opinião, repensar e resistir, trazer à tona o que está submerso e escondido. Trata-se de situar-se no tempo, em uma temporalidade onde ele é percebido e englobado. Assim, os fragmentos de sua narrativa manifestam-se para elaborar conexões capazes de enunciar-se e ir além da mudez característica do muçulmano.

O gesto de narrar o testemunho é um gesto de potência, pois ele permite escavar o passado de vidas que poderiam estar anônimas, com suas “lembranças suaves, cruelmente longínquas” (GAGNEBIN, 2006, p. 166). Portanto, a linguagem funciona como um dispositivo de luta e resistência. Ela trabalha para tentar inventar ou redescobrir o presente que combate a ferida do passado, ou seja, a história ameaçada por sua própria impossibilidade. O trauma fere e corta o sujeito, colocando-o à parte e imergindo-o em uma vergonha que o oprime. O sobrevivente, portanto, luta contra a linguagem, para extrair dela o valor da representação da experiência. Ele luta para silenciar o discurso de quem tenta silenciá-lo e impossibilitá-lo de olhar para o muçulmano como fonte de enunciação da experiência vivida no *Lager*.

Agamben aponta para a novidade e o espanto causado pela existência do muçulmano. Para aqueles que cruzavam com a presença desse ser semivivo, era difícil fitar os olhos, contemplá-lo e não se assombrar. Candidato ideal para a câmera de gás, ou qualquer outra morte, a repulsa causada pelo muçulmano era certa e imediata. Quando os ingleses filmaram os prisioneiros, em 1945, no campo de Bergen-Belsen [31], por exemplo, depararam-se com o excesso de lotação do lugar,

[31] As filmagens, feitas pelas tropas britânicas, podem ser conferidas nos arquivos de noticiário da companhia de jornalismo cinematográfico, British Pathé, em especial, o documentário intitulado, *British Troops Enter Belsen*

com o desprezo e a incapacidade dos alemães de alimentar seus prisioneiros. Fortemente atingidos pela desnutrição e doenças como o tifo, desinteira e hipotermia, o muçulmano registrado pelos ingleses parecia perambular como verdadeiros zumbis. No comentário de Agamben a respeito dessa filmagem, fica claro o repúdio e a perplexidade do operador da câmera ao se deparar com o muçulmano.

> São apenas poucos segundos; no entanto, suficientes para nos darmos conta de que se trata de muçulmanos milagrosamente sobreviventes – ou, em todo o caso, de prisioneiros muito próximos do estágio dos muçulmanos. [...]. No entanto, o próprio operador que até então havia pacientemente enfocado os desnudos estendidos ao chão, as terríveis "figuras" desarticuladas e empilhadas umas sobre as outras, não consegue suportar a visão destes seres semivivos e volta imediatamente a enquadrar os cadáveres. Como observou Canetti, o montão dos mortos é um espetáculo antigo, com os quais os poderosos muitas vezes se deleitaram; mas a visão dos muçulmanos é um cenário novíssimo, não suportável aos olhos humanos. (AGAMBEN, 2088, p. 58).

Ao observar o operador de câmera, que registra as imagens do *Lager* conhecido como Bergen-Belsen, percebe-se que ele é confrontado pela ética do olhar. O operador precisa decidir o que vale a pena observar, para que, assim, ele possa capturar o pedaço de realidade que o interessa. Porém, ele parece ser surpreendido pela possibilidade de registrar um mundo que move de forma caótica e surreal. Ao capturar a imagem do muçulmano, ele é dominado pela incerteza e pela insegurança. O operador se defronta com o que nunca deveria ter existido. Talvez, o operador não foi cuidadoso o suficiente, ou foi incapaz de calcular o objeto alvo do seu olhar de forma consciente e responsável. Ao se deparar com uma imagem agressiva e difícil de explicar, o operador se vê afetado por ela. Ele demonstra estar amuado, consequentemente, ele desvia o olhar da imagem que o aflige. O operador não consegue se apropriar do valor que a imagem de fato repercute. Ele parece não saber o que a imagem do muçulmano realmente significa. Freud compreende esse tipo de manifestação como a apropriação de "uma experiência que, em curto período de tempo, aporta à mente um acréscimo de estímulo excessivamente poderoso para ser manejado ou elaborado de maneira normal" (FREUD, 1976, p. 325). O confronto com o muçulmano é um excesso de cognição. Os sentidos do sujeito que se depara

---

1945. Disponível em: <https://www.britishpathe.com/video/british-troops-enter-belsen/query/bergen+belsen>. Acesso em 28 abril. 2018.

com o muçulmano são afetados. A percepção, a linguagem e a memória, por exemplo, sofrem algum tipo de alteração. Os limites da compreensão são ultrapassados e impossibilita a objetividade descritiva da imagem. O que resta para o operador é desviar o olhar, pois ele não dá conta da reserva que a imagem capitada suscita.

Benjamin aponta para o fato de que os sobreviventes da Primeira Guerra mundial voltaram calados quando foram confrontados pela barbárie imposta pelos campos de batalha: “mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos”. Extremamente traumatizados, eles se viam psicologicamente bloqueados para narrar suas experiências, “os livros de guerra que inundaram o mercado literário nos dez anos seguintes não continham experiências transmissíveis de boca em boca” (BENJAMIN, 1987, p. 115). Independente da época em que as guerras acontecem, a transformação advinda desse tipo de evento é perturbadora. Por isso, o desafio de narrar, ou seja, de dar uma forma estética para as experiências vividas no *Lager* é persistente. Porém, ao se tratar do muçulmano, percebe-se que ele é diferente. A diferença está no fato de que ele é o sujeito selecionado para um estágio desmoralizante, atroz e fatal. O muçulmano é um sujeito singular, pois ele é o paradigma do extermínio. Agamben afirma que “não compreenderemos o que é Auschwitz se antes não tivermos compreendido quem ou o que é o muçulmano, se não tivermos aprendido a olhar com ele para a Górgona” (AGAMBEN, p. 60, 2008). Como se sabe, a Górgona é um ser da mitologia grega, assustador e perigoso. Esse ser suscita vergonha, desespero e apresenta-se como uma genuína personificação do horror. Todos que comtemplavam essa personagem feminina, cuja cabeça era cheia de serpentes, eram indubitavelmente transformados pela sua impetuosa opressão. Essa opressão persistia mesmo depois que a Górgona estava morta, pois a sua cabeça, cheia de serpentes, permanecia viva. Assim, aqueles que ousavam olhar diretamente para os seus olhos eram petrificados. É interessante notar o paralelo que se pode fazer entre o muçulmano e essa figura mitológica. Mesmo após a sua morte, o muçulmano continua a causar espanto em todos que são capturados pela sua imagem horrenda. O infortúnio e o afrontamento são características marcantes nessas figuras que representam a impossibilidade de ver e continuar com a vida. Ao afirmar que o muçulmano fitou a Górgona, pode-se aferir que ele foi privado de ver, ouvir ou conhecer a vida. “O muçulmano não viu nem conheceu nada”, afirma Agamben, “senão a impossibilidade de conhecer e ver” (AGAMBEN,

2008, p.61). Por essa razão, Levi certifica-se que aqueles que viram a Górgona são incapazes de testemunhar a respeito de suas experiências no *Lager*. As palavras do muçulmano estão petrificadas juntamente com eles, pois foi o muçulmano que "chegou ao fundo". Ele deixou de ser homem para tornar-se inumano. Conforme Levi:

> Repito, não somos nós, os sobreviventes, as verdadeiras testemunhas [...]. Nós, sobreviventes, somos uma minoria anômala, além de exígua: somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, não tocamos o fundo. Quem o fez, quem fitou a Górgona, não voltou para contar, ou voltou mudo; mas são eles, os "muçulmanos", os que submergiram – são eles as testemunhas integrais, cujo depoimento teria significado geral. Eles são a regra, nós, a exceção. [...] Nós, tocados pela sorte, tentamos narrar com maior ou menor sabedoria não só nosso destino, mas também aquele dos outros, dos que submergiram: mas tem sido um discurso "em nome de terceiros", a narração de coisas vistas de perto, não experimentadas pessoalmente. A demolição levada a cabo, a obra consumada, ninguém a narrou, assim como ninguém jamais voltou para contar sua morte. (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p.72-73).

Levi assume não ter a capacidade de narrar de forma integral o que é digno de ser dito a respeito do testemunho do muçulmano. Essa completude pertence ao mundo dos mortos ou a condição inumana dos muçulmanos. Porém, Levi trabalha com a possibilidade de fazer com que o indizível ache lugar no testemunho, assim como, no relato, na narração e na lembrança. Segundo Agamben, o testemunho está, justamente, na "impossibilidade não-humana de ver o que invoca e interpela o humano" (AGAMBEN, 2008, p.61). Nesse sentido, o testemunho pode funcionar como um exercício ético-político que é estabelecido para rever a vida e confrontar o esquecimento. Ao ter que lidar com o não-dito, através de seu testemunho, Levi confronta as formas tradicionais e coerente de transmissão da palavra. Conforme uma entrevista dada ao escritor americano, Philip Roth, Levi afirma:

> No campo de concentração, vivi do modo mais racional que me era possível, e escrevi *É isto um homem?* me esforçando para explicar aos outros, e a mim mesmo, os eventos em que eu estivera envolvido, mas sem nenhuma intenção literária clara. Meu modelo (ou, se você preferir, meu estilo) era o do "relatório semanal" que se faz nas fábricas: ele deve ser preciso, conciso e utilizar uma linguagem compreensível para todos da hierarquia industrial. Certamente não pode ser escrito em jargão científico. Aliás, não sou cientista, nem nunca fui. Até quis me tornar cientista, mas a guerra e o campo de concentração me impediram. Tive de me limitar a ser um

> técnico no decorrer de toda a minha vida profissional. (ROTH, 2008, p.9).

O testemunho de Levi, registrado na obra *É isto um homem?*, acontece em ordem não cronológica. Essa atemporalidade, característica em sua narrativa, permite que Levi narre aquilo que lhe é urgente. Essa urgência, que é evocada e transmitida por sua memória traumática, resulta em uma narrativa composta por uma velocidade vivida e por fragmentos violentos. No poema que abre a sua obra testemunhal, é possível observar o questionamento que sua narrativa demanda; em especial, no trecho a seguir:

> [...] pensem bem se isto é um homem
> que trabalha no meio do barro,
> que luta por um pedaço de pão,
> que morre por um sim ou por um não.
> Pensem bem se isto é uma mulher,
> sem cabelos e sem nome,
> sem mais força para lembrar,
> vazios os olhos, frio o ventre,
> como um sapo no inverno. (LEVI, *É isto um homem?*, p. 9)

Levi parece tentar impor ao seu leitor um momento de reflexão. Após a consolidação da desumanização estabelecida no *Lager*, ele procura exigir que se pare, para prestar a atenção, no significado da palavra “homem”. Talvez, mesmo entendendo a ineficácia da palavra dignidade e da palavra decência, ele queira reivindicar um sentimento de pertencimento da espécie humana. Afinal, ser quase um humano, é não ser um humano. Os SS afirmavam essa não humanidade dos prisioneiros através da imposição da lei obscura dos *Lager*: “porcos, não homens” (AGAMBEM, 2008, p.65). Consciente da necessidade de emprestar a sua voz e testemunhar em favor dos muçulmanos, Levi reconhece o seu lugar enquanto portador do testemunho. Mesmo assim, ele sabe que o fato de ter sobrevivido não o faz um sujeito eleito para falar em nome dos que sucumbiram, ou seja, das autênticas testemunhas. Levi afirma que os sobreviventes “não eram os melhores, os predestinados ao bem, os portadores de uma mensagem”, muito pelo contrário, os que se adaptaram a vida, eram os “piores” (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p.71). Ao abandonar a decência, uma diferença é estabelecida entre o muçulmano e o sobrevivente: a vergonha absoluta. Essa vergonha, remoía Levi

diariamente, pelo fato de ele ter tido a sorte de sobreviver à gigantesca experiência biológica e social imposta pelos alemães. Levi explica o seguinte:

> O amigo religioso me havia dito que eu sobrevivera a fim de dar testemunho. Eu o dei da melhor forma que pude, e não teria podido deixar de dá-lo; e ainda o faço, sempre que se me apresenta a ocasião; mas a ideia de que o privilégio de sobreviver aos outros e de viver por muitos anos sem maiores problemas tenha propiciado este meu testemunho, esta ideia me inquieta, porque não vejo proporção entre o privilégio e o resultado. (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p.72).

É possível perceber essa desproporção apresentada por Levi, ao pensar, por exemplo, sobre a questão da dignidade. Se tratarmos o sujeito digno como aquele que foi apto de alcançar o lugar ou a classe almejada, através de um reconhecimento público, seja pelas autoridades, familiares ou amigos, por ele ter sido capaz de executar, com êxito e moral aprovada, os afazeres que lhe foram propostos; indigno, portanto, é aquele que foi impedido ou não conseguiu desenvolver a sua potência. O sujeito indigno é inadequado pela impossibilidade de reconstituir o vínculo social que foi perdido. Ele perde o seu status, a sua postura, e, sendo assim, a sua credibilidade. Ele não consegue compensar aquilo que não se realiza. O esforço de alcançar a dignidade reproduz conflitos intermináveis. Talvez, a inquietude de Levi se dá pelo fato de que ele não foi capaz de deslocar-se para um ponto que o redimisse da sua existência pós Auschwitz. Levi foi ferido por um excessivo alongamento da sobrevida. Ele teve que arrastar um corpo que não conseguia viver plenamente. O não digno é sempre excluído. Ele habita um lugar de desigualdade. Os seus conceitos morais foram desconstruídos pela privação do direito da liberdade. No regime nazista os judeus foram privados de qualquer dignidade. Agamben explica que “a dignidade é, a rigor, algo autônomo em relação à existência do seu portador, um modelo interior ou uma imagem externa a que ele se deve adequar e que deve ser conservada a qualquer preço” (AGAMBEN, 2008, p.75). Por essa razão, Levi aponta para a desvantagem de ter que carregar o fardo pesado da sobrevivência. Ele não conseguiu adequar-se a uma autonomia que o dignificasse, ou talvez ele foi inábil para adaptar-se a uma imagem que o promovesse ao rigor que demanda a dignidade. Conforme aponta Agamben:

> Auschwitz marca o fim e a ruína de qualquer ética da dignidade e da adequação a uma norma. A vida nua, a que o homem foi reduzido,

> não exige nem se adapta a nada: ela própria é a única norma, é absolutamente imanente. E “o sentimento último de pertencimento à espécie” não pode ser, em nenhum caso, uma dignidade. (AGAMBEN, 2008, p. 76).

O muçulmano é justamente a representação de uma forma de degradação que se inicia a partir da exaustão da dignidade. Ele se faz baseado na situação limite e ultrajante que afirma que até mesmo a sua morte não pode ser digna de ser chamada morte. Ele é o último estágio do umbral que separa o homem do inumano. Por isso, é pertinente as palavras de Levi ao afirmar: “hesita-se em chamar ‘morte’ à sua morte” (LEVI, *É isto um homem?*, p. 132). Talvez, exista uma necessidade em adereçar o término da vida do inumano. Porém, o conceito de morte parece não ser suficiente para enquadrar-se no espetáculo horroroso inaugurado pelo muçulmano no *Lager*. O muçulmano mostra ao mundo o seu horror, mas a sua configuração parece ser impossível de ser digerida por quem o percebe. Para Agamben, a frase de Levi é assustadora. Ele explica que os “SS tinham razão em chamar de *Figuren* [figuras] os cadáveres. Onde a morte não pode ser chamada morte, nem mesmo os cadáveres podem ser chamados cadáveres”. (AGAMBEN, 2008, p. 77). Uma figura pode ser facilmente descartada, sem gerar remorso ou qualquer outro tipo de manifestação pungente. O muçulmano era apenas um manequim, um molde sem vontade própria e imbecilizado para servir como objeto de estudo nos *Lager*. Tudo o que o muçulmano era resumia-se apenas a uma simples silhueta. O muçulmano reencarna uma figura penosa e ressentida, cuja possibilidade de reconciliação não existe. Ele transita pelo viés do inaceitável para ir além da difamação concedida por sua experiência e, consequentemente, o seu desaparecimento no *Lager*. Conforme explica Agamben:

> Em Auschwitz não se morria: produziam-se cadáveres. Cadáveres sem morte, não-homens cujo falecimento foi rebaixado a produção em série. É precisamente a degradação da morte que constituiria, segundo uma possível e difundida interpretação, a ofensa específica de Auschwitz, o nome próprio do seu horror. (AGAMBEN, 2008, p. 78).

Auschwitz, *grosso modo*, funcionava como uma fábrica de mortos onde a produção arquitetada de cadáveres em cadeia assemelhava-se com qualquer outra fábrica de produção de peças. A produção de cadáveres era organizada, catalogada e encomendada. Por estar convertido em um objeto a ser eliminado, a condição de

morte escapa ao muçulmano. O muçulmano é um produto gerado como uma peça de fabricação própria dos *Lager*. Sendo assim, não lhe é possível morrer propriamente. Para que a experiência da morte aconteça apropriadamente, é preciso uma dignidade, ser um sujeito próprio de um corpo que não seja pervertido, meramente abortado ou que viva cotidianamente para a morte. Como afirma Levi, a questão é que, em Auschwitz, a morte "era trivial, burocrática e cotidiana. Não se comentava, não tinha o "conforto do pranto". Diante da morte, do hábito da morte, o limite entre cultura e incultura desaparecia" (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p. 126). O aniquilamento em massa no *Lager* faz com que a morte pareça um assunto supérfluo. A dificuldade de discernir o que de fato a morte representa no campo de extermínio, parece cooperar, ainda mais, para consolidar a experiência do inimaginável.

O regime nazista mostra ao mundo o resultado de um projeto de desumanização, que até então era impensável fora do âmbito dos *Lager*. A crueldade extrema produziu o não-homem, assim como a angústia latente e o mal-estar daqueles que não submergiram. A narrativa do sobrevivente mostra que ele compreende em seu âmago a capacidade e o poder do homem em fazer sofrer e deixar sofrer o seu próximo. Por isso, Levi testemunha pelos que sucumbiram. Ele reporta em favor do muçulmano e aponta para a fragilidade, a incomunicabilidade e o desprezo tão característicos da figura horrenda e hostil que impossibilitou o muçulmano de ter uma morte digna. A morte no campo de extermínio foi degradada e depreciada. O homem teve a sua humanidade censurada, fragmentada e defasada, para, então, ser aniquilado de forma integral. O muçulmano foi biologicamente dominado, inferiorizado e incumbido em um poder que o dominou por completo. O homem transmutado epifenômicamente é o muçulmano do *Lager*.

TEXTOS E IMAGENS

3.1 Imagens que narram: contrabandeando para além dos muros

> “A vida não são detalhes significativos, instantes reveladores, fixos para sempre. As fotos sim” (SONTAG, 2004, p. 96).

No mês de agosto, final do verão de 1944, um grupo de prisioneiros de uma unidade de trabalho conhecida como *Sonderkommando* (Comando Especial), com uma máquina fotográfica, registrou clandestinamente parte do ambiente hostil, do crematório V, no complexo de Auschwitz II-Birkenau. O objetivo era tentar mostrar ao mundo o que estava acontecendo nesse campo de concentração e extermínio usado para confinar e eliminar os prisioneiros da força alemã nazista, durante a Segunda Guerra Mundial. Após terem acesso à câmara fotográfica e conseguido registrar rapidamente poucas fotos, o rolo de filme foi escondido dentro de um tubo de creme dental pelos prisioneiros. Logo depois, o filme foi contrabandeado para fora do *Lager* e entregue nas mãos da resistência polonesa para que pudesse ser revelado e usado como fator de testemunho.

Nesse capítulo, avalia-se a imagem que testifica a experiência do sofrimento humano no *Lager*. Estabelece-se uma relação crítica entre a fotografia e a fuga do lugar-comum dos olhares estereotipados. Procura-se entender a dimensão política em que as chapas registradas em Auschwitz estão inseridas. Embora exista uma documentação exaustiva de registros imagéticos da Segunda Guerra Mundial, a análise dessas fotografias tem o intuito de questionar o vigor da imagem e arrancar a possibilidade de realidade que elas carregam. A investigação dessas chapas também trabalha para resguardar a memória e a história dos internos do *Lager*.

A respeito das fotos que foram contrabandeadas no campo de extermínio, Levi explica que a prática do contrabando, em suas variadas formas e multiplicidades de objetivos, além de perigosa, era uma atividade comum e necessária entre os internos. Afinal, os contrabandos objetivavam suprir, não só os mínimos utensílios necessários para sobreviver no *Lager*, mas, também, complementar as miseráveis cotas de ração que os internos recebiam:

> O tráfico com os trabalhadores externos é um aspecto característico do Campo de Trabalho e determina a sua vida econômica. Constitui, por outro lado, um crime expressamente previsto pelo Regulamento do Campo, assimilado aos crimes "políticos" e, portanto, severamente punido. (LEVI, *É isto um homem?*, p.83).

Os contrabandos aconteciam com frequência em Auschwitz, uma atividade ilegal e imprescindível para a sobrevivência dos internos no *lager*. Contrabandeava-se tudo o que era possível: colheres, gamelas, sapatos, vassouras, roupas, tabaco e até mesmo o ouro dos dentes. A moeda de troca era, normalmente, uma parte da ração de pão ou sopa. Sendo assim, apesar do perigo, a atitude dos prisioneiros do *Sonderkommando*, ao contrabandear o rolo de câmera para fora do *Lager*, é compreensível.

Em relação às fotos tiradas pelo *Sonderkommando*, quatro foram as imagens registradas nas proximidades da câmara de gás e que temos acesso nos dias de hoje. Apesar da incerteza a respeito de quem seria o fotógrafo, acredita-se que houve um esforço conjunto por parte do *Sonderkommando* para que as fotos pudessem ser realizadas. Possivelmente, as chapas foram feitas pelo judeu grego Alberto Hererra, conhecido como Alex pelos prisioneiros do *Lager*. As informações a respeito dessas fotografias podem ser confirmadas pelo "depoimento crucial dado em 1987 por David Szmulewski, único sobrevivente desse episódio, respondendo as perguntas meticulosas de Jean-Claude Pressac [32]" (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.124).

As quatro fotografias analisadas nesse trabalho foram organizadas pelo Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau [33]. Localizado na Polônia, esse espaço, fundado em 1947, inclui os campos de concentração e extermínio, chamados pelos nazistas de Auschwitz I e Auschwitz II-Birkenau. O lugar é dedicado à memoria dos perseguidos, mais de 1,1 milhão de vítimas foram executadas em Auschwitz, entre 1940 e 1945, durante a Segunda Guerra Mundial. As quatro fotografias receberam do museu a seguinte numeração: 280, 281, 282 e 283.

---

[32] Jean-Claude Pressac (1944-2003) foi um químico e farmacêutico francês de profissão. Após a publicação de sua obra, **Os Crematórios de Auschwitz**: *a maquinaria do assassínio em massa*, em 1989, ele se tornou uma autoridade no assunto a respeito das câmaras de gás homicidas dos campos de concentração e extermínio de Auschwitz, implantadas durante a *Shoah* na Segunda Guerra Mundial.

[33] As fotos podem ser encontradas no site oficial do Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau: www.auschwitz.org.

Figuras 1 e 2.

FIGURA 1 - Numeração 280.
FONTE - Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau.

FIGURA 2 - Numeração 281.
FONTE - Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau.

A respeito das fotografias, podemos afirmar o seguinte: as duas primeiras fotos, figura 1, numeração 280, e figura 2, numeração 281, mostram cadáveres das vítimas, que provavelmente foram asfixiadas na câmara de gás. Os cadáveres estão sendo manipulados por outros prisioneiros em meio a uma fumaça densa. Os mortos estão empilhados, todos nus, jogados ao chão, prontos para serem lançados e incinerados nas grandes fornalhas a céu aberto. As fotografias foram feitas ilegalmente por um membro do *Sonderkomando*. O fotógrafo literalmente registrou o seu trabalho infernal. As fotos mostram os corpos das vítimas, da exterminação em massa, em um processo de eliminação em Auschwitz II-Birkenau.

Didi-Hubermman explica que a princípio, "até o outono de 1942, os corpos das vítimas judias dos *bunkers* I e II eram enterrados" (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.125), mas a quantidade de prisioneiros, que os nazistas ainda precisavam eliminar, ultrapassava centenas de milhares. O enterro de milhões de vítimas demandaria uma logística que iria resultar em um tempo e um custo maior, além, é claro, dos riscos de infecção que a manipulação de uma grande quantidade de corpos mortos ou apodrecidos poderia gerar. Os SS, temendo a contaminação do solo, das águas superficiais e subterrâneas do lençol freático, pelos cadáveres em decomposição, precisavam adotar uma nova administração para o descarte dos mortos. Os riscos epidemiológicos que a contaminação poderia gerar no meio ambiente ao introduzir uma nova fauna de microrganismos presente nos corpos humanos apodrecidos, levou o comandante militar da SS, Heinrich Himmler, a ordenar "que os corpos fossem queimados, tomando como modelo – adotado pelo coronel SS Paul Blobel – as grandes fornalhas de Chelmno [34]" (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.125).

Muitos subcampos, como, por exemplo, os vários subcampos que havia dentro do próprio complexo de Auschwitz, ou os campos de concentração menores espalhados por toda a Europa, não dispunham de um crematório específico ou condições para eliminar a grande quantidade de mortos assassinados pelos nazistas. A maioria dos cadáveres era enviada para os *Lager* maiores para serem descartados, onde havia um *Arbeit Kommando* (Comando de Trabalho) e uma estrutura própria para esse tipo de atividade sanguinária, sendo Auschwitz o

[34] Chelmno foi um campo de concentração e extermínio construído pelos nazistas. Nesse *Lager*, além de incinerarem os prisioneiros em grandes valas ao ar livre, também eram utilizados, como estratégia de eliminação dos internos, veículos adaptados, que recebiam em seu interior o monóxido de carbono eliminado pelo escapamento do veículo.

principal campo para a realização do extermínio em massa dos internos. Levi explica que

> em todos os campos principais e na maioria dos *Arbeit Kommando* funcionava um crematório, para onde convergiam também os cadáveres vindos de campos que não dispunham dele. Apesar disso, a cremação dos corpos tinha um ritmo muito mais lento do que os óbitos, e assim um grande número de cadáveres se acumulava nos pátios de separação entre os vários setores, e depois também eram descartados em valas comuns. (LEVI, *Assim foi Auschwitz*, p.135).

Provavelmente, a razão pela qual os corpos foram dispostos para serem incinerados, em enormes valas a céu aberto, revela a insuficiência dos crematórios para destruir e eliminar rapidamente um número tão grande de mortos. Didi-Hubermman aponta para o fato de que as valas eram "terríveis dispositivos, que mediam entre 40 e 50 metros de comprimento por oito de largura e dois de profundidade, aos quais foram acopladas sarjetas destinadas a recolher a gordura humana" (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.126) [35]. Durante as seleções que promoviam o descarte dos prisioneiros, os fornos de gente funcionavam interruptamente. Levi relata como a experiência de seleção e extermínio afetava os internos:

> Em Birkenau, a chaminé do Crematório não parou de largar fumaça nos últimos dez dias. Precisa-se fazer lugar para um enorme comboio que vem chegando do gueto de Posen. Os jovens dizem aos jovens que todos os velhos serão escolhidos. Os sãos dizem aos são que serão escolhidos apenas os doentes. Serão excluídos os especialistas. Serão excluídos os judeus alemães. Serão excluídos os "números pequenos". Serás escolhido tu. Serei excluído eu. (LEVI, *É isto um homem?*, p.128).

Os assassinatos deliberados eram fatores determinantes e faziam parte da rotina dos internos. As incertezas angustiantes afetavam os prisioneiros severamente. Qualquer interno podia ser escolhido para a morte e por qualquer

---

[35] Apesar de vários pesquisadores afirmarem que nunca se utilizou a gordura humana das vítimas dos campos de extermínio na fabricação de sabão, alguns cientistas poloneses atestam o contrário. O Instituto de Memória Nacional (IPN), situado na Polônia, afirma que os nazistas usaram a gordura humana, como outras substâncias obtidas de corpos humanos, na produção de sabão. Segundo uma funcionária do IPN, Paulina Szumera, os "cientistas poloneses estudaram uma barra de sabão apresentada como evidência durante os julgamentos de Nuremberg contra criminosos nazistas depois da Segunda Guerra Mundial, que estava nos arquivos da Corte Internacional de Justiça de Haia". As teorias a respeito desse rumor e os exames de DNA feitos até então estão sob investigação das autoridades responsáveis. A promotoria que assumiu o caso ainda precisa atestar a documentação apresentada como prova. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u15318.shtml>. Acesso em: 14 jan. 2019.

razão, por motivos ínfimos ou até mesmo inexistentes. O objetivo era excluir, em um curto tempo, todos os prisioneiros do *Lager.* Nenhuma testemunha poderia sobreviver e nenhum resto mortal poderia servir para testemunhar a barbárie nazista. Milhares de vítimas que já estavam sepultadas foram desenterradas pelos prisioneiros, os cadáveres foram empilhados e logo em seguida jogados nas fossas comuns dos *Lager*. A seguir, o processo de incineração seria responsável para eliminar qualquer vestígio ou prova que pudesse trazer à tona lampejos do genocídio nazista.

Figura 3.

FIGURA 3 - Numeração 282.
FONTE - Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau.

A terceira fotografia, figura 3, numeração 282, mostra algumas mulheres se despindo e outras que já estão nuas. As vítimas mostram-se expostas ao tempo, sem nenhuma proteção, em meio às árvores de bétulas que caracterizam a região de Auschwitz. O entendimento que se tem a respeito dessa foto é que essas mulheres estavam se preparando para entrar na câmara de gás. Elas seriam, então,

guiadas pelos SS para serem asfixiadas em conjunto. Logo depois, o *Sonderkommando* iria se ocupar da limpeza dos dejetos dos mortos na câmara de gás, da eliminação dos corpos pelo fogo e dispersão das cinzas após a cremação. O ódio dos nazistas estava canalizado não apenas às mulheres judias, mas também às mulheres polonesas, soviéticas, russas e às portadoras de deficiência física e mental que habitavam os estabelecimentos de caridade. A respeito das câmaras de gás e dos crematórios, Levi afirma o seguinte:

> O funcionamento das câmaras de gás e do crematório anexo ficava a cargo de um Comando Especial, que trabalhava dia e noite em dois turnos. Os integrantes desse Comando viviam à parte, ciosamente isolados dos outros prisioneiros e do mundo exterior. Suas roupas exalavam um cheiro nauseabundo; estavam sempre sujos e tinham um aspecto absolutamente selvagem, de animais ferozes. Eram escolhidos entre os piores criminosos condenados por graves crimes de sangue.
> Temos conhecimento de que, em fevereiro de 1943, inauguraram em Birkenau novas instalações de um crematório e de uma câmara de gás, mais racionais do que os que estavam em operação até aquele mês. Eram compostas de três partes: a câmara de espera, a “sala das duchas” e os fornos. No centro dos fornos erguia-se uma chaminé alta, ao redor da qual havia nove fornos, com quatro aberturas cada um, cada uma delas permitia a passagem simultânea de três cadáveres. A capacidade de um forno era de 2 mil cadáveres por dia. (LEVI, *Assim foi Auschwitz*, 2015, p. 27).

As câmaras de asfixia e os crematórios formavam juntos os dispositivos mais importantes e eficientes do *Lager* para a eliminação em massa dos internos. Sem saber o que os esperava, os prisioneiros eram informados que, antes de entrarem propriamente no *Lager*, eles passariam por um processo de desinfecção e banho. Todos os selecionados, homens, mulheres e crianças, eram escoltados pelos oficiais da SS para o recinto onde seriam asfixiados pelo gás venenoso. Os impossibilitados de andar por algum motivo, velhice, doença ou deficiência física, eram transportados em caminhões, enquanto os demais caminhavam até as câmaras de gás. Uma vez despidos e já dentro das câmaras de gás, as vítimas eram trancadas, asfixiadas e mortas com o gás letal. O objetivo era sempre a eliminação de todos aqueles que eram considerados biologicamente “inaptos” pelos nazistas. Havia também as mulheres consideradas “incapacitadas para o trabalho”, que eram, geralmente, as grávidas e as mães com crianças de colo. Vale lembrar que, quando o estoque do

pesticida Zyklon B que era usado nas câmaras de gás acabava, os internos eram jogados vivos nas fornalhas de fogo ardente.

Despir-se ao ar livre antes da entrada nas câmaras de gás era uma prática comum nos campos de concentração. A nudez completa, exposta e forçada, parecia fazer parte do plano de extrema desumanização dos nazistas para humilhar e intensificar a depressão dos internos. As judias ortodoxas, facilmente identificadas pelos trajes característicos de sua religião, eram o alvo favorito do sadismo e da ideologia dos soldados nazistas.

> Todos se acostumaram com a visão dos internos nus. No entanto, quando os homens se deparavam com a nudez das mulheres, a visão era muito deprimente. Grajan Fijalkowski descreveu essa cena com as seguintes palavras: "algumas centenas de mulheres esperavam a sua vez para entrar no banho. Um amontoado de esqueletos pelados e sem cabelos nos olhava com olhos escuros e completamente inexpressivos, e apenas as abas secas de pele pendiam do peito e indicavam que essas mulheres haviam sido mulheres cheias de vida". [36] (LANGBEIN, 2004, p.403 – tradução nossa).

Na maioria das vezes, as mulheres eram obrigadas a se despirem na frente dos soldados e de outros prisioneiros. Sem entender o que estava acontecendo, algumas delas passavam horas ao relento esperando nuas na suposta fila de desinfecção. Outras mulheres, completamente nuas, eram chicoteadas ou obrigadas a dançar pavorosamente para a plateia de soldados alemães. Elas tinham os pelos e os cabelos arrancados, muitas vezes eram obrigadas a manter relações sexuais em troca de alimento ou qualquer outra coisa que suprisse a sua necessidade básica. Em algumas ocasiões, estupros aconteciam na frente de amigos e parentes. Há um relato de um sobrevivente, chamado Emil G., a respeito de um "show" que foi realizado em Auschwitz-Birkenau, onde soldados alemães estupraram 20 mulheres na frente de um grupo de trabalho. Os prisioneiros foram obrigados a ficar em pé e a aplaudir o ato cruel dos SS. De acordo com Emil G., que presenciou o episódio, uma das mulheres estupradas era de seu vilarejo; apesar dessa mulher ter resistido à

[36] No original, temos: Everyone had become accustomed to the sight of naked inmates. However, if men encountered naked women, the sight was very depressing. Grajan Fijalkowski has described it in these words: "A few hundred women were waiting their turn to take a bath. A compressed heap of naked hairless skeletons looked at us with dim, completely expressionless eyes, and only dry flaps of skin hanging from their chests indicated that these had once been women full of life".

guerra, pouco tempo depois, ela cometeu suicídio [37]. Didi-Huberman explica a relevância atormentadora das câmaras de gás:

> Para um metafísico do Holocausto, “câmara de gás” significa o cerne de um drama e de um mistério: o lugar por excelência da *ausência de testemunha*, [...].
> A câmara de gás era, para um membro do Sonderkommando, o “lugar de trabalho” quase cotidiano, o lugar infernal do trabalho da testemunha. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.124).

Após a morte por asfixia, os prisioneiros que formavam o *Sonderkommando* tomavam todo o cuidado para que os cadáveres pudessem ser aproveitados ao máximo. Eles verificavam cada detalhe das vítimas para ver se ainda havia algum bem que estava escondido, que poderia ser extraído e usado em prol dos nazistas. Conforme as ordens dos SS, os cabelos das mulheres eram tosquiados e possivelmente utilizados na fabricação de tapetes e uniformes. As joias eram retiradas e as bocas inspecionadas para a retirada dos dentes de ouro que eram arrancados e derretidos para serem enviados aos cuidados dos bancos alemães. Em seguida, os cadáveres eram incinerados em covas, fogueiras ou crematórios. Pilões eram usados para moer os restos de ossos que não foram completamente destruídos. As cinzas eram espalhadas nos campos e nas florestas de bétulas. As cinzas também eram usadas como aterro em terrenos irregulares, pântanos ou, então, usadas como fertilizantes. Todo o excesso das cinzas era dispensado nos rios Sola, Vístula e em lagoas próximas ao campo de extermínio.

[37] Cf. SINNREICH, 2010, p. 111.

Figura 4.

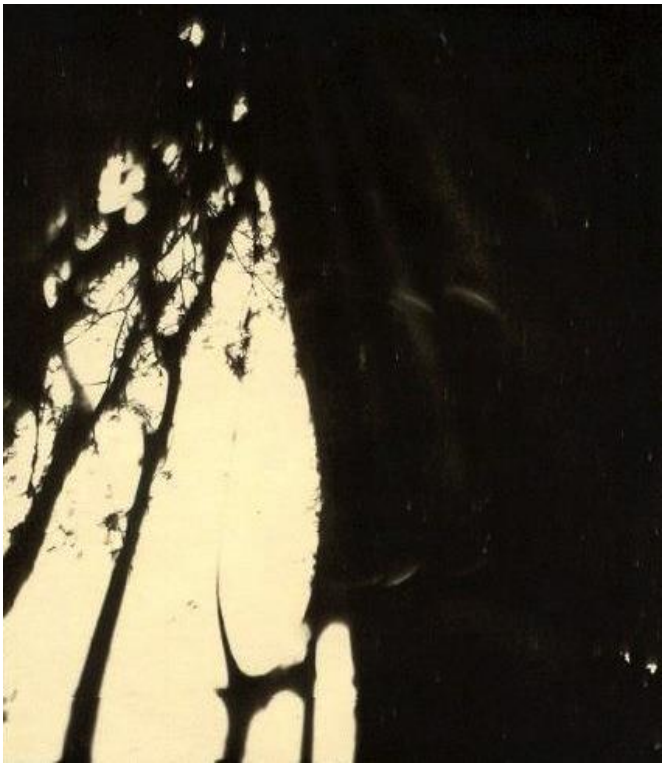

FIGURA 4 - Numeração 283.
FONTE - Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau.

A quarta fotografia, figura 4, numeração 283, a princípio, apenas mostra de forma deformada, turva e opaca, a copa de uma árvore projetada para o céu. Talvez, o fotógrafo estivesse tentando se esconder ou teve a sua tentativa de registro frustrada de alguma forma. O que parece é que ele não teve a intenção de privilegiar um enquadramento ou foi impedido, pelas circunstâncias que o cercava, de posicionar o olho no visor e focar o seu objeto alvo.

O fotógrafo clandestino de Auschwitz teve que fazer uma escolha diante de uma emergência que consumia o seu tempo drasticamente. De qualquer modo, a foto revela, além de um pedaço de memória, a natureza também distorcida. Na guerra, a natureza também sofre e é igualmente destruída.

Essa quarta fotografia revela o perigo e o medo, características evidentes dos campos de extermínio. Para Didi-Hubermman, esse retrato “testemunha a situação de urgência e da quase impossibilidade de testemunhar naquele momento preciso

da história” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.101). Apesar da impossibilidade de enxergar alguém na imagem, o contexto no qual a fotografia se edifica parece ser forte o suficiente para consolidar o testemunho que ela carrega. Afinal, após as cercas de arame farpado, o bosque de bétulas é o único sobrevivente que ainda permanece em Auschwitz Birkenau.

Ainda considerando a natureza, Didi-Huberman, em seu ensaio intitulado *Cascas*, ao analisar o nome do campo de concentração e extermínio, Auschwitz Birkenau, como lugar de barbárie, aponta para a palavra alemã *Birkenau*, que ganha destaque ao referir-se à árvore chamada *Birken*, que na língua portuguesa é traduzido como “bétula” ou “vidoeiro”. Outra palavra alemã, *Birkenwald*, também chama a atenção pela sua tradução: “floresta de bétulas” ou “bosque de bétulas”. As bétulas são árvores comuns nas regiões de clima frio da Europa, “típicas de terras pobres, estéreis ou siliciosas”. O filósofo explica que, na língua alemã, a terminação *au*, da palavra *Birkenau*, além de referir-se a um lugar, ou seja, a “pradaria onde crescem as bétulas”, também faz menção a outro significado: *au* “responde à interjeição mais espontânea do sofrimento” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.101), a saber, o grito explícito, espontâneo e irrefletido do sujeito que vivencia, no ato, a própria dor. Nas palavras do filósofo, *Birkenau* é “um chão que berra” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.109) e os troncos das árvores “são como barras de uma imensa prisão, ou melhor, malhas de uma armadilha obsidional” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.109). Talvez, esse seja um lugar que exige que seus visitantes encarem a história da imensa desolação humana e do horror das chacinas coletivas. Didi-Hubermman explica que “apesar dos troncos de árvore ao redor, tão presente, não obstante indique nessa banal floresta um centro de massacre organizado” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.118). Sua superfície, que agora abriga em seu solo milhares de vítimas assassinadas, ao ser comtemplada, parece demandar que aqueles que a inspecionam se interroguem a respeito do que, de fato, foi Auschwitz Birkenau.

Embora a Segunda Guerra Mundial seja considerada um evento com um número maciço de registros imagéticos, as fotografias feitas pelos internos de Auschwitz mostram-se, até o momento, como únicos testemunhos visuais do genocídio dentro desse contexto: “de uma operação de asfixia por meio de gás no próprio tempo de seu desenrolar” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.119). Percebe-se que as quatro chapas que os membros do *Sonderkommando* conseguiram registrar às escondidas, comunicam a crueldade e o sofrimento no *Lager*. Essas imagens

interpretam e revelam a realidade do campo de extermínio. Elas mostram o entorno da câmara de gás nazista e despertam possíveis diálogos a respeito da representação da memória traumática elucidada por imagens fotografadas. Did-Hubermman explica o caráter excepcional desses documentos. As fotos mostram "testemunhos produzidos pelos próprios prisioneiros e destinados a ser transmitidos, como os famosos "manuscritos dos Sonderkommandos", para além do mundo fechado – implacável ferrolho do espaço e implacável fatalidade do tempo – de Birkenau" (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.119).

A fotografia pode ser vista como um documento feito a partir do real. Talvez ela seja um olhar da circunstância de uma distância subjetiva, para exprimir que o passado é um fato de memória e para "criar a história com os próprios detritos da história" (BENJAMIN, 2009, p. 587). Isso nos mostra que o testemunho do sobrevivente também acha possibilidade de representação através dessas trêmulas imagens fotográficas registradas no *Lager*. As quatro fotos tiradas pelo *Sonderkommando* registram um contexto que desperta a imaginação a respeito do tratamento que os internos recebiam nos campos de extermínio.

A imagem pode ir além da impressão fotográfica, ela tem o poder de transformar o mundo em uma cena que se manifesta por meio de representações simbólicas. Levi aponta para o fator da verossimilhança dos habitantes aprisionados no *Lager*: Segundo o escritor: "não há espelhos, mas a nossa imagem está aí na nossa frente, refletida em cem rostos pálidos, em cem bonecos sórdidos e miseráveis. Estamos transformados em fantasmas como os que vimos ontem à noite" (LEVI, *É isto um homem?*, p. 24). Como um produto, protocolado e numerado em uma indústria, os internos, já desprovidos de sua personalidade, aparelhavam-se e igualavam-se imageticamente. Não havia mais diferença entre eles, todos foram transformados em coisas, no produto final elaborado pela Alemanha nazista e já se encontravam prontos para serem eliminados. Porém, conforme aponta Levi, a situação dos campos de extermínio precisa ser pensada como um erro da história, um acontecimento que jamais devia ter acontecido e que nunca mais deva se repetir.

> Chega-se ao fundo da barbárie, e esperamos que isso seja visto e relembrado como uma aberração e que não volte a se repetir nem no mais longínquo futuro. A esperança de todos os homens é que essas imagens sejam vistas como um fruto horrendo, porém isolado, da tirania e do ódio: que se identifiquem suas raízes em grande parte da história sangrenta da humanidade, mas que o fruto não dê novas

> sementes, nem amanhã nem nunca. (LEVI, *Assim foi Auschwitz*, 2015, p. 130).

As imagens que marcam a história de Auschwitz carregam em si vestígios de um trauma que impede o esquecimento. Esses fragmentos de memória, que também foram eternizados na fotografia, surgem diante de nós, para nos confrontar com o incompreensível, a respeito da complexidade de uma experiência que se foi, mas que é recordada e permanece, no presente, na mente do sobrevivente do campo de extermínio. O filósofo francês, Guy Debord, explica que, "quando o mundo real transforma-se em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico" (DEBORD, 1997, p.18). A problemática se dá pelo fato do sobrevivente, muitas vezes, consumir essas imagens como um fator identitário que gerou a sua coisificação. A fotografia pode trabalhar como um espelho daquilo que o danificou, com o intuito de fazer com que a imagem que representa suas experiências no campo de extermínio continue exercendo poder e domínio social sobre a pessoa em que ele foi transformado.

As imagens são gestos que podem carregar grandes ruídos como, por exemplo, a indignação e a força da revolta. Elas têm o poder de contrapor o simples conceito da representação para buscar novos significados. Benjamin afirma que "quem procura aproximar-se do seu próprio passado soterrado tem de se comportar como um homem que escava" (BENJAMIN, p.219). Ao serem investigadas, é possível que as imagens tragam à tona o horror para personificá-lo. Por isso, elas podem nos ajudar a compreender a dimensão da catástrofe gerada pela guerra. As chapas tiradas em Auschwitz, em 1944, são importantes porque elas revelaram uma verdade histórica que estava invisível ao mundo. Elas carregam o testemunho e transmitem a memória dos internos do *Lager*. São pedaços peculiares de crueldade que podem confrontar nossa atitude subjetiva e nos fazer pensar a respeito do olhar e do uso que fazemos e destinamos à fotografia. Conforme aponta Did-Huberman: "Devemos tentar imaginar o que foi o inferno de Auschwitz, no verão de 1944." (DID-HUBERMAN, 2003, p.11). A fotografia é um dispositivo que colabora no processo imaginativo da história interdita. Ela tem a força de enunciar o que, até então, estava em oculto, o que jamais foi escrito ou dito. Ela coopera para revelar o que é tido como inimaginável através daquilo que sobrou. Portanto, o resto que se conserva trabalha como um indício que ajuda a ditar a experiência do choque. Como aponta o escritor Michel Leiris:

> Certos lugares, certos acontecimentos, certos objetos, certas circunstâncias muito raras nos dão, efetivamente, o sentimento, quando acontecem, de que se apresentam diante de nós ou que aí estamos comprometidos, que sua função na ordem geral das coisas é de nos pôr em contato com o que há no nosso íntimo de mais profundo, em tempo ordinário de mais turvo, senão de mais impenetravelmente oculto. (LEIRIS, 2005, p. 25).[38]

Narrar as ruínas através da imagem que a guerra gerou é um desafio, pois implica abordar um luto histórico através de uma estratégia de conservação que está reduzida ao silêncio. Ao remexer o signo dos mortos ressurgem lembranças indigestas, por isso, a vontade de esquecê-las, de apagá-las da memória, é um desejo ardente do sobrevivente. Talvez, essas quatro fotografias estejam reduzidas a uma ação de testemunhar silenciosamente a tragédia imputada na imagem. O cineasta francês Claude Lanzmann, conhecido pelo documentário *Shoah*, afirma que essas quatro chapas tiradas em Auschwitz apresentam uma "informação documentária, limitada, seca, sem valor de testemunho, de emoção ou de memória" (DIDI-HUBERMAN, 2003, p. 141). As palavras de Lanzmann podem ser contrariadas ao pensarmos na força que a imagem suscita ao ecoar e multiplicar possíveis leituras. A fotografia tem a capacidade de gerar a imaginação: "falar da imagem sem imaginação é literalmente cortar a imagem de sua atividade, de sua dinâmica" (DIDI-HUBERMAN, 2003, p.143). Mesmo que as fotografias não estejam completamente nítidas, feitas sob o estresse, sob o medo de ser pego e consequentemente punido, a atitude vacilante e dispersa do fotógrafo de Auschwitz faz parte do drama do seu registro. O contexto histórico e de barbárie que as fotografias representam refutam a falta de valor testemunhal ou de memória. Elas são sinais do passado e elucidam informações documentárias que podem carregar fortes emoções, principalmente, talvez, para os sobreviventes que as contemplam. Para Cuperschmid,

> "o que interessa são os pontos decisivos da articulação simbólica, ou seja, o modo como o sujeito insere-se ou submete-se à linguagem. [...] Talvez o silêncio e as lacunas sejam decorrentes do medo, do horror, da barbárie, do inimaginável, do inenarrável, do absurdo – do real" (CUPERSCHMID, 2011, p. 17).

---

[38] Tradução: Vera Casa Nova. CASA NOVA, Vera. **Cascas sobre o papel**: memória do dilaceramento. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, [s.l.], v. 24, n. 2, p. 64-75, ago. 2014. ISSN 2317-2096. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/6941/8689. Acesso em: 28 dez. 2018.

Talvez, a orientação seja um dos propósitos da imagem, pois ela também pode guiar seus espectadores e dar uma direção para as pessoas que não fazem parte do contexto em que ela está inserida. O retrato funciona como um dispositivo de intervenção para elucidar significados, mas também para encobri-los. Afinal, “toda foto testemunha a dissolução implacável do tempo” (SONTAG, 2004, p. 26). Nem tudo é revelado ou transmitido pela imagem. A fotografia mostra o mundo da experiência, mas abre precedentes para o mundo da imaginação, que permite analisar, descobrir e perceber o que se pretende observar com afinco. Para Sontag, “a fotografia é, antes de tudo, um modo de ver. Não é a visão em si mesma” (SONTAG, 2008, p. 137). A fotografia exprime uma noção de presença, mas também representa a ausência. Ela pode funcionar como um dispositivo para armazenar, em miniatura, a memória que se deseja recordar.

Nesse sentido, Susan Sontag atenta para o ato de perceber nos detalhes e nas frações uma maneira de observar a experiência de forma libertadora. O sujeito, que se dispõe a ver, precisa estar atencioso com as minúcias para que as pequenas circunstâncias não passem despercebidas. Conforme a escritora afirma:

> A maneira moderna de ver é ver em fragmentos. Tem-se a sensação de que a realidade é essencialmente ilimitada e o conhecimento não tem fim. Segue-se que todas as fronteiras, todas as ideias unificadoras têm de ser enganosas, demagógicas; na melhor hipótese, temporárias; a longo prazo, quase sempre falsas. Ver a realidade à luz de certas ideias unificadoras tem a vantagem inegável de dar forma e feição à nossa experiência. Mas também — assim nos instrui a maneira moderna de ver — nega a infinita variedade e complexidade do real. Desse modo reprime a nossa energia, a rigor o nosso direito, de refazer o que queremos refazer — a nossa sociedade, nós mesmos. O que é liberador, assim nos dizem, é perceber cada vez mais (SONTAG, 2008, p. 137).

Didi-Huberman aponta para o fato de que o fotógrafo de Auschwitz necessitou se afastar das atividades do *Lager* e se ocultar, ainda que por um tempo muito curto, para que ele pudesse realmente enxergar o que ocorria com os internos: “Com efeito, ele precisava se esconder para ver, e é isso que a pedagogia memorial quer aqui, curiosamente, nos fazer esquecer” (DIDI-HUBERMAN, p. 121). A necessidade de ausentar-se para que a visão se amplie é fundamental para perceber o espaço e focar no objeto de captura do olhar. Ao se ocultar, o prisioneiro se estabeleceu em um lugar que privilegiasse o seu olhar em detrimento dos outros internos que

estavam trabalhando no *Lager* sob a vigilância dos soldados nazistas. O escritor e filósofo francês Roland Barthes explica que esse é um momento de colocar-se à parte para obter uma visão melhor; um momento necessário e intenso. Percebe-se que a precisão é extremamente importante e a necessidade do silêncio é fundamental, pois é preciso "fechar os olhos, deixar o detalhe remontar sozinho à consciência afetiva" (BARTHES, 1984, p. 84-85). Para aquele que se propõe a observar, a fotografia acontece justamente nesse instante, onde o observador se deixa tocar por aquilo que o afeta, que o envolve e se evola da imagem. Como aponta Barthes, "a subjetividade absoluta só é atingida em um estado, um esforço de silêncio (fechar os olhos é fazer a imagem falar no silêncio)" (BARTHES, 1984, p. 84-85). Pode ser que a importância do silêncio, na atividade fotográfica, esteja em sua capacidade de dar forma e um sentido ao momento que se deseja capturar. O silêncio também trabalha como um caminho privilegiado que o observador precisa seguir para atingir a quietude que irá provocar a experiência do registro da imagem. Por isso, esse curto período que antecede o retrato não pode ser frustrado. O silêncio não pode ser rompido, pois ele bloqueia possíveis tentativas de desaparecimento do objeto que se pretende apreender, mostrando, assim, que a essência da fotografia está fortemente ligada ao processo de sentir, conhecer, reconhecer e ir de encontro ao objeto que se aspira retratar.

Pode ser que a atitude do fotógrafo clandestino esteja diretamente relacionada com o resquício de força que ele encontrou, em si mesmo, para tomar uma posição, ou seja, deslocar-se várias vezes para encontrar um lugar relativamente apropriado para fotografar. A difícil decisão em se posicionar, com o intuito de afrontar e expor o campo de extermínio, demanda que o fotógrafo se situe e deseje o momento cobiçado com a expectativa de que a experiência registrada será vislumbrada no futuro. Conforme Didi-Huberman:

> Trata-se, por exemplo, de afrontar algo; diante disso, todavia, precisamos também contar com tudo aquilo de que nos afastamos, o fora de alcance que existe atrás de nós, que recusamos talvez, mas que, em grande parte, condiciona nosso próprio movimento, logo, nossa posição. Trata-se também de situar-se no tempo. Tomar posição é desejar, é exigir algo, é situar-se no presente e visar um futuro (DIDI-HUBERMAN, 2008, p. 15).

Tomar posição refere-se ao agir, sair da imersão, do aprisionamento e achegar-se, em momento oportuno, à realidade de forma lúcida para que a elaboração do retrato seja possível. Essa atitude de gestos complicados foi necessária para o fotógrafo clandestino, que também teve que assumir a responsabilidade das possíveis consequências que emprega esse tipo de movimento. As posições de aproximação e afastamento são primordiais para que se busque um contato com o objeto alvo do retrato. Esse tipo de movimento é condicionado e reajustado constantemente diante do perigo, da hostilidade e do confronto que trabalha para moldá-lo. Segundo Didi-Huberman, o entendimento do tempo e do espaço é fundamental para a tomada de decisões:

> Para saber é preciso, pois, manter-se em dois espaços e em duas temporalidades ao mesmo tempo. É preciso "implicar-se", aceitar entrar, afrontar, ir ao coração, não bordejar, decidir. É preciso também – porque o ato de decidir acarreta isto – "afastar-se" violentamente do conflito, ou então ligeiramente, como o pintor quando se afasta de sua tela para saber em que ponto está seu trabalho. Não se sabe nada na imersão pura, no "em si", no terreno do "perto demais". Não se saberá nada, tampouco, na abstração pura, na transcendência altiva, no céu do "longe demais". Para saber é preciso tomar posição, o que supõe mover-se, e constantemente assumir a responsabilidade de tal movimento. Esse movimento tanto é "aproximação" quanto "afastamento": aproximação com reserva, afastamento com desejo. Ele supõe um contato, mas o supõe interrompido, se não for quebrado, perdido, impossível ao extremo (DIDI-HUBERMAN, 2008, p. 16).

A fotografia documenta o evento histórico, revela o acontecimento e o resultado do acaso. As fotos tornam os fatos algo imaginável. Talvez, a fotografia ajude a compor as lacunas, a falta da linguagem, ao colaborar para a produção de textos escritos ou falados, pois ela pode promover, através das narrativas produzidas, o trabalho do pensamento. Ao se manifestar como um testemunho mudo da história, as fotos tiradas pelo *Sonderkommando* deflagra a continuidade de um processo de revelação dos fatos que foram desfigurados ou destruídos. O que antes estava invisível e calado, agora se manifesta, através da fotografia, como silêncio mostrado. O que estava impedido de se manifestar, agora é revelado e encontra lugar no espaço artístico, político e filosófico.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o fotógrafo clandestino precisou buscar um canto, um esconderijo ou um refúgio para que ele pudesse, apesar do perigo,

fotografar as atividades do *Lager*. O prisioneiro fotógrafo teve que lidar com a transposição da função que o incrustava no serviço odioso do campo de extermínio para se contrair no espaço que lhe deu condições e permitiu-lhe registrar, com uma máquina fotográfica, a prova do testemunho dos crimes cometido pelos nazistas. A respeito do ato de escapar e refugiar-se em um canto, o filósofo, Gaston Bachelard, afirma que o espaço de imobilidade é o "espaço do ser", esse espaço reduzido é capaz de projetar o sujeito refugiado ao "silêncio dos pensamentos" (BACHELARD, 2008, p.146). O canto permite impressões fugidias e imaginárias, como lugar de refúgio, assegura a imobilidade, "uma espécie de meia-caixa, metade paredes metade porta" (BACHELARD, 2008, p.146), um lugar que permite o abrigo em seu interior, mas que ao mesmo tempo pode expor o abrigado para o exterior. Para Bachelard, o canto pode ser um "local seguro", um lugar de "imaginação", "uma negação do Universo" ou, até mesmo, "o mais sórdido dos refúgios" (BACHELARD, 2008, p.145-146). Afastar-se para se refugiar permitiu que o fotógrafo clandestino ampliasse sua visão, para usar a fotografia como um dispositivo de denúncia e testemunho. As fotos reveladas foram, naquele momento de urgência, suficientes para mostrar ao mundo um pedaço consistente da história e do horror que foi estabelecido em Auschwitz.

O sobrevivente Jean Améry aponta, em seu livro *Além da culpa e da expiação*, a sua incapacidade de descrever a sua experiência no campo de extermínio. Segundo o sobrevivente, as consequências geradas pela dor intensa vivida no *Lager* são indescritíveis:

> As torturas, pelas quais o outro nos transforma em somente um corpo, apagam a contradição da morte e nos deixam experimentar a vivência de nossa própria morte [...] A dor foi o que foi. Além dela não há nada o que dizer. As sensações não se podem comparar nem descrever. Elas marcam o limite da capacidade de compartilhar algo com o próximo por meio do idioma. (AMÉRY, 2000, p. 79).

É justamente em narrativas como essa, da ordem do indizível, que a fotografia trabalha como um arquivo que produz enunciado com possibilidade de partilha multilíngue. Ela carrega um poder de transmissão simbólico na imagem revelada para exercer uma força constante contra a maleabilidade da memória. A fotografia pode salvar os resíduos, os sinais do passado e dar refúgio para as lembranças que

foram reduzidas ao silêncio. O retrato enuncia-se quando a capacidade de falar é neutralizada pela tortura da rememoração da experiência da dor.

Susan Sontag observa a guerra e os seus horrores através da maneira que se constrói imagens que são fruto do sofrimento de vítimas de conflitos armados. Em sua obra intitulada *Diante da dor dos outros*, a intelectual norte americana pretende ir além da fotografia para experimentar e contemplar a imagem da dor. As imagens geradas pela guerra ultrapassam as funções estéticas e simbólicas para produzir, em seu espectador, informações e ensinamentos visuais a respeito do mundo. Conforme a escritora afirma: “Recordar é um ato ético, tem um valor ético em si mesmo e por si mesmo. A memória é, de forma dolorosa, a única relação que podemos ter com os mortos” (SONTAG, 2008, p. 34). Sontag parece tentar buscar uma resposta para a relação que a fotografia da violência exerce sobre a realidade daqueles que se deparam com ela. A imagem criada exerce poder estético e político para ajudar a esclarecer e construir a história. Segundo Sontag, “as fotos têm deixado as marcas de como os conflitos importantes são julgados e lembrados” (SONTAG, 2088, p. 140). Desde que a fotografia começou a marcar e inscrever a história, devemos grande parte do conhecimento e da memória registrada a esse deslocamento de realidade atribuído à fotografia.

De certa forma, o espectador se compromete com a fotografia ao contemplá-la. Ele se vê diante de um documento histórico que revela a banalidade da maldade praticada pelo homem contra o seu semelhante. Ao observar a fotografia da guerra, ao analisar de perto a imagem da crueldade, os sentidos são provocados em direção a uma silenciosa reflexão que educa a respeito da atrocidade. Para Sontag,

> o fluxo incessante de imagens (televisão, vídeo, cinema) constitui o nosso meio circundante, mas, quando se trata de recordar, a fotografia fere mais fundo. A memória congela o quadro; sua unidade básica é a imagem isolada. Numa era sobrecarregada de informação, a fotografia oferece um modo rápido de apreender algo e uma forma compacta de memorizá-lo. A foto é como uma citação ou uma máxima ou provérbio. (SONTAG, 2008, p. 10).

Nesse sentido, podemos observar as fotos feitas pelo *Sonderkommando* e considerar alguns pontos cruciais. Essas fotografias simbolizam um momento histórico único. Elas dão voz a um povo, a uma comunidade que foi obrigada a se calar perante o poder soberano que a escravizava. Elas marcam e lembram os

campos de extermínio sempre quando contempladas. Elas consolidam a ética de um período que envolveu povos e nações em torno de conceitos humanitários. A força que essas imagens carregam impede, de certa forma, a manipulação dos Estados, em querer corromper a realidade registrada dos fatos que elas suscitam, e em ditar o rumo da história segundo seus próprios interesses e olhares interpretativos. A fotografia, segundo Sontag, é

> um registro objetivo e também um testemunho pessoal, tanto uma cópia ou uma transcrição fiel de um momento da realidade como uma interpretação dessa realidade — um feito a que a literatura aspirou por muito tempo mas que nunca conseguiu alcançar, nesse sentido literal (SONTAG, 2008, p. 10).

Portanto, apesar do conflito que se origina entre a imagem e o texto narrado, o testemunho fotografado e o testemunho falado ou escrito, a fotografia foi inventada para “ultrapassar a crise dos textos” (FLUSSER, 2002, p. 11). As fotos parecem evidenciar o testemunho para gerar um efeito ou uma consciência política. As imagens, ao serem capturadas no espaço privado e recluso de Auschwitz, foram feitas com a esperança de produzir uma mensagem no espaço público. Ao sair do lugar privado em que foram elaboradas, para achar receptividade no espaço público, as imagens assumem a realidade do acontecimento e ganham poder para fazer com que o evento aconteça na rememoração.

Embora a experiência do sobrevivente seja tratada como sendo da ordem do inimaginável, Didi-Huberman propõe observar a imagem com atenção, mesmo sabendo de sua incapacidade de aferi-la com exatidão. Conforme o escritor explica: “isto é inimaginável, logo devo imaginá-lo apesar de tudo”. O filósofo parece perceber algo além do rastro característico do legado fotográfico, segundo ele, imagina-se “para representar alguma coisa pelo menos, um mínimo do que é possível saber”. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.111). Apesar dos obstáculos que se tem para construir uma imagem nítida de uma realidade que se passou, talvez, seja possível encontrar uma aceitação para rememorar a história do sobrevivente. Quando houver uma renúncia da dificuldade que se coloca para imaginar a crueldade que foi a organização que os nazistas montaram especificamente para exterminar seres humanos, a imaginação possa permitir uma viagem ao passado.

Contudo, percebe-se que as imagens são incapazes de falar por elas mesmas. Elas necessitam de um texto e de um contexto, ou seja, “contextos que

convém saber variar, experimentar: contextos diferentes, frases, montagens diferentes" (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.117). Aqueles que contemplam as fotos tiradas pelo *Sonderkommando* como espectadores que nunca experimentaram a guerra, talvez, tenham dificuldades de realmente imaginar ou entender o que de fato foi a experiência do prisioneiro do *Lager*. Como as imagens não são suficientes para mostrar tudo fica difícil interpretá-las ou submetê-las a respostas que não sejam questionáveis. De fato, existe a impossibilidade de absorver toda a mensagem da imagem. O que parece é que ao contemplar essas quatro fotografias, no presente momento, quase oito décadas após elas terem sido reveladas, só é possível conhecê-las imperfeitamente, com pouco ou nenhum incômodo, e de uma distância que já não cause mais dor. A não ser que a possibilidade da experiência cruel do outro, do habitante do *Lager* que é tratada na imagem, encontre aceitação no afeto e na partilha comunitária.

Essas imagens que deveriam afetar a todos que as observam de forma profunda, com indignação e horror, já não causam tanto espanto assim. A destruição da vida parece ter alcançado outros lugares e outros povos, de forma que as pessoas já não se sintam incomodadas o suficiente para impedir o progresso da crueldade que afeta e menospreza o próximo. A imagem do horror torna-se uma atração irresistível. O que temos é a curiosidade de ver a barbárie de um local seguro, de onde é possível se resguardar da dor do outro e analisar o passado de um ponto de vista arqueológico. Para Didi-Hubermman:

> O fogo da história passou. Partiu como a fumaça dos crematórios, soterrado junto com as cinzas dos mortos. Isso significa que não há nada a imaginar porque não há nada – ou muito pouco – a ver? Certamente não. Olhar as coisas de um ponto de vista arqueológico é comparar o que vemos no presente, o que sobreviveu, com o que sabemos ter desaparecido. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.117).

A exposição rotineira das atrocidades traz, de certa forma, uma neutralização dos sentidos em relação ao que vemos. Embora seja impossível evitar o confronto da inerente angústia que habita a nossa existência, esse sentimento, contraproducente, parece não ser suficiente para gerar uma perspectiva da realidade que a imagem da dor do outro pode suscitar. O que temos são tentativas de compreender o valor perturbador das imagens feitas pelo fotógrafo clandestino de Auschwitz. O trabalho de aproximar-se das fotografias e olhá-las bem de perto pode

fazer suscitar textos consideráveis, que irão transmitir, no âmbito cultural, social, político e filosófico, lugares de memórias.

Didi-Hubermman parece desafiar o ato de olhar a barbárie em uma tentativa de ir além do permitido, dos limites pré-estabelecidos da visão, para superar o conhecimento de um fato que estava reprimido e impedido de aparecer. Ele parece não confiar na visão como ela é, ou seja, na simples ação de ver ou no mero efeito de perceber. As chapas que registram a experiência dos internos em Auschwitz não são simples fotografias que carregam um fato descomplicado ou uma mensagem de um evento de fácil interpretação. Para o filósofo, é preciso duvidar daquilo que é observado. Ele aponta para o fato de que sempre há algo a mais para ser examinado e observado. As possibilidades de enxergar precisam ir adiante da imagem para que se possa escapar da ignorância. Observar atentamente é permitir-se ao cuidado da percepção para exprimir o que se passa no íntimo e poder ir além da mera capacidade que os olhos possuem em ver. Segundo o escritor:

> Logo, nunca poderemos dizer: não há nada para ver, não há mais nada para ver. Para saber desconfiar do que vemos, devemos saber mais, ver, apesar de tudo. Apesar da destruição, da supressão de todas as coisas. Convém saber olhar como um arqueólogo. E é através de um olhar desse tipo – de uma interrogação desse tipo – que vemos que as coisas começam a nos olhar a partir de seus espaços soterrados e tempos esboroados. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.127).

Talvez, seja preciso compreender que, apesar de toda devastação causada pela guerra, existe a possibilidade de ver, através da imaginação, a história que está por trás das chapas feitas pelo fotógrafo clandestino. As vítimas da barbárie ainda permanecem arraigadas nos bosques de bétulas ao redor de Auschwitz. Esse lugar, que protagonizou o genocídio, juntamente com a natureza que o circunda, deu lugar ao maior depósito de mortos do mundo. Até os dias de hoje, a região de Auschwitz se manifesta e mostra de forma literal os restos do morticínio gerado pelos nazistas. Didi-Huberman chama a atenção para esse fato ao afirmar o seguinte:

> Na zona que cerca os crematórios IV e V na orla do bosque de bétulas, a própria terra regurgita constantemente vestígios da chacinas. As inundações provocadas pelas chuvas, em particular, trouxeram incontáveis lascas e fragmentos de ossos à superfície, de maneira que os responsáveis pelo sítio se viram obrigados a aterrá-lo para cobrir essa superfície que ainda recebe solicitação do fundo,

> que ainda vive do grande trabalho da morte. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.128).

A tentativa dos nazistas de suprimir as provas da crueldade que eles praticaram nos *Lager*, explodindo os fornos crematórios e as câmaras de gás, enterrando e calcinando os internos, não foi suficiente para transpor a força que um vestígio possui ao inflamar. Como afirma Levi, “as ruínas ainda existem, a despeito do contorcionismo dos epígonos, é difícil justificar suas funções recorrendo a hipóteses fantasiosas” (LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*, p.10). Os retratos tirados clandestinamente pelo membro do *Sonderkommando*, revelaram e fixaram uma história, em que, a princípio, os nazistas gostariam que ficasse submersa. Os projetos criminosos executados em Auschwitz pelos alemães foram retirados do esquecimento, pelas próprias vítimas, através das quatro fotografias que elas se esforçaram para registrar. Os testemunhos fotográficos que hoje nos são manifestos revelam o passado que se pode guardar e tocar, mas, principalmente, olhar.

As quatro chapas analisadas nesse capítulo carregam a memória dos internos a partir do ponto de vista da urgência em que eles tentavam sobreviver denunciando a carnificina dos *Lager*. Essas fotografias fornecem a imagem de um tempo e de um movimento, que é revelado no presente para quebrar uma aparente superficialidade e insignificância. Temos, como exemplo, a foto da copa da bétula (figura 4, numeração 283), que abandona o status de ser uma mera película para tornar-se fator de testemunho visual do genocídio. As fotos manifestam a promoção da experiência da dor, do corpo suscetível a ser atingido e sacrificado por nada. Elas exprimem a tentativa de mostrar os fatos que se sucederam nos *Lager* e que se estabelecem como um escombro de memória. Essas fotos fixaram um instante que estava escondido, elas resgataram um momento que poderia estar morto ou perdido no tempo. Margarida Medeiros afirma que

> a imagem parada é sempre perturbante: ela nega o movimento, a mobilidade e plasticidade do eu, a possibilidade de arrependimento e do remorso, ela nega sobretudo a afirmação da vida, porque nos transforma em coisa. Esse corte temporal apenas nos surge no retrato fotográfico, pela sua natureza instantânea e capturante. (MEDEIROS, 2000, p.50)

A fotografia fixa um instante e o priva de maneira absoluta, de modo que a captura feita carrega a impossibilidade de se repetir fielmente em outra ocasião. O

momento do retrato caracteriza-se por uma oportunidade única. A imagem, uma vez elaborada e capturada, apenas simula o objeto alvo, o espetáculo fantasmagórico do esquecido, do rastro visual que foi impresso e deixado no tempo. “O rastro inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente” (GAGNEBIN, 2006, p. 44). É justamente o resto que foi abandonado no tempo que deve ser olhado e analisado, para que o vestígio trabalhe confrontando e interrogando a norma que afirma ser inarrável e inimaginável a experiência do sobrevivente do *Lager*. Talvez esteja nesses farrapos fotográficos o elemento capaz de preencher a falta da linguagem. A fotografia pode servir como uma lacuna de resistência que possibilita a imaginação e a representação da experiência vivida pelo sobrevivente.

O retrato possibilita criar um sentido, uma tarefa insuportável e necessária, para imaginar, ainda que imperfeitamente, o que foi Auschwitz. A foto permite confessar e afirmar o que já foi visto e declarar a legitimidade daquilo que se sabe. Apesar do absurdo da barbárie, a fotografia, examinada com atenção, nunca se submete ao inimaginável. As imagens carregam uma história e um testemunho que precisam se manifestar. Qualquer tentativa de suprimir o registro do fotógrafo clandestino seria um erro, pois os gestos que manifestam a linguagem, ainda que cheios de crueldade, retratando a dor e o horror, não podem ser direcionados ao desaparecimento. Para Didi-Huberman, os silêncios precisam também ser ouvidos:

> Costumamos pensar que as imagens devem mostrar algo reconhecível, mas elas são mais do que isso. São *gestos*, *atos de fala*. As sombras e a falta de foco dessas fotos mostram a urgência e o perigo com que foram feitas. Eliminar isso com o pretexto de que prejudicam a visibilidade é errado. Essas fotos são testemunhos, e é desonesto cortar a fala de uma testemunha. Temos que escutar também seus silêncios (DIDI-HUBERMAN, 2003, s/p) [39].

As chapas tiradas pelo fotógrafo clandestino de Auschwitz, ao serem relacionadas com a obra de Levi, cooperam, de certa forma, para afirmar a veracidade das narrativas do sobrevivente do *Lager*. Segundo Barthes, o texto, como mensagem principal, faz com que as imagens funcionem “como um retorno

---

[39] Entrevista concedida por Georges Didi-Huberman ao jornalista brasileiro Guilherme Freitas. O filósofo e escritor fala sobre imagens e memórias da *Shoah*. In: **O Globo**, 16 de março de 2000. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo. com/prosa/post/georgesdidi-huberman-fala-sobreimagens-memorias-doholocausto-489909.html>

episódico à denotação” [40]. Consequentemente, a imagem pode ser trabalhada, ilustrando a narrativa, tornando-a mais clara para conotá-la, para “ilustrá-la” ou “realizá-la”, diz Barthes. As fotos nos mostram como os prisioneiros dos campos de extermínio viveram e morreram. O testemunho de Levi, em contrapartida, ajuda a dar forma para os possíveis textos que essas quatro fotografias podem suscitar, mantendo, assim, viva a consciência do absurdo que se perpetrou nos campos de concentração e extermínio. Esse exercício de recuperação de contextos vividos, experimentados, interligam contextos mais amplos onde uma vida deixa impressa a sua singularidade, o observar do mundo e a forma como existiu. Porém, existe a possibilidade de trabalhar a relação da imagem e do texto com outro viés. Com o passar dos anos, as fotos analisadas nesse trabalho, por exemplo, receberam outras observações, outras análises, novos textos e novas críticas. Conforme Barthes,

> hoje, o texto torna pesada a imagem, enxerta-a de uma cultura, de uma moral, de uma imaginação; outrora havia a redução do texto à imagem, hoje há amplificação de uma à outra: a conotação já não é vivida senão como a ressonância natural da denotação fundamental constituída pela analogia fotográfica; está-se então em face de um processo caracterizado de naturalização do cultural [41].

As fotos tiradas em Auschwitz, pelo *Sonderkommando*, não são uma estrutura isolada. Elas fazem uma intercessão coerente com o testemunho de Levi, onde o texto narrado e a reprodução analógica da realidade que elas representam consolidam o discurso da experiência do sobrevivente do *Lager*. As fotos são, assim como o testemunho de Levi, uma mensagem que está sempre em movimento, compartilhando informações que não foram manipuladas ou previamente escolhidas, mas que são frutos do acaso. Os internos fotografados não se voluntariaram para posar para o retrato. Eles também não foram induzidos para provocar uma situação que permitisse a composição da fotografia. Os recursos de enquadramento, composição e iluminação não estavam disponíveis para o fotógrafo clandestino. A situação em que o fotógrafo se encontrava era de pressa e requeria uma solução imediata. Coincidentemente, a narrativa de Levi permite-se dialogar com as chapas

---

[40] BARTHES, Roland. **A mensagem fotográfica**. Disponível em: <https://veele.files.wordpress.com/2011/11/roland-barthes-a-mensagem-fotogrc3a1fica.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2019.

[41] BARTHES, Roland. **A mensagem fotográfica**. Disponível em: <https://veele.files.wordpress.com/2011/11/roland-barthes-a-mensagem-fotogrc3a1fica.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2019.

registradas pelo *Sonderkommando*. Embora as experiências retratadas nas fotografias e na narrativa de Levi tenham acontecido em momentos distintos, elas se coincidem pela semelhança do discurso que elas manifestam.

Apesar do ensaio de Barthes tratar da fotografia jornalística, contribui com nossas reflexões. Segundo o filósofo, “a fotografia é verbalizada no momento mesmo em que é percebida; ou melhor ainda: ela só é percebida verbalizada” [42]. O testemunho do sobrevivente ajuda a compreender, a contornar e a interpretar as fotos, dando um direcionamento e participando para amplificar o conjunto das relações históricas que já estão inseridas na fotografia. Como afirma Barthes, “a leitura da fotografia é portanto sempre histórica: ela depende do “saber” do leitor”. Entretanto, Barthes atenta para o fato da impossibilidade da palavra dublar a imagem:

> pois na passagem de uma estrutura a outra elaboram-se fatalmente significados segundos. Qual é a relação desses significados de conotação com a imagem? Trata-se aparentemente de uma explicitação, isto é, numa certa medida, de uma ênfase; com efeito, na maioria das vezes, o texto só faz amplificar um conjunto de conotações já incluídas na fotografia; mas às vezes também o texto produz (inventa) um significado inteiramente novo e que é de algum modo projetado retroativamente na imagem, a ponto de aí parecer denotado [43].

Mesmo não sendo expressamente nítidas, as quatro chapas tiradas pelo fotógrafo clandestino possibilitam a ativação da imaginação por meio da observação atenta e do tempo dedicado corajosamente para esse instante inquietante. Essas representações são construídas por todos aqueles que se apropriam da imagem para utilizá-la na transmissão de discursos. As imagens fazem aproximar o tempo que estava perdido e cooperam para o desenrolar da história. Elas ajudam a promover o encontro com a narrativa e a consolidar o testemunho. O ato de ver torna-se um dispositivo para observar a fotografia com a autoridade que ela exerce sobre a imaginação, mas também de compreensão textual, onde a história do outro, apesar de tudo, encontra uma possibilidade de expressão.

---

[42] BARTHES, Roland. **A mensagem fotográfica**. Disponível em: <https://veele.files.wordpress.com/2011/11/roland-barthes-a-mensagem-fotogrc3a1fica.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2019.

[43] BARTHES, Roland. **A mensagem fotográfica**. Disponível em: <https://veele.files.wordpress.com/2011/11/roland-barthes-a-mensagem-fotogrc3a1fica.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2019.

As imagens são portadoras de impressões, elas carregam um despertar para a construção do pensamento e podem gerar, como resultado, o discurso. As ideias organizadas e proferidas pela linguagem, capazes de produzir leituras críticas a respeito da imagem, se dão a partir do silêncio necessário para observá-las. Didi-Huberman aponta para o fato de que as imagens podem se relacionar, criar textos e contextos:

> uma imagem que critica a imagem – capaz, portanto, de um efeito, de uma eficácia teóricos – e, por isso, uma imagem que critica nossas maneiras de vê-la, na medida em que, ao nos olhar, ela nos obriga a olhá-la verdadeiramente. E nos obriga a escrever esse olhar, não para transcrevê-lo, mas para constituí-lo (DIDI-HUBERMAN, 1998, p.172).

Certamente, as fotografias tiradas pelo fotógrafo clandestino são marcantes. Talvez, seja possível dizer que essas chapas se apropriaram de um poder capaz de causar um agito, uma intimação ou um movimento que podem remeter o seu observador ao deslumbramento; principalmente quando confrontadas com o testemunho de Levi. Quando texto e imagem trabalham juntos, os seus conceitos se ampliam e revigoram-se para dar forma e consolidar uma possível reflexão a respeito do testemunho narrado pelo sobrevivente do *Lager*. Esses dispositivos, texto e imagem, testemunho e fotografia, ajudam a compor a identidade que foi imposta para o habitante dos campos de concentração e extermínio e cooperam para refutar o apagamento da memória e da experiência que eles tiveram que se submeter. Segundo o escritor Ricardo Piglia [44], “a verdade tem a estrutura de uma ficção em que outro fala”. Nesse sentido, talvez seja possível apontar para a fotografia e o texto como um espaço onde o outro tem acesso para desenvolver a narrativa que afirma ser a verdade da experiência que se viveu em Auschwitz. “Esse outro”, afirma o escritor argentino, “é o que se deve saber ouvir para que aquilo que se conta não seja mera informação, mas tenha a forma da experiência”. Talvez, seja esse potencial de deslocamento, de mudança de lugar, que permite que fotografia e literatura testemunhe a dor do vencido. A linguagem que a imagem e a narrativa produzem, partindo do ponto de vista dos que sucumbiram, daqueles que falam a partir de um lugar secundário e escasso, interpreta o acontecimento. A linguagem

[44] O texto de Ricardo Piglia, intitulado “Uma proposta para o novo milênio”, foi publicado, em 2001, pela Revista Margens/Márgenes. Disponível em: <http://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2015/06/cad02.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2019.

estrutura a narrativa e faz com que o evento vivido pelo sobrevivente se torne, a partir de seu testemunho, uma nova forma de conhecimento a respeito do homem e da história.

CONCLUSÃO

Narrar a barbárie

> “Os monstros existem, mas são muito pouco numerosos para serem verdadeiramente perigosos; os mais perigosos são os homens comuns [...]”. Primo Levi (*Se questo è un uomo: la trégua*, 1989, p. 347)

A vida e a obra do escritor italiano Primo Levi (1919-1987) se deu em um dos períodos mais sangrentos já vividos pelo homem moderno, um momento da história pertinentemente chamado, pelo intelectual e historiador britânico Eric Hobsbawm, de Era dos extremos. Portanto, é no século XX que esse período de catástrofes é inaugurado. Justamente impulsionado pela técnica e pela ciência, o armamento bélico inovador e de altíssimo poder destrutivo foi fundamental para que esse momento da história produzisse, em um período muito curto, um morticínio em massa sem precedentes.

Dentre os vários conflitos armados que foram deflagrados na Era dos extremos, a obra de Levi incorpora vestígios da história e da memória para abordar a Segunda Guerra Mundial a partir do seu testemunho traumático enquanto prisioneiro em Auschwitz. Em uma tentativa de achar um lugar de transformação e produtividade, Levi revela a rotina dos campos de morte e narra a sua experiência nesse lugar horrendo, apontado por vários pesquisadores, historiadores e demais sobreviventes como um dos mais infames campos de concentração e extermínio.

Em sua obra intitulada originalmente como *Se questo è un uomo* (1947) e traduzida no Brasil com o título de *É isto um homem?*, o então químico de formação, revela-se, a partir de Auschwitz, um escritor mais enfático. A princípio, em uma tentativa de reconstruir sua identidade, Levi parece narrar para si mesmo, ele tenta se encontrar em um mudo pós-guerra que lhe impõe sentidos e percepções contraproducentes. Apesar de carregar a vergonha de ser homem, herdada pelo confinamento, o sobrevivente também tem a necessidade de contar aos outros os acontecimentos traumáticos que ele viu, experimentou e que o transformou por completo. Embora seus escritos apontem-no como um ser mais reservado e com uma certa dificuldade de estar entre as pessoas, ele precisava de ouvintes. A

audiência é fundamental para que o seu testemunho encontre um lugar no espaço social. O reconhecimento coletivo e comunitário é de vital importância para que ele consiga se afirmar. Porém, “o público ainda não estava em condições de compreender e dimensionar a qualidade e a importância do fenômeno campo de concentração (LEVI, 2016, p. 41).

Ademais, a narrativa de Levi também contempla o seu árduo trabalho para transmitir a experiência daqueles que, de alguma forma, se calaram. Ele fala pelos emudecidos, pelos que sucumbiram e pelos que foram impedidos de retornar ao lugar comum. Ao dar o seu testemunho, ele cumpre a sua obrigação com os mortos. Levi ignora a cronologia dos eventos vividos em Auschwitz para narrar o seu testemunho e significá-lo. Apesar de fragmentado, das suspeitas e das lacunas de difícil preenchimento, o testemunho de Levi parte de uma intensidade traumática que parece conduzi-lo a revelar sua experiência da barbárie em um contexto de urgência.

Após ter sobrevivido ao genocídio liderado pelos nazistas, onde mais de seis milhões de judeus tiveram suas vidas brutalmente interrompidas, Levi é liberto pelas tropas aliadas em 1945. A guerra chega ao fim e depois de um período de trégua, o sobrevivente consegue retornar para a mesma casa onde cresceu em Turim, na Itália. Sua vida recomeça em sua cidade natal, um lugar chuvoso, nublado, frio e que preserva uma atmosfera melancólica. Levi, então, sofre as angústias da rotina que é dividida no cuidado da esposa e dos seus dois filhos. Ele se ocupa com o ofício de escrever nas horas vagas e retorna a trabalhar em tempo integral como químico, profissão que ele sempre fez questão de frisar em suas obras. O químico que, muitos afirmam ter se tornado escritor por acidente, foi diretor técnico na fábrica Siva, uma indústria de tintas e verniz, por 30 anos. Levi foi um especialista de grande reconhecimento em revestimento para fios de cobre. De fato, a paixão pela química cooperou grandemente para atribuir originalidade em suas obras. Afinal, raro são os escritores talentosos que possuem conhecimentos avançados em química. Levi, por exemplo, apropria-se de um átomo de carbono para transformá-lo em personagem, fato que nos permite perceber que, pelo menos para ele, a química e a escrita são questões indissociáveis. Segundo Levi:

> Esta célula pertence a um cérebro, e este cérebro é o meu, de mim que escrevo, e a célula em questão, e nela o átomo em questão, é dedicada à minha escrita, num gigantesco-minúsculo jogo que ninguém ainda descreveu. É a que neste instante, fora de um

> entrançado labiríntico de sim e de não, faz com que a minha mão corra por um certo caminho do papel, o assinale com estas manchas que são sinais; um duplo salto, para cima e para baixo, entre os dois níveis de energia leva esta minha mão a colocar sobre o papel este ponto: este (LEVI, 2013, p. 293).

Essa relação entre química e escrita nos mostra como ambos os sujeitos estão suscetíveis a adaptações. Levi conhece os mistérios e as combinações dos elementos químicos, mas também consegue discorrer as palavras e transformá-las em narrativas capazes de transmitir com eficácia o seu testemunho a respeito do *Lager*. Essa junção da ciência das fórmulas e da ciência da escrita faz com que Levi se torne único na maneira como escreve e elabora o seu testemunho. A química e a escrita constituem a pessoa de Levi e tornam-se elementos fundamentais de composição do seu testemunho. A pesquisadora Lucíola Macedo aponta que

> a conjunção, em sua escrita, entre química e poesia, se deu por caminhos incomuns, que passam pelo realismo, o ciframento e materialidade da escrita, como também, pela via da metáfora, que transpostos da química para o poema e para a prosa, conferiram à sua escrita um dos traços de seu estilo como escritor. A química como método de escrita se constituiu, portanto, ao mesmo tempo como letra e metáfora, como quadro e moldura, não através de uma confusão de registros, mas de uma multiplicidade de planos, em cujo movimento, se realiza a qualidade literária de seu texto, como também, sua literalidade. (MACEDO, 2014, p.101).

A sua formação em química também foi um fator decisivo para a sua sobrevivência no *Lager*, onde durante o confinamento Levi foi selecionado pelos nazistas para trabalhar em uma fábrica de borracha no subcampo conhecido como Auschwitz III ou Monowitz-Buna.

Durante os quarenta anos após sua libertação, Levi produziu contos, ficção, memórias, ensaios, poemas e artigos. Dentre as suas obras mais conhecidas, além de *É isto um homem?* e *Os afogados e os sobreviventes*, podemos destacar duas importantes obras: *A Trégua*, onde ele narra, após se ver livre de Auschwitz, o seu retorno para casa; e também *A tabela periódica*, que, além de retratar a sua experiência de vida, o escritor usa os principais elementos químicos para trabalhar

os 21 capítulos que compõem a obra. Vale destacar que em 2006 *A tabela periódica*, mesmo não sendo uma obra exclusivamente de ciências, foi escolhida pela *Royal Institution of Great Britain* como o melhor livro sobre ciência de todos os tempos; onde fortes concorrentes, como *A Viagem do Beagle* de Charles Darwin, e *O Gene Egoísta* de Richard Dawkins, eram destaques. Levi teve várias de suas obras, que contabilizam uma média de três mil páginas publicadas, traduzidas para diversos idiomas.

Em 1987 Levi escreveu a sua última obra: *Os afogados e os sobreviventes*. Nesse ensaio, percebe-se claramente que a questão da *Shoah* é indelével. Toda a experiência traumática vivida por Levi, em Auschwitz, torna-se um assunto que o persegue e não o deixa descansar. Ele não consegue abandonar ou se ver livre dos assuntos concernentes à *Shoah*, que é trabalhada minuciosamente nessa última obra, onde ele tenta responder, mais detalhadamente, os assuntos relacionados à rotina do campo de extermínio. Percebe-se que, depois de ter tido um encontro com a barbárie, com as crueldades e os horrores da tortura, ter sido forçado a se entregar para o trabalho escravo, experimentar a fome intensa e a sede sufocante, o frio desconfortável e o calor escaldante, ter visto o seu corpo e a sua identidade transfigurados e experimentado rotineiramente a morte de perto, Levi não conseguiu retornar inteiramente para o mundo que se formou no pós-guerra. O trauma mostra-se para Levi como a ferida incurável do campo de extermínio nazista. Ao ter sobrevivido ao choque do experimento comandado por Hitler, Levi viu-se obrigado a carregar o fardo da impossibilidade de retornar são para o espaço político, social e comunitário que se formou após o fim da guerra. Levi precisa lidar com a força do assombro que rotineiramente traz à sua memória as lembranças da experiência que o traumatizou e que insiste em rememorar o acontecimento que revela a marca da catástrofe.

Apesar de ter sobrevivido a Auschwitz, a vida mostrou-se pesada e insuportável para Levi. A sua obra o revela como um personagem reservado e melancólico. Na sua velhice, os sentimentos de dor e amargura, mas principalmente de culpa, não deixaram de acompanhá-lo. Aos 67 anos de idade, o químico e escritor foi achado morto. Na manhã do dia 11 de abril de 1987, seu corpo estava estendido no vão do prédio onde morou por toda a vida. Embora haja discordâncias a respeito da causa de sua morte, especula-se que ele tenha se jogado do terceiro

andar. Enquanto alguns de seus biógrafos [45] sustentam a possibilidade do suicídio, pelo fato de Levi já haver manifestado a amigos próximos o desejo de se matar e sofrer com a depressão que sempre o acompanhou, a família de Levi refuta essa afirmação [46]. A conclusão da perícia técnica de Turim é que ele suicidou-se. Além disso, parece que a depressão estava de fato em seu gene; sua mãe, Ester, com quem ele e seu pai tinham uma relação difícil, também sofria os males da depressão. Outra curiosidade é o fato do avô paterno de Levi ter se suicidado aos 39 anos de idade, assim como o seu tio avô, que se suicidou aos 27 anos. Levi foi ao encontro do fim da sobrevida traumática que o importunou, mais drasticamente, nos últimos 40 anos. Esse fato levou o também sobrevivente de Auschwitz, Elie Wiesel, a afirmar que Levi havia morrido em Auschwitz 40 anos atrás. O suicídio apenas configurou a morte de um corpo que parecia não contemplar o contentamento e a longanimidade.

No campo de extermínio, o prisioneiro passou por um processo de transformação e eliminação "da própria espontaneidade como expressão da conduta humana, e da transformação da personalidade humana em uma simples coisa, em algo que nem mesmo os animais são" (ARENDT, p. 488-489, 2012). O corpo que em Auschwitz estava completamente paralisado e desconectado da realidade, cooperou para que os internos fossem impedidos de fazer escolhas. Eles também foram banidos do ato reflexivo e estavam condicionados a se portarem como um animal desprovido de forças e cuidados. No pós-guerra, Levi encontra-se livre das privações que extinguiram sua personalidade para tentar discernir e talvez decidir entre o querer viver ou o querer morrer. Porém, as complicações que envolvem a razão de sua morte parecem que ficaram suspensas e passíveis de especulações. Pode ser que esse fato nos mostre que Levi apenas aparentou ter sobrevivido, quando na verdade ele carregou dentro de si o luto interminável de uma morte que não havia sido de fato consolidada.

Embora a depressão crônica de Levi aparenta ser um caso independente das memórias de Auschwitz e manifesta-se até mesmo antes de sua experiência no campo de morte, o sobrevivente é capaz de transformar o seu sofrimento injusto em autoconhecimento. Auschwitz deu um requerimento moral para que Levi pudesse escrever. Nesse sentido, o campo de extermínio teve um papel paradoxal de dar ao

---

[45] Cf. AGIER, Carole. **The Double Bond: Primo Levi, a Biography**, Ed. Farrar, Straus and Giroux, 2003. THOMSON, Ian. **Primo Levi: A Life,** Ed. Picador, 2004.

[46] Francesco Lucrezi, escritor e pesquisador italiano, aborda em sua obra, **Laparola di Hurbinek: morte di Primo Levi** (2005), algumas questões a respeito da polêmica que envolve a morte de Primo Levi.

sobrevivente uma razão para viver, ou seja, Levi precisa testemunhar a respeito de suas experiências traumáticas para conseguir encontrar um lugar de fuga. Ao narrar e expor o seu testemunho, ele defende o direito de viver. Apesar da depressão profunda ser um fator que provavelmente contribuiu para a sua morte, o ato de escrever foi um dispositivo que trabalhou como uma solução para a solidão do sobrevivente.

Contudo, o testemunho de Levi nos possibilita ver a história dos campos de concentração e extermínio do ponto de vista do vencido. Sua narrativa parece nos convidar a quebrar a empatia com o vencedor para ouvir a voz do sobrevivente do *Lager*. Levi expõe suas memórias traumáticas não apenas para registar uma história de horror onde ele tenta explicar para ele mesmo, e para os outros, o que foi a experiência no campo de morte em Auschwitz. Embora a impossibilidade de poder não lembrar as atrocidades sofridas seja um fato irrevogável, ele também escreve para que todos saibam a respeito da depravada condição humana que foi imposta aos internos pela Alemanha nazista. Levi assume o trabalho de falar pelos mortos e pelos que se calaram. Ele usa o seu testemunho para denunciar os crimes de guerra, o antissemitismo e preservar a memória que ele gostaria de esquecer.

De certa forma, a escrita do trauma parece ajudar o oprimido a apaziguar, pelo menos por um instante, a dor sofrida. O testemunho torna-se para Levi um ato elementar e análogo, ou seja, a condição da sobrevivência, uma necessidade vital como o ato de comer ou beber. Levi precisa contar aos outros, denunciar os abusos e compartilhar com a sua audiência a angústia que o atormenta e o persegue. Assim, ele consegue dar um destino para a violência sofrida. O ato de escrever mostra-se, para Levi, como um dispositivo ou uma tentativa de escapar de uma ferida que parece não cicatrizar. Embora a mente traumatizada que tenta rememorar esteja sujeita à possibilidade ameaçadora de silenciar-se ou a questionamentos que irão confrontar a veracidade dos fatos narrados, Levi não desiste de dar o seu testemunho. Apesar do risco de não ser ouvido, é a sua narrativa que vai ajudá-lo ou possibilitá-lo à reconstituição da sua relação com o outro e de um possível retorno à vida social e política.

A memória, apesar de limitada, falaz e maleável, trabalha contra o esquecimento. Embora a memória processe e restrinja o ato de recordação do sobrevivente, ela pode ajudá-lo a construir, no presente, os fatos do passado. Por outro lado, a memória potencializa o evento traumático e coopera para preservar a

triste história do sobrevivente em sua mente. Contudo, os textos produzidos pelo testemunho narrado, mesmo sofrendo os perigos do tempo, podem funcionar como documentos capazes de impedir que chefes de Estado, por exemplo, manipulem uma única versão ou uma única maneira de ditar, conforme lhes convém, a história da guerra.

Nesse sentido, as quatro fotografias tiradas pelos membros do *Sonderkomando*, durante a rotina do campo de extermínio, em Auschwitz, dialogam com as obras de Levi. A interseção entre fotografia e narrativa tem a finalidade de estabelecer a resistência e o poder da imagem. Ambas as obras objetam o outro, ou seja, aquele que está distante e precisa ou se interessa pelo testemunho que elas registram e são capazes de elucidar. O retrato manifesta-se para gerar o testemunho de fatos passados diante das oportunidades dadas massivamente aos textos falados ou escritos. As imagens registradas pelo fotógrafo clandestino trabalham como um pedaço de memória, como a história abreviada daqueles que sucumbiram. As fotografias tiradas em Auschwitz são indícios de um evento capaz de carregar na imagem registrada o conto do horror e cooperar para testificar a verdade da experiência exposta por Levi. Embora as narrativas desenvolvidas por Levi apontem a insuficiência da linguagem para descrever a dor sofrida por ele e pelos internos, a imagem se manifesta como um vestígio que ajuda a preencher a lacuna deixada pelo testemunho verbal. Apesar de a fotografia colaborar para ilustrar a magnitude da barbárie sofrida pelos internos do *Lager*, Levi narra o seu testemunho como se fosse ficção. Ele precisa se dispor, além dos fatos históricos, da criação e da imaginação para elaborar o texto que vai compor o seu testemunho. Talvez seja por isso que muitos decidiram não dar crédito às suas palavras logo após ele ter sido liberto de Auschwitz, cujo evento assombroso alcançou limites inimagináveis.

Apesar da maleabilidade da linguagem para narrar, o sobrevivente sustenta um certo temor ao dispor o seu testemunho. A narrativa carrega a possibilidade da rejeição daquele que houve e tenta acolher o testemunho dos que sobreviveram à solução final. Levi, por exemplo, narra um testemunho inédito. Essa novidade narrada pode gerar desconfiança e descrédito no excesso de realidade que caracteriza o seu testemunho. Além de a narrativa ser incapaz de simbolizar genuinamente a experiência traumática, ela produz o choque, o medo e a possibilidade do sobrevivente reviver o horror da experiência do *Lager*.

A imaginação, portanto, ajuda o sobrevivente a adequar o seu testemunho perante a dissonância que se manifesta entre a linguagem e a sua experiência traumática. A arte de narrar torna-se um dispositivo fundamental, que desafia a falta de compreensão da expressão manifesta nas histórias que foram geradas a partir dos *Lager*. A narrativa de Levi nos mostra esses desafios perante o seu desejo e a sua necessidade em afirmar a autenticidade do seu testemunho. Levi protege a marca do acontecimento para resgatar a memória do silenciado e fazer vir à tona o que até então é tratado como indizível.

Contudo, as crueldades vividas por quase um ano em Auschwitz nunca deixaram de acompanhar Levi. A dor e o sofrimento geraram angústias incuráveis para esse eterno degredado. A vida pós-guerra não o redirecionou para além da frustração e da melancolia. Levi parece ter os olhos fitos no passado do experimento biológico e social que ele vivenciou, onde o mundo da morte e o mundo da vida mostraram-se irreconciliáveis para ele. A sua última obra, que também trabalha elaborando a memória como um mecanismo que ajuda a narrar o limite da experiência humana, mostra fortemente a insuficiência do tempo em dar um fim para a interminável aflição que o acompanhou até o fim de sua vida.

Porém, foi a insistência de Levi em acreditar no seu talento como escritor que nos permite ter acesso ao seu testemunho nos dias de hoje. Apesar de ter tido a sua primeira obra rejeitada pela Einaudi, uma grande editora de Turim, Levi conseguiu que a publicação de seu livro fosse aceita por uma editora de menor porte, chamada De Silva. Provavelmente, esse fato desapontou Levi profundamente, mas alguns anos depois, a editora que o havia rejeitado entendeu a grandiosidade de seu trabalho e assumiu as suas próximas publicações. Levi escreveu poemas, ainda quando criança, durante o tempo de escola. No período em que esteve na faculdade, ele era reconhecido como um grande contador de histórias. Levi sempre esteve ligado à prática da escrita e ao desejo de ver os seus textos publicados. Talvez, esse fato confronte a afirmação que garante que ele foi um escritor por acidente. De fato, ele foi um escritor dedicado e essa era uma de suas prioridades. Em alguns momentos, ele demonstra colocar a família e os amigos em segundo plano para se dedicar à escrita.

Levi questionou várias complicações que dizem respeito ao ser humano e, nesse sentido, ele nos deixou contribuições importantes para entender a nobreza natural do homem em persuadir o conhecimento, mas também a natureza caótica e

corrupta que o caracteriza. No *Lager*, por exemplo, o prisioneiro que se esforçou para manter a mente sã, teve maiores chances de permanecer vivo. É interessante pensar que a depressão de Levi manifesta-se antes e depois de Auschwitz, mas ele não a relata durante o período de confinamento. Como vimos, a fábrica de morte foi um lugar que superou a capacidade do indivíduo de racionalizar a própria doença do corpo, o que lhe restou foi o choque do trauma, ou seja, o resultado da experiência biológica que o consolidou.

Levi, o escritor, pensa na química e seus mistérios como uma metáfora e símbolos que trabalham para abordar a vida humana. Ele mostra que a vida é rica e criativa, mas, também, imprevisível, cheia de riscos e perigos. A vida de um homem pode se quebrar e ser destruída facilmente. No *Lager*, o sobrevivente é aquele que tem uma linguagem e pode se comunicar com o outro. O sujeito que conseguiu driblar a força da linguagem perpetuada pela "torre de babel" instalada em Auschwitz, linguagem que se manifestava na intensidade das ordens gritadas pelos *Kapos*, experimentou, naquele instante, um momentâneo alívio. Embora os internos sofressem com a fome e as doenças, eles morriam mais rapidamente porque não entendiam a linguagem do campo de extermínio. Essa experiência mostra a importância da linguagem como fator de sobrevivência. Por isso, ao retornar para a casa, tudo o que o sobrevivente queria era manifestar a sua linguagem, ou seja, comunicar a sua experiência para sobreviver.

Embora a linguagem trabalhe no processo de comunicação do testemunho, ela também se destaca por elaborar e organizar a memória. Durante a composição do testemunho, a memória, por ser maleável, tende a adaptar-se, através de dispositivos como a criação e a imaginação, a uma linguagem literária que conduz à reflexão. A memória, uma vez processada pela linguagem, é capaz de ser expressa em narrativas para dar forma aos sentimentos que compõem a experiência vivida. Nesse sentido, o testemunho narrado por Levi adota elementos característicos de histórias de ficção. Portanto, a ficção acontece quando os arquivos pessoais do sobrevivente são articulados por meio da linguagem literária. Conforme Jacques Rancière:

> A política e a arte, tanto quanto os saberes, constroem "ficções", isto é, rearranjos materiais dos signos e das imagens, das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o que se faz e o que se pode fazer. [...] O homem é um animal político porque é um animal literário, que

> se deixa desviar de sua destinação “natural” pelo poder das palavras (RANCIÈRE, 2009, p. 59-60).

Levi passa o resto da vida testemunhando. O sobrevivente dá visibilidade para a sua experiência no *Lager*, transmitindo, através de narrativas, suas observações e ensinamentos a respeito do que ele viu e viveu no campo de extermínio. Para Levi ver algum sentido na vida, ele precisa partilhar. Ele necessita falar a respeito da sua experiência excepcional, vivida em Auschwitz, para criar um senso comum de um evento que é tratado como irrepresentável. Por essa razão, ele não cedeu às forças que tentaram desacreditá-lo e impedi-lo de testemunhar, a sua escrita foi imediata e intensa.

Porém, além de gerar o testemunho para si e para os mortos, e fazê-lo trabalhar como uma ferramenta de denúncia da catástrofe, a escrita de Levi se move para gerar novos mundos. Sua narrativa pode servir para questionar e confrontar os conflitos armados da atualidade, em uma tentativa de impossibilitar que uma barbárie parecida, ou até mesmo maior que a *Shoah*, seja deflagrada. Isso mostra a capacidade e a força da literatura para gerar textos e possibilidades que irão criticar o mundo existente e o modo como levamos e fazemos a vida acontecer. Levi nos mostra como a literatura, através do testemunho, da imaginação e da escrita técnica, assim como a ciência, com os mistérios da química e as combinações de fórmulas e de traços da memória, concerne a particularidade das nossas vidas e da nossa comunidade profundamente.

Apesar dos rumores a respeito da Segunda Guerra Mundial, que já não são tão intensos nos dias de hoje, e do tempo que se passou, estabelecendo uma distância considerável entre a geração que vivenciou a guerra e a geração que agora a observa de longe, as obras de Levi continuam a transmitir ensinamentos fortes e consistentes. As narrativas de Levi nos confrontam a respeito do radicalismo, racial e religioso, que parece não cessar; como, por exemplo, o surgimento pontual de manifestações Nazi-facista no ocidente. O testemunho do vencido manifesta-se nas palavras de Levi para dialogar com outras obras literárias, com a arte e a fotografia, que também contribuem, de certo modo, para despertar novas sensibilidades e novos pensamentos a respeito do futuro da humanidade, da relação com o outro e do futuro do planeta como um todo.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. *Engagement*. **Notas de Literatura**. Celeste Aída Galeão & Idalina Azevedo da Silva (trad.). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973. (51-71).

._____. *O ensaio como forma***.** In. **Notas de literatura**. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo:
editora 34, 2003. p. 15-45.

._____. **Prismas: crítica cultural e sociedade**. Trad. Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, 1998.

AGAMBEN, G. *O que resta de Auschwitz*. **Homo sacer III**. Trad. bras. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

._____. **Homo Sacer**: *o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina comédia:** *Inferno*. Atena editora. São Paulo. 1955.

APPELFELD, Aharon. After the Holocaust, in B. Lang (org.), **Wrinting and the Holocaust**. Nova Iorque, Londres: Holmes & Meier, 1998.

ARISTÓTELES. **De anima**. Tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Ed. 34, 2006.

._____. **Poética**. Porto Alegre: Globo, 1996.

._____. **Política**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

._____. **Metafísica**. 2ed., São Paulo, Loyola, 2005.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém** – *um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

._____. **Entre o Passado e o Futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1997.

._____. **Responsabilidade e julgamento**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

._____. **Origens do Totalitarismo**: *Anti-semitismo, Imperialismo e Totalitarismo.* São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

._____. **Compreender**. *Formação, exílio e totalitarismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

._____. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2009.

._____. **A condição humana**, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008.

ASSIS, Luciara Lourdes Silva de. **Testemunho e ficção em Primo Levi**: *encontros possíveis*. Estação Literária, Vol. 5, 2010

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BAITELLO JUNIOR, Norval. *O Corpo fora do corpo: a liberdade dos sonhos e símbolos*. In: MOMMENSOHN, Maria (Org). **Reflexões sobre Laban, o mestre dos movimentos**. São Paulo: Summus, 2006.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

._____. **A troca impossível**. Trad. Cristina Lacerda e Teresa Dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BARTHES, R. **A Câmara clara**. Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

._____. **A mensagem fotográfica**. Disponível em: <https://veele.files.wordpress.com/2011/11/roland-barthes-a-mensagem-fotogrc3a1fica.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2019.

BASEVI, Anna. **A língua que salva. Babel e Literatura em Primo Levi**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I***: Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2000.

._____. **Experiência**. In: *Reflexões sobre a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Editora 34, 2002.

._____. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

._____. **Sobre o conceito de história.** In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. v.1.

._____. **Rua de Mão Única.** In: *Obras escolhidas*. Trad. R. Rodrigues Torres Filho e J. C. Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 2.

._____. **Imagens do pensamento**. Edição e tradução de João Barrento. Lisboa: Assírio Alvim, 2004.

._____. **Obras escolhidas:** *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BETTELHEIM, B. **O coração informado**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

BÍBLIA, A. T. Isaías. **Bíblia de Estudo Almeida**. Ed. Revista e atualizada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

CARDIM, Leandro Neves. **Corpo**. São Paulo: Globo, 2009.

CARPI, A. **Diario de Gusen**. Torino, Einaudi, 1993.

CARUTH, C. **Unclaimed Experience**: *Trauma, Narrative, and History*. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1996.

_____. **Trauma:** *Explorations in memory,* Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1995.

CULLER, Jonathan.*The Literary in Theory*. BUTLER, Judith; GUILLORY John; THOMAS Kendall. **What's Left of Theory**: *New Work on the Politics of Literary Theory*. New York: Routledge, 2000.

CUPERSCHMID, Ethel Mizrahy. **Muito além das cinzas**: *narrativas de Auschwitz.* São Paulo, Blucher Selo Acadêmico – Doutorado, 2011. v. 1.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>. Acessado em: 08 de outubro de 2016.

._____. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs:** *capitalismo e esquizofrenia.* Rio de janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Calíre. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

._____. **Foucault** (C. S. Martins, trad.). São Paulo: Brasiliense, 1988.

DERRIDA, Jacques. **Estados-da-alma da Psicanálise** – *o impossível para além da soberana crueldade*. São Paulo: Ed Escuta, 2001.

._____. *A fita da máquina de escrever*. In: **Papel-máquina**. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

._____. **Força de lei**, São Paulo, Martins Fontes, 2007.

._____. **Pensar a desconstrução**. Trad. Evando Nascimento (org.). São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

._____. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. Trad. Antonio Romane. São Paulo : Escuta, 2003.

._____. **Mal de Arquivo:** *Uma Impressão Freudiana*. Trad. Cláudia de Morais Rego. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. In: Revista Serrote. São Paulo: Instituto Moreira Salles, no. 13, p. 100, março 2013.

._____. **Imagens apesar de tudo**. Tradução de Vanessa Brito e João Pedro Caxopo. Lisboa-Imago, 2012.

._____. **Images malgré tout**. Paris: Les Éditions de Minuit, 2003.

._____. **O que vemos, o que nos olha**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1998.

._____. **Quando as imagens tomam posição**. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2017.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: *uma introdução*. 5ª ed. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

EDKINS, J. Forget trauma? Responses to September 11. **International Relations**, v. 16, n. 2, p. 243-256, 2002.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Relume Dumará, 2002.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas***: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. Segunda tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

._____. **Arqueologia do saber**, 4 ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.

._____. **História da Loucura**, Ed. Perspectiva S. A., São Paulo, 1978.

._____. **História da Sexualidade 1**: *a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

._____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: GRAAL, 1984.

._____. **Vigiar e Punir**. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

._____. *A vida dos homens infames*. In: _____. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992.

._____. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.Trd. Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 5ª edição,1999.

._____. **Em defesa da sociedade**: *curso no Collège de France* (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 30. ed. São Leopoldo: Ed. Sinodal, Petrópolis: Vozes, 2011.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer* [1920]. In:_____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XVIII. pp. 11-75.

._____. (1974). *O mal-estar na civilização*. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud,** v. XXI. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).

._____. **Conferências introdutórias sobre psicanálise** (parte III: 1916-1917): com os comentários de James Strachey; direção de Jayme Salomão – Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 16).

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: 34, 2006.

GUATTARI. **Caosmose***: um novo paradigma estético*. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica***: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1999.

HALL, Stuart. *Quem precisa da identidade?*. IN: Silva, Tomas Tadeu da (Org.), **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HUYSSEN, Andreas. 2000. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IHERING, Rudolf Von. **A luta pelo direito**. Trad. Richard Paul Neto. Ed. Rio. Rio de Janeiro, R.J. 1975.

JEAN, Améry. **Além da culpa e da expiação**, Editora Am Oved, 2000.

KESSEL, Zilda. **Memória e memória coletiva**. Disponível em: <www.museudapessoa.net/.../zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2009.

LACAN, J. Joyce, o sintoma. In: **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LANGBEIN, Hermann. **People in Auschwitz**. Trad. Harry Zohn. The University of North Carolina Press, 2004.

LAUB, D. *Truth and testimony: the Process and the struggle*. In Caruth, C. (org.). **Trauma:** *Explorations in memory* (pp. 61-75). Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1995.

LASCH, Cristopher. **A Cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro, Imago, 1983.

LEBRUN, J.-P. **O futuro do ódio**. Porto Alegre: CMC, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: UNICAMP, 1994.

._____. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**.2. ed., trad. de Irene Ferreira (et al.), Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992, p. 419-476.

LEIRIS, Michel. **Miroir de la tauromachie**. Paris: Fata Morgana, 2005.

LEVI, Primo. **É isto um homem?**. Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

._____. **Os afogados e os sobreviventes**: *os delitos, os castigos, as penas, as impunidades.* Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
._____. **Se questo è un uomo**: *la tregua*. Torino: Einaudi, 1989.

._____. **Trilogia de Auschwitz**. Barcelona: El Aleph, 2005.

._____. DE BENEDETTI, Leonardo; Organização LEVI, Fábio; SCARPA, Domenico. **Assim foi Auschwitz**: *testemunhos 1945-1986*. Tradução Federico Carotti. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

._____. **O sistema periódico**. Trad. Maria do Rosário Pedreira. Lisboa: Teorema, 2013.

._____. **A assimetria e a vida**: *artigos e ensaios 1955-1987*. Organização Marco Belpoliti. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

._____. **71 contos de Primo Levi**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

LUCREZI, Francesco. **Laparola di Hurbinek: morte di Primo Levi**. Firenze: Giuntina, 2005.

MACEDO, Luciola Freitas de. **As metamorfoses da coisa**: *modos de apresentação do real nos escritos de Primo Levi*. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

MACHADO, Roberto. **O Nascimento do Trágico**: de Schiller a Nietzsche. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

MAYER, Stephen. **Bearing Witness to the Holocaust**: *How the First Video Archive of Holocaust Testimonies Was Established*. Disponível em: <http://www.holocausttestimonies.com>. Acesso em 13 Mar. 2016.

MEDEIROS, Margarida. **Fotografia e narcisismo**: o autorretrato contemporâneo. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

MERCADO, Tununa. **Testemunho, Verdade e literatura**. In: GALLE, Helmut (et al.) (Orgs.). Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Annablume; FAPESP; FFLCHUSP, 2009, p. 31-36.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 3ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Martins Fontes, 2006.

MULLER, Fernanda. "Auschwitz e o Desafio da Representação", **Anuário de Literatura** v. 13, n. 1, UFSC, 2008.

NANCY, Jean-Luc. **À Escuta**. Belo Horizonte. Edições Chão de Feira, 2014.

NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da moral, uma polêmica**. 6ª reimpressão. Trad. Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

NOBREGA, T. P. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Livraria da física, 2010.

OLIVEIRA, Lucas Amaral de. **Primo Levi e os rumores da memória**: *limites e desafios na construção do testemunho*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). USP, São Paulo, 2013.

PADRÓS, Enrique Serra. **Usos da Memória e do Esquecimento na História**. Letras, n. 22: "Literatura e Autoritarismo", Santa Maria/RS, p. 79-95, jan./jun. 1991.

PEREC, Georges, L. G., **Une Aventure des années soixante**, Paris, Le Seuil, 1992.

PIGLIA, Ricardo. **Uma proposta para o novo milênio**. Disponível em: <http://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2015/06/cad02.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2019.

PLATÃO. **Diálogos**. In:_____. Fédon. 1ª edição. Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1972.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, v. 5, n. 10, Rio de Janeiro, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Trad.: Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental org.; Ed. 34, 2009.

RICHARD, Nelly. **Intervenções críticas**: arte, cultura, gênero e política. Trad. Romulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al.]. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2010.

._____. **O justo ou a essência da justiça**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

._____. **O conflito das interpretações**, Porto: Rés, 1990.

._____. **O perdão pode curar?** In: HENRIQUES, Fernanda (Org.). Paul Ricoeur e a simbólica do mal. Porto: Edições Afrontamento, 2005. Disponível em: < http://www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/Ricoeur_02.pdf>. Acesso em 12 de jan., 2018.

RODHES, Richard. **Mestres da morte: a invenção do holocausto pela SS nazista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ROTH, Philip. **Entre nós**: *um escritor e seus colegas falam de trabalho*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RUIZ, Castor Bartolomé. **Os Paradoxos do Imaginário**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. "Ficção e imagem, verdade e história: sobre a poética dos rastros". **Dimensões**, vol. 30, 2013.

._____. **O local da diferença**: ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo, Editora 34, 2005.

._____. **História, memória, literatura***: o testemunho na era das catástrofes*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

._____. **Narrar o trauma**: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia clínica*, v. 20, n.1, Rio de Janeiro, pp. 65-82, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103- 56652008000100005&script=sci_arttext; Acesso em: 21 mar. 2016.

._____. **"Zeugnis" e "Testimonio"**: um caso de intraduzibilidade entre conceitos. Letras, n. 22: "*Literatura e Autoritarismo*", Santa Maria, RS, p. 121-130, jan./jun. 2001.

._____. **Testemunho e a política da memória**: o tempo depois das catástrofes. Proj. História, São Paulo, (30), p. 71-98, jun. 2005. Disponível em: http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume30/04-Artg-(Marcio). pdf. Acesso em: 25 maio. 2017.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Trad.: Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 1988.

SINNREICH, Helene. **Sexual Violence against Jewish Women During the Holocaust**, edited by Sonia Hedgepeth and Rachel Saidel, Massachusetts: Brandeis University Press, 2010.

SOFSKY, Wolfgang. **The Order of Terror**: *The Concentration Camp*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1997.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

._____. **Sobre fotografia**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

._____. **Ao mesmo tempo**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

STEPHEN, Mayer. **Bearing Witness to the Holocaust**: *How the First Video Archive of Holocaust Testimonies Was Established*. Disponível em: http://www.holocausttestimonies.com/mainframe.htm ; Acesso em: 13 Mar. 2016.

TRAVERSO, Enzo. **Auschwitz e gli intellettuali**. Bologna: Mulino, 2004.

THOMAS, Brook. **The New Historicism and Other Old-fashioned Topics**. Princenton: Princenton U P, 1991. Print.

TAL, Kali. **Worlds of Hurt**: *Reading the Literature of Trauma*. Cambridge U P, 1996.

TUCHERMAN, Ieda. **Breve história do corpo e de seus monstros**. Lisboa: Vega, 1999.

WHITE, Hayden. **A poética da história**. In: WHITE, Hayden. Meta-história: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995, p. 11.

._____. **The Historical Text as Literary Artifact**. Ed. Adams & Leroy Searle, eds. *Critical Theory since 1965*. Tallahassee: UP of Florida, 1986.

WIESEL, Elie. **A noite**, 3. ed. Rio de Janeiro : Ediouro, 2006.

._____. **The Nobel Peace Prize 1986**: *Elie Wiesel's Acceptance Speech*. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/nobel_prizes/peace/laureates/1986/wiesel-acceptance_en.html>. Acesso em 04 de dezembro de 2017.

WIEVIORKA, Annette. **Déportation et genocide**. Paris: Plon, 1992.

YAD VASHEM. Disponível em: <http://www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%206474.pdf>. Acesso em 05 set. 2015.